



**Assim
Como**

JULGARMOS

Olhando além do véu do Julgamento Investigativo

ADRIAN EBENS

ASSIM COMO JULGAMOS

ADRIAN EBENS

*Em memória de Carolyn Hullquist,
que partiu para o seu descanso a 4 de Julho de 2019
Amada irmã em Cristo*



fatheroflove.info

4 DE JULHO, 2020

Conteúdos

| | |
|--|-----|
| 1. É melhor que tenha cuidado | 6 |
| 2. O Dia do Julgamento..... | 12 |
| 3. Justiça e Julgamento..... | 18 |
| 4. A Origem do Julgamento que Condena | 24 |
| 5. Perceção, Projeção e Realidade..... | 29 |
| 6. Amaldiçoada é a Terra por Tua Causa | 33 |
| 7. Eis aqui o Homem..... | 37 |
| 8. Julgando o Pai | 40 |
| 9. Revelação do Pai | 45 |
| 10. Nem eu te Condeno | 51 |
| 11. A Lei é Espiritual | 56 |
| 12. Escrito nas Tábuas do Coração | 59 |
| 13. Os meus Pensamentos não são os Teus Pensamentos..... | 65 |
| 14. O teu Caminho, Ó Deus, está no Santuário..... | 68 |
| 15. Os Livros foram Abertos e o Julgamento Estabeleceu-se..... | 75 |
| 16. Deixaste o Teu Primeiro Amor | 85 |
| 17. Rio Incandescente ou Chama Ardente? | 93 |
| 18. A Linguagem da Força do Mal | 98 |
| 19. Contextualizando o Juízo do Pré-Advento..... | 103 |
| 20. O Tempo da Provação de Jacob | 112 |
| 21. Da Ofensa de um só Homem veio o Julgamento | 119 |
| 22. O Trono do Julgamento de Cristo | 125 |
| 23. A Purificação do Santuário e o Dia da Expição | 130 |
| 24. Sem um Intercessor | 142 |
| 25. Cronos e o Fim da Provação | 147 |
| 26. Purificação e Aperfeiçoamento do Templo Espiritual | 157 |

1. É melhor que tenha cuidado

A antecipação alegre de milhões de crianças por todo o mundo na noite de 24 de dezembro não pode ser verdadeiramente estimada. Árvores de Natal cintilantes erguem-se orgulhosamente pelos cantos e grandes placas com «Bem-vindo, Pai Natal» apelam a que esta misteriosa figura do Pólo Norte que venha e as abençoe com presentes.

Todas estas crianças inocentes passam por uma experiência semelhante à do apóstolo João, no Livro da Revelação. A alegria inocente de uma infância natalícia é doce na boca, mas a tomada de consciência de que o Pai Natal é uma fantasia completa é, para muitos, amarga na barriga.

O costume do Natal revela muito sobre a humanidade. Por que os pais procuram convencer as suas crianças de algo que é falso? Em suma, por que os pais mentem aos seus filhos sabendo que estes eventualmente terão de passar pelo confuso desapontamento de que se trata de uma completa invenção?

A experiência do Natal na Austrália é ainda mais estranha. Na Austrália, dezembro é a meio do verão; portanto a imagem de renas, neve e um grande Pai Natal, vestido com um fato quente, é muito estranha, de facto. Muitas vezes, o dia de Natal pode atingir temperaturas de 35 graus centígrados, ou mais elevadas, que deveriam derreter as aspirações do mais ardente admirador do Pai Natal, mas não! A lenda continua com todas as suas anomalias, estranhezas e, claro, felizes presentes e encantadores doces para consumir.

O Pai Natal materializa muitas coisas da psicologia humana que merecem reflexão. À parte da época representar aspirações comerciais e materiais de vendedores e consumidores, a letra de uma muito famosa canção do Pai apela à percepção humana de como a vida se entende.

O Pai Natal Vem a Cidade
É melhor que tenhas cuidado
É melhor que não grites
É melhor que não faças beicinho
Digo-te porque
O Pai Natal vem à cidade

Ele está a fazer uma lista,
Vai descobrir quem é mal ou bem comportado
O Pai Natal vem à cidade
Vê-te enquanto dormes
E sabe quando estás acordado
Sabe se foste mau ou bom
Por isso sê bom por amor à bondade

O doador de presentes tem um lado menos doce. Na verdade, mantém uma lista de todas as coisas que faz. Aparentemente, tem o poder da onipresença, e pode vê-lo enquanto dorme e enquanto está acordado. Verifica a lista pelo menos duas vezes para descobrir se foi desobediente ou bem comportado.

Desde os nossos primeiros anos, ensinam-nos que estamos a ser cuidadosamente observados e que tudo que fazemos está a ser registado no Pólo Norte. O contexto inteiro é de medo, pois *é melhor que tenha cuidado!* Está a ser observado e há o perigo de não receber um belo presente se se tiver portado mal. Em algumas versões, recebe um mau presente, como um pedaço de carvão ou pior.

O paradoxo do Pai Natal parece escapar a muitos. Este homem velho e alegre que traz presentes e brinquedos está, na verdade, a dirigir uma operação de vigilância global, e usa os seus presentes de forma a efetuar mudança no seu comportamento, para torná-lo uma pessoa melhor; um melhor cidadão do estado.

O paradoxo em Santa Claus pode estar relacionado com um paradoxo semelhante observado, dentro de Cristandade, pelo senhor Kames, um jurista escocês, historiador e filósofo do século XVIII.

«A religião cristã», escreveu ele, «é eminente para um espírito de brandura, tolerância e amor fraternal; e, ainda assim, uma perseguição nunca rugiu tão furiosamente em nenhuma outra

religião». Kames chamou a este conflito entre princípio cristão e prática «um fenómeno singular na história do homem».1

Naturalmente, Kames não foi a primeira nem a última pessoa a observar este paradoxo. Como pode a religião de Jesus, que ensina o amor, a clemência e a compaixão por todos, produzir em muitos dos Seus supostos seguidores um comportamento de tal forma controlador e forçado?

Ao cavarmos mais fundo na história cristã descobrimos na figura imponente de Agostinho um pensamento que ele empregou para justificar o princípio do uso da força.

Quando Agostinho (o primeiro teólogo cristão a desenvolver uma defesa sistemática da perseguição) foi desafiado por críticos a nomear um incidente onde Jesus tivesse usado a coerção em vez da persuasão, este tirou um ás da sua manga. Esta foi a famosa história (Actos 9:1-18) da viagem de Paulo, no caminho até Damasco. Enquanto ia a caminho para perseguir cristãos, Paulo (então conhecido como Saulo) caiu à terra quando ouviu a voz de Jesus e foi cegado por uma luz brilhante. Esta conversão de Paulo, segundo Agostinho, claramente implicou a compulsão, pois Cristo «usou o seu poder de derrubar Paulo» e também «o atingiu com a cegueira física» (uma deficiência que durou três dias). Assim chegou Paulo «ao Evangelho sob a compulsão de uma punição física» e assim foi refutado o argumento toleracionista de que Cristo nunca usou a força física — pelo menos nas mentes de Agostinho e muitos cristãos posteriores, que repetiram o seu argumento.²

A interpretação de Agostinho desta história é curiosa quando analisada à luz das palavras de Jesus de que «não resistais ao mal», querendo dizer que não é dado às nossas mãos forçar os outros a fazer o bem.³

¹[https://www.libertarianism.org/publications/essays/excursions/notes - persecution-toleration-history-christianity](https://www.libertarianism.org/publications/essays/excursions/notes-persecution-toleration-history-christianity)

² Neste mesmo lugar

³ <http://maranathamedia.com/book/view/resist-not-evil>

De qualquer dos modos, Agostinho desenvolveu disto a doutrina da «guerra justa», como uma base para proteger a paz e punir a maldade.⁴ Para conservar a paz, a lei e a ordem, os cidadãos de qualquer nação que opera debaixo destes princípios necessitam de vigilância e de punição quando o bem comum é violado «... há uma perseguição justificada, que a igreja de Cristo inflige ao ímpio». (Agostinho, *Carta a Bonifácio*)⁵

Qual foi o fruto histórico da ideia de Agostinho da perseguição justa? Foi o desenvolvimento de ideias de Agostinho na igreja medieval, com todas as suas inquisições, cruzadas e a matança de milhões de supostos heréticos. Não foi o amor de Cristo que compeliu aqueles cristãos, mas sim a ameaça de julgamento e morte. Os nossos sistemas governamentais mudaram, mas quanto da nossa teologia subjacente se terá modificado?

Historicamente, na Cristandade, os homens pegaram em algumas menções a *hades* e *sheol* (normalmente traduzido como «sepultura») na Bíblia e extrapolaram-nas para imaginar cenários terrivelmente perturbadores da tortura que será feita aos inimigos de Deus, que são nossos inimigos, num reino que inventámos e a que chamámos «inferno».

Terão as coisas mudado, nos dias de hoje? Não, continuamos infatuados com o julgamento e a morte, mesmo que o pano de fundo das nossas fantasias se tenha alterado. Sabemos que isto é verdade por quão propensos somos a imaginar a vingança sobre os nossos inimigos. É um dos enredos arquetípicos que se repetem vezes sem conta nos romances e filmes, e se retratam normalmente o mais violenta e sangrentamente possível.

O Apóstolo Paulo apresenta-nos uma compulsão completamente interna para o motivo pelo qual devemos desejar seguir Cristo, em vez da compulsão externa defendida por Agostinho.

Pois o amor de Cristo nos constringe, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. (NKJV) 2 Coríntios 5:14

⁴ https://en.wikipedia.org/wiki/Just_war_theory

⁵ <https://egregores.blogspot.com/2010/10/augustine-in-defense-of-of-torturing.html>

A doutrina de Cristo ensina-nos que o amor extraordinário de Deus, revelado em Cristo, se torna a base de uma compulsão interna para amar todos que o rodeiam. Esta experiência não é tida naturalmente, como Paulo explica na Epístola aos Gálatas, quando fala da criança que é constrangida pelos seus tutores.

O que digo é que, por todo o tempo em que o herdeiro é menor de idade, em nada difere de um escravo, ainda que seja senhor de tudo. Gálatas 4:1-2 (NIV)

A alma não convertida sente-se uma escrava controlada por regras infligidas por guardiões, até que atinja à idade adulta. A modificação que tem lugar é a de que o Espírito de Cristo entra no homem para revelar-lhe como o Pai é verdadeiramente.

Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido de acordo com a lei, para redimir aqueles que viviam de acordo com a lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. Porque sois filhos, **Deus enviou o Espírito de seu Filho aos nossos corações, o espírito que clama: «Aba, Pai».** Portanto não és mais servo, mas filho de Deus; e, já que és filho, **Deus fez-te também herdeiro.** Gálatas 4:4-7 (NIV)

Sem o Espírito de Cristo, que entra no coração clamando «Aba, Pai», a alma permanece no estado de sentir-se como um servo governado por outros. O coração não convertido move-se inconscientemente na direção de uma forma totalitária do governo, mesmo enquanto protesta contra o mesmo. Sem a compulsão interna do amor de Cristo, o Reino de Deus é governado por governadores e líderes que devem infligir a punição na pessoa, de forma a substituir a falta da compulsão interna inspirada pelo amor.

É por isso que tantos comentadores que avisam da vinda da Nova Ordem Totalitária Mundial, e protestam contra a mesma, acabam por assistir a formação destes tipos de governo, pela obsessão de falarem constantemente disso e prepararem os ouvintes para uma tal transição de governo.

O mundo em que vivemos é o produto das decisões que a raça humana tomou em resposta ao amor auto-sacrificante e gentil de Cristo. Há dois mil anos tivemos, enquanto raça, um vislumbre de Deus, que poderá transformar totalmente as nossas perceções de justiça e os nossas motivações mais fortes na vida. O molde foi lançado no quarto século depois de Cristo, quanto a Cristandade tomou a forma de uma igreja imperial e universal unida ao estado. Este sistema quer sempre mais poder para regular os pensamentos e crenças dos seus súbditos, independentemente da forma de governo que adote, porque isto é o que o Homem procura para que se sinta seguro. Como resultado, através do progresso incremental da tecnologia, da educação e da engenharia social, vivemos atualmente no ambiente de mais alta vigilância que o mundo já conheceu.

De Agostinho a Aquino, até ao Pai Natal que vem à cidade, a necessidade de listas e de medo da punição para regular as nossas sociedades está entrincheirado universalmente. Neste livro oferecemos uma perspetiva diferente, mas temos primeiro de traçar o desenvolvimento das perceções do julgamento divino. Se Agostinho foi capaz de convencer o mundo cristão de que Cristo usou força sobre Paulo para o obrigar a juntar-se à igreja, então qual seria a perceção resultante do julgamento de Deus, à medida que as pessoas liam as Escrituras nas igrejas?

2. O Dia do Julgamento

Há uma memória de que me recordo distintamente por ter falado com um grupo de cristãos no noroeste dos Estados Unidos da América. Enquanto lhes falava do amor de Deus e da sua eterna misericórdia, estavam atordoados. Depois da minha apresentação, uma jovem perguntou-me: «Se retirarmos a ameaça da punição, o que levará o pecador a arrepender-se? Não será necessária a ameaça da punição para que alguém ajude um pecador a entender a sua perdição?»

Senti uma tristeza dentro de mim enquanto ouvia as palavras assombrosas de Agostinho repetidas por esta pessoa jovem, sincera e encantadora. No entanto, este é o quadro que a Cristandade pintou nos últimos 1500 anos. Um dos mais capazes pregadores do século XX, Billy Graham, di-lo tão diretamente quanto o entendeu.

A Bíblia declara que Deus é um Deus de julgamento, ira e raiva. Repetidas vezes Jesus avisou contra o julgamento: «Cada palavra ociosa que os homens falem terá de ser justificada no dia do julgamento». (Mateus 12:36)

«O Filho do Homem enviará os Seus anjos e estes reunirão fora do Seu reino todas as coisas que ofendem, e atirá-las-ão para uma fornada de fogo. Haverá lamento e ranger de dentes». (Mateus 14:41-42)

Os apóstolos ensinaram por todo o Novo Testamento que o julgamento virá. O Apóstolo Paulo disse: «Ele definiu o dia em que julgará o mundo na sua justiça pela mão do Homem que Destinou». (Atos 17:31)

O autor do Livro dos Hebreus escreveu, «Está destinado ao homem morrer uma vez, mas depois do seu julgamento». (Hebreus 9:27)

Eles «darão um testemunho Àquele que está pronto a julgar os vivos e os mortos», disse Pedro em 1 Pedro 4:5.

O Apóstolo João expressou-o desta forma: »Os reis da Terra, os grandes homens, os homens ricos, os comandantes, os

homens poderosos, todos os escravos e cada homem livre, esconderam-se nas caves e nas rochas das montanhas, e disseram às montanhas e às rochas, «Caíam sobre nós e escondam-nos do rosto d’Aquele que se senta no trono e da ira do Cordeiro! Pois o grande dia da Sua ira chegou, e quem é capaz de subsistir?» (Revelações 6:15-17)

Centenas de passagens apontam para um tempo de julgamento para cada pessoa que jamais viveu – ninguém escapará. Se se retirasse da Bíblia todas as referências ao julgamento, não sobraria Bíblia sequer.

Deus ofereceu o seu amor e clemência e perdão ao homem. Da cruz, Deus disse a todo o mundo, «Amo-o». Contudo, quando esse amor é deliberadamente rejeitado, a única alternativa é o julgamento.⁶

Lendo as passagens da Bíblia que o Pastor Graham cita, parece inescapável que a ira de Deus caía sobre todos aqueles que se portaram mal e, tal como o alegre homem do Pólo Norte, o Deus dos Céus mantém um registo das atividades que usará contra todos aqueles que fizeram o mal. Se não aceitar a oferta do Seu filho, este usará de força para terminar a sua vida, em castigo pela sua maldade insubordinada.

É inconcebível aventurarmo-nos numa esfera onde não é requerida força para manter a lei e a ordem na sociedade. Isto parece razoável, como o Pastor Graham explica.

Contudo, este tipo de deus daria lugar a um mundo irracional. Seria caótico, irresponsável, auto-destrutivo. Seria impossível viver com certezas nesse tipo de mundo. Para ter sentido, a vida tem de ser baseada em leis e num legislador.⁷

Como se pode ordenar uma sociedade sem a ameaça de punições a serem infligidas pelo fracasso de se conformar com a lei? Não ameaçou Deus Adão e Eva que morreriam se comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal? Os livros de Moisés estão cheios de

⁶ <https://decisionmagazine.com/justice-of-god/>

⁷ Ibid

instruções sobre as punições que deveriam ser aplicadas aos praticantes do mal na nação de Israel. Parece perfeitamente lógico que a ameaça da punição seja aplicada aos que desobedecem.

Qual é a punição que a Cristandade indica habitualmente aguardar aqueles que não obedecem às regras? O catecismo católico declara:

Jesus falava frequentemente de «Geena» ou o «fogo inextinguível», reservado àqueles que no final das suas vidas recusam acreditar e serem convertidos, onde tanto a alma como o corpo podem ser perdidos. Jesus proclamou solenemente que «enviará os seus anjos, e que estes reunirão... todos os praticantes do mal, e os enviarão para a fornalha de fogo», e que pronunciará a condenação: «Afastem-se de mim, amaldiçoados, para o fogo eterno! «Os ensinamentos da Igreja afirmam a existência do inferno eterno. Imediatamente depois da morte, as almas dos que morrem num estado de pecado mortal, descem até ao inferno, onde sofrem as punições do inferno, o «fogo eterno». A punição principal do inferno é a separação eterna de Deus, em quem o homem pode encontrar a vida e a felicidade para o qual foi criado e a qual anseia.⁸

O sofrimento eterno nas chamas do inferno é o último uso da compulsão externa para forçar as pessoas a submeterem-se à lei e à ordem de Deus. Pela sua verdadeira natureza, a ameaça desta tortura e punição requer vigilância, examinação e julgamento se a pessoa é merecedora da vida eterna na companhia de Deus, no Céu, ou da maldição eterna no inferno.

A maior parte das pessoas conhece a frase «ver o macaco, imitar o macaco». As nossas perceções do que Deus é refletem-se na forma como vivemos. Copiamos a forma de Deus que tivermos imaginado. Até aqueles que estão tão enraivecidos pela ideia de uma divindade que tortura os pecadores para sempre acabam por substituir o reino divino pelo humano. A história da humanidade, manchada com visões tirânicas da divindade, representa esses mesmos padrões de tirania, como

⁸ https://en.wikipedia.org/wiki/Christian_views_on_Hell

evidenciado em eventos como a revolução francesa, Estaline, Mao, e outros.

Vivendo num ambiente cultural saturado de ideias de vigilância, exame e julgamento, aprendi a viver uma vida secreta. De forma a evitar os olhos controladores dos pais, professores e da autoridade em geral, escondia instintamente coisas. O medo da punição através da vigilância traduzia-se em encontrar formas de evitar ser observado.

O medo de ser descoberto revela-se hoje através da exposição digital de informação que revela os segredos interiores que mantemos. Ninguém que use a esfera digital está a salvo. Há uma estranha ironia no *hacking* e na exposição da informação dos namoros *online* e dos serviços de acompanhantes que revelam a infidelidade de milhões de pessoas.⁹

Muitos de nós tornámo-nos conscientes que o discurso que inserimos nas aplicações de texto sai dos nossos telefones e captura frases-chave que subitamente aparecem em anúncios ou em conteúdos do YouTube relacionados com o que havíamos discutido privadamente. A nossa sociedade constrói-se nos princípios-chave da vigilância, julgamento e punição.

Neste contexto, é fácil ler a Bíblia do mesmo ponto de vista. Veja-se, por exemplo, Daniel, 7.

Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de Dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a limpa lã;... Um rio de fogo manava e saía diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Daniel 7:9-10

A imagem aqui leva-nos a uma cena num tribunal gigante onde toda a vigilância reunida é verificada e cada pessoa enfrenta a sua respetiva recompensa ou, mais provavelmente, a sua provável punição. Este é o lado sério da história do Pai Natal. Não estamos mais a lidar com as normas com que julgamos as crianças; estamos a lidar com Deus Todo-Poderoso, cujos padrões são infinitamente altos. Daniel, 7, apresenta-

⁹ https://en.wikipedia.org/wiki/Ashley_Madison_data_breach

nos uma visão de Deus que não é conduzido por um trenó de renas no Pólo Norte, mas que envia fogo do seu trono magéstico, rodeado com uma *entourage* celestial capaz de inflingir a morte aos praticantes do mal.

Podemos virar-nos para Jesus para conforto, mas depois lemos as suas palavras e trememos:

Mas digo-lhe que por cada palavra ociosa que o homem diga, dará testemunho no dia do julgamento. Já que pelas suas palavras terá de se justificar, e por essas palavras será condenado. Mateus 12:36-37

Entre pelo portão estreito; já que largo é o portão e largo é o caminho que leva à destruição, mas muitos entram por ele. Pois estreito é o portão e difícil é o caminho que leva à vida, e há poucos que o encontram. Mateus 7:13-14

É nesta linha de pensamento que o jovem Martinho Lutero, oficiando o seu primeiro serviço religioso, foi subjugado pelo pensamento sobre a majestade de Deus.

Pensei para mim próprio, «Com que língua hei de adereçar tal majestade, tendo em conta que todos os homens devem tremer na presença de tal príncipe terreno? Quem sou, que deva levantar os meus olhos ou erguer as minhas mãos a tal Majestade divina? Os anjos rodeiam-no. Num aceno seu, a terra treme. E devo eu, este miserável pigmeu, dizer ‘Quero isto, peço aquilo’? Pois sou pó e falo do Deus que vive, eterno e verdadeiro».¹⁰

É este tipo de medo que leva ao tormento. Na progressão do pensamento de Lutero vemos expressa a conclusão natural.

Não posso acreditar que algo que pensei ou fiz ou rezei satisfaz Deus. Não amei, não, odiei o Deus que pune os pecadores.

¹⁰ Roland Bainton, aqui estou (NAL, 1978)

Certamente e com queixumes intensos (talvez até blasfêmia) estava aborrecido com Deus, e disse, «Como se não fosse suficiente que os pecadores miseráveis que estão eternamente perdidos pelo pecado original e que são esmagados novamente por cada calamidade, através dos Dez Mandamentos, o próprio Deus adiciona dor a dor no evangelho, ameaçando-nos com a Sua justiça e ira!¹¹

Não será isto o resultado inevitável de uma pessoa que monitoriza, verificando se fizeram a coisa errada e ameaçando punição pelo fracasso? Não indica todo este processo que a divindade espera fracasso e pode assim, na verdade, facilitar o processo do fracasso?

A Cristandade raciocina que a justiça de Deus exige punição e, em resposta, Deus oferece o seu Filho como sacrifício expiatório. Para satisfazer a ira de um Deus ofendido, cuja lei foi violada, Deus oferece o Seu próprio Filho, para pagar a nossa pena de morte. Isto é apresentado como clemência. A morte que merecemos é paga pelo Filho de Deus.

A questão que pede resposta é: quem teve a ideia de que a justiça requer a morte do transgressor?

¹¹ Os Trabalhos de Lutero, Volume 34, p. 336-338

3. Justiça e Julgamento

Para os estudantes de história, o concurso entre o direito divino dos reis e as regras da lei como administradas por um parlamento eleito parecem representar duas noções diferentes de governo. Talvez tenha sido mais do que coincidência que nos dois filmes que representam a vida de Júlio César e de Oliver Cromwell se tenha encontrado o mesmo ator: Richard Harris.¹² Oliver Cromwell levou o parlamento de Inglaterra a executar o seu rei, Charles I, por traição contra o povo. Júlio César moveu-se contra a república de Roma para estabelecer o início do Império Romano. A lealdade dos seus soldados e as suas vitórias militares foram a base da sua tomada de poder.

Independentemente de qual nações é regida pela monarquia ou pela democracia, há apenas uma coisa sobre a qual todos concordamos: o uso da força para dar poder às leis que o representam.



A regra da lei define-se no dicionário inglês Oxford (*Oxford English Dictionary*) como: «A autoridade e influência da lei na sociedade, especialmente quando vista como uma limitação ao comportamento individual e institucional; (daí que) o princípio pelo qual todos os membros da sociedade (incluindo os do governo) estão igualmente sujeitos aos códigos e processos legais publicamente divulgados.» Este quadro-mosaico mostra uma mulher com um ramo de palmeira para conferir recompensas e uma espada

para impor punições sobre aqueles que quebram a lei.

¹² [https://en.wikipedia.org/wiki/Cromwell_\(filme\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Cromwell_(filme)),
[https://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Caesar_\(minisérie\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Caesar_(minisérie))

A teoria do direito Divino que dominou a sociedade durante a Idade Média modelou a sua visão do monarca enquanto representante de Deus.

O bispo Jacques-Bénigne Bossuet (1627–1704), um dos principais teóricos franceses do direito divino, afirmou que a pessoa e a autoridade do rei eram sagradas; que o seu poder era modelado naquele do de um pai e era absoluto, derivando de Deus; e que ele era governado pela razão (i.e., costume e precedente).¹³

É neste contexto que os tradutores da Bíblia, durante a Idade Média, enquadraram o seu entendimento de justiça.

Justiça e julgamento são a base do teu trono: clemência e verdade vão adiante do teu rosto. Salmo 89:14

Nuvens e escuridão adensam-se em seu redor: a justiça e o juízo são a casa do seu trono. Um fogo passa ante ele e queima os inimigos que o rodeiam. Os seus relâmpagos iluminam o mundo: a terra viu e tremeu. As colinas derreteram como cera perante a presença do SENHOR, perante a presença do Senhor de toda a terra. Salmo 97:2-5

É o princípio da força que parece estar subjacente à majestade de Deus.

Pois eu levanto a minha mão ao céu e digo, vivo para sempre. Se afiar a minha espada brilhante e a minha mão tomar o julgamento; tomarei vingança sobre os meus inimigos e recompensarei os que me odeiam. Farei as minhas flechas bêbadas de sangue e a minha espada devorará a carne; e com o sangue da matança e dos capturados, do começo das vinganças sobre o inimigo. Deuteronômio 32:40-42

É quase universalmente aceite que a soberania de Deus e, conseqüentemente, de todos os líderes da comunidade que governam entre as pessoas, baseia a justiça no poder para empunhar a espada (i.e.,

¹³ <https://www.britannica.com/topic/divine-right-of-kings>

o uso da força para compelir). A justiça serve para julgar as ações como boas ou más e, conseqüentemente, recompensar o bem e punir o mal.

É, conseqüentemente, a ameaça da punição com a morte que, paradoxalmente, preserva a vida. Estendendo esta ideia, lemos coisas como esta no pensamento Cristão:

Fundado no Seu caráter honrado, a exigência de Deus para a vida eterna nunca se modificou. Deus não altera o Seu padrão de retidão porque nos recusamos a obedecer, mais do que um juiz altera o limite de velocidade quando recebemos uma multa por excesso. O pecado de Adão acrescentou a penalidade da morte física e espiritual pela desobediência à dívida de obediência perfeita. Sem exceção, o perdão dos pecados e a vida eterna são impossíveis sem a perfeita satisfação da justiça de Deus. **Deus não seria Deus se Ele compromettesse a Sua justiça para salvar uma única alma.**¹⁴

No coração da teologia cristã está a noção de que a morte inflingida no transgressor da Sua lei é a justiça de Deus. Esta ideia baseia-se no pensamento de que o trono de Deus se estabelece sobre o trono da morte. O seu trono estabelece-se também, aparentemente, sobre o juízo e condenação daqueles que transgridem a Sua lei.

No entanto, nos Salmos, 89, lemos que a misericórdia vem antes do rosto de Deus. Como combinamos misericórdia com esta noção de justiça que exige a morte do transgressor? Consideremos a raiz da palavra inglesa *mercy* (misericórdia, clemência).

Mercy, misericórdia (Inglês Médio, do anglo-francês *merci*, do latim medieval *merced-*, *merces*, do latim «preço pago, salário», de *merc-*, *merxi* «*merchandise*», mercadoria) é benevolência, perdão e bondade numa variedade de contextos éticos, religiosos, sociais e legais.¹⁵

Misericórdia (*mercy*) é invocada por um preço ou salário pagos. Assim, nesta definição, a misericórdia pode invocar-se se a dívida à justiça for

¹⁴ <https://bible.org/article/god-s-perfect-and-unchanging-justice-ground-gospel>

¹⁵ <https://en.wikipedia.org/wiki/Mercy>

saldada. A justiça tem de ser satisfeita para manter a sua honra e integridade. Por isso, se o montante da dívida for pago, independentemente de quem o pague, a justiça mantém a sua integridade, então a clemência pode ser concedida. Isto introduz a teoria cristã de reconciliação chamada Substituição Penal.

A substituição penal (às vezes, esp. nos escritos mais antigos, chamadas de teoria forênsica) [1][2] é uma teoria de expiação dentro da teologia cristã que defende que Cristo, pela sua própria escolha sacrificial, foi punido (penalizado) no lugar dos pecadores (substituição), satisfazendo assim as exigências da justiça, de forma a que Deus possa, justamente, perdoar o pecado.¹⁶

O significado da palavra *mercy* carrega esta ideia de salário e de dívida pagas. Na tradição protestante, esta dívida pode apenas ser paga através da morte de Cristo no nosso lugar. Na tradição romana, uma pessoa pode adicionar mérito através da realização de atos de bondade, de forma a ajudar a salvar a sua alma.¹⁷

Em suma, observamos que as perceções humanas da justiça, tanto das Escrituras como pela humanidade em geral, baseiam-se no princípio que a punição severa ou até a morte são necessárias para aplicar os princípios da lei.

Por isso, este sistema requer vigilância, julgamento, condenação e morte. Estas coisas são inerentes ao conceito de justiça. A questão que deve ser colocada é, pode este sistema de justiça produzir uma sociedade livre e sem medo? Se Deus na Sua verdadeira natureza é o arquiteto da morte e o último soberano que inflige a morte, então não é Deus Ele Próprio, a Sua verdadeira essência, a personificação da morte? Se Deus monitoriza toda a nossa ação e pesa-a em relação ao seu padrão divino para ver se estamos à altura do mesmo, então como poderá haver alguma vez um local onde os Seus sujeitos sejam livres do terror da morte? Deus está para sempre associado a julgamento, condenação e morte.

¹⁶ https://en.wikipedia.org/wiki/Penal_substitution

¹⁷ [https://en.wikipedia.org/wiki/Merit_\(cristandade\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Merit_(cristandade))

É nesta arena que desejo colocar perante vós três passagens da Bíblia como trampolim para o resto deste livro.

Pois o Pai não **julga** ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho, João 5:22

Vós julgais segundo a carne; Eu [Jesus] não julgo ninguém. João 8:15

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se gaba, não é orgulhoso. Não desonra os outros nem se serve a ele próprio. Não se irrita facilmente, **não mantém um registo dos erros**. 1 Coríntios 13:4-5 (NIV)

Estas três passagens desafiam diretamente as ideias de justiça e de julgamento baseadas na ideia da morte. Jesus diz-nos que nem o seu Pai nem Ele próprio julgam, condenam ou tentam punir alguém.¹⁸ O grande capítulo de amor da Bíblia diz-nos que o amor não mantém um registo dos males cometidos. Deus é amor e este amor perfeito de Deus lança ou retira todo o medo. (I João 4:8,18). Ao contrário do Pai Natal, que tem uma lista ou inventário do bem e do mal, Deus não o faz. Se Ele não mantém uma lista ou inventário, então o conjunto de princípios sobre os quais a humanidade perceciona e entende a justiça e o julgamento está incorreto. Como Jesus nos disse, «vós julgais de acordo com a carne.» A Bíblia diz-nos:

Deixe o pecador o seu caminho e o homem injusto, os seus pensamentos: e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, pois este perdoá-lo-á abundantemente. Pois os meus pensamentos não são os teus pensamentos, e nem a minha maneira, a tua maneira, disse o SENHOR. Pois os céus são mais altos do que a terra, tal como a minha maneira mais alta do que a tua maneira, e os meus pensamentos mais altos do que os teus pensamentos. Isaías 55:7-9 (tradução livre)

¹⁸ A palavra grega do juiz aqui é Krino que neste caso significa decidir, tentar, condenar, punir.

Temos a certeza de que entendemos a justiça de Deus corretamente? Como podemos explicar estes textos da Bíblia e lê-los em harmonia com muitos outros que parecem dizer o oposto? Como pode o amor não manter um registo do mal, quando o sistema de justiça que consideramos exige tal processo? Estas ideias são contraditórias e o nosso trabalho é tentar resolver, com oração, esta contradição, de forma a que a verdadeira justiça e clemência de Deus nos sejam reveladas.

4. A Origem do Julgamento que Condena

A vida e as palavras de Jesus revelam-nos a luz gloriosa como Deus Pai realmente é. Quando Jesus disse que nem ele nem o Seu Pai julgam, tentam ou condenam qualquer pessoa, a questão imediata que precisa de ser tratada é: se não condenam qualquer pessoa, então porque está o mundo cheio de julgamento e condenação? Porque as pessoas julgam tanto os outros e onde começou tudo isto?

Quando Deus abordou Adão e Eva no jardim do Éden, após estes terem comido a fruta, estes correram e esconderam-se dele, com medo. Tinham medo do julgamento e potencial condenação de Deus pelas ações, que sabiam não terem sido boas. Quando questionado sobre o que tinha feito, Adão respondeu:

A mulher que tu puseste aqui comigo – ela deu-me uma fruta da árvore e eu comi-a. Genesis 3:2 (NIV)

Adão julgou que Deus estava em falta por produzir uma mulher que o tentou a seguir na direção errada. É evidente que Adão colocou a culpa das suas ações em Deus. Adão julgou que Deus iria terminar a sua vida como punição pelo seu ato. Não tinha Deus dito que no dia em que comecem a fruta iriam morrer?

Sabemos que Adão temia a morte pelo seguinte texto:

E visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele compartilhou do mesmo, para que pela morte Ele pudesse destruir aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, **e libertar aqueles que pelo medo da morte eram toda a sua vida sujeitos à servidão.** Hebreus 2:14-15

Enquanto seres humanos tememos naturalmente a morte. Isto é parte da nossa herança de Adão. Adão julgava que Deus queria matá-lo pela sua incapacidade de seguir as suas instruções. Adão julgava Deus como responsável pelo problema, pelo que o tomava como merecedor da pena de morte pelo erro que havia cometido. Não disse isto diretamente, mas a Bíblia diz-nos o que aconteceu desde o início.

Todos os que habitam na terra o adorarão, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do **cordeiro sacrificado desde a fundação do mundo**. Revelação 13:8

Podemos estar certos que Adão pensava realmente desta forma de Deus e do seu Filho?

A mente pecaminosa está em guerra com Deus. Não obedece à lei de Deus. Não pode. Romanos 8:7 (NIV)

Quando Adão transgrediu as ordens de Deus, caiu no pecado. A sua mente ficou em guerra com Deus. Ele não desejava mais obedecer à lei de Deus. A sua mente estava cheia de acusação e condenação contra Deus. Isto é porque tinha escolhido Satanás como seu mestre e tinha, deste modo, começado a pensar como Satanás. O que pensava Satanás desde o início? Ouça o que Jesus dizia aos líderes judeus que tentavam matá-lo:

És, do teu pai o demónio, e os desejos do teu pai queres cumprir. **Ele era um assassino desde o início e não vive na verdade**, porque não há verdade nele. Quando diz uma mentira, o que fala vem dos seus próprios recursos, pois é um mentiroso e o pai dela. João 8:44

Satanás desejava matar o Filho de Deus desde o início. Desejava tomar o lugar de Cristo e ser igual a Deus.

«Como caíste do paraíso, Ó Lúcifer, filho da manhã! Como te reduces à terra, Tu, que enfraqueceste as nações! Pois disseste no teu coração: ‘Ascenderei aos Céus e exaltarei o meu trono sobre as estrelas de Deus; sentar-me-ei no monte de congregação nos locais mais afastados do norte; **ascenderei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo.**» Isaías 14:12-14

Nas palavras e nas ações dos líderes judeus vemos manifestado o espírito de Satanás contra Jesus. No seu ódio e desejo de assassinar o Filho de Deus vemos os desejos de Satanás, que desejava matar o Filho de Deus desde o início e tomar o seu lugar como igual ao Pai, o Altíssimo.

Foi Satanás que originou o espírito de acusação e de condenação. A Bíblia chama-lhe «o acusador dos irmãos».

Então o grande dragão foi expulso, essa serpente velha chamada Diabo ou Satanás que engana todo o mundo; foi enviado para a terra e os seus anjos foram expulsos com ele. Então ouvi uma voz do alto dizer no céu, «Agora a salvação, e força, e o reino de Deus, e o poder de Cristo vieram, **porque o acusador dos irmãos, que os acusou perante o nosso Deus dia e noite, foi expulso para a Terra.** Revelação 12:9-10

O espírito do acusador entrou no coração de Adão e ele julgou, acusou e condenou o Filho de Deus por ter criado¹⁹ Eva como a sua tentadora. É através de Adão que o espírito do julgamento e condenação vieram ao mundo. Adão não pediu que Deus o perdoasse; Adão não pensou que o seu pecado pudesse ser perdoado. Ao contrário de Noé, até este ponto, Adão não encontrou graça nos olhos de Deus (Gen 6:8). Adão estava cheio de acusação e descrença (o espírito de Satanás). O Apóstolo Paulo expressa esta verdade profunda neste verso:

E o dom não é como a transgressão de um que pecou; porque o julgamento de uma só transgressão trouxe condenação, mas o dom gratuito, de muitas transgressões, trouxe justificação. Rom 5:16 (tradução livre)

Precisamos de examinar este verso cuidadosamente porque muitos vêm este verso como Deus a condenar Adão. Aqui está um comentário famoso:

O julgamento – A sentença; a penalidade declarada. A palavra expressa propriamente a sentença que é passada por um juiz. **Aqui significa a sentença que Deus passou, como juiz, em Adão pela ofensa, envolvendo ele próprio e a sua posteridade na ruína.** Genesis 2:17; Genesis 3:17-19. Comentário de Albert Barnes

Muitas versões da Bíblia parecem suportar a ideia de que é Deus que condena Adão.

¹⁹ Deus criou todas as coisas através de Jesus Cristo. Efésios 3:9

E a oferta não é como aquilo que veio por aquele que pecou. **Pois o julgamento que veio de uma ofensa resultou em condenação**, mas a oferta dada que veio de muitas ofensas resultou em justificação. Romanos 5:16 (NKJV)

Nem pode a oferta de Deus ser comparada com o resultado do pecado de um homem: **O julgamento seguiu um pecado e trouxe condenação**, mas a oferta seguiu muitas transgressões e trouxe justificação. Romanos 5:16 (NIV)

Estas traduções indicam que a ofensa de Adão trouxe sobre si a condenação de Deus. No entanto, lembramo-nos que Jesus nos disse que o Pai não condena ninguém em João 5:22 pelo que isto não pode ser verdadeiro. Considere a tradução literal de Young;

E não como através daquele que pecou vem a oferta dada, pois **o julgamento é de um para condenação**, mas a oferta é de muitas ofensas para uma declaração de 'Justiça', Romanos 5:16 (YLT)

Reparamos nesta tradução que o julgamento é *de* um que condena. A palavra grega aqui traduzida *of* (de) é *ek*, que significa:

A preposição primária denotando origem (o ponto do qual a moção ou ação procede), de, para fora (Concordância de Strong).

Isto declara que o julgamento veio de um, Adão, para a condenação. Adão é o ponto de origem humana do julgamento e da condenação. Cristo contrasta com isto, oferecendo uma oferta dada com a Sua Justiça, em troca de muitas ofensas. Cristo é o oposto de Adão. Cristo dá livremente graça e justiça, enquanto Adão oferece julgamento e condenação. Muitos do mundo cristão perderam completamente o sentido deste verso.

Neste contexto, o famoso texto de Romanos 8:21 faz muito mais sentido.

Não pode haver, então, nenhuma condenação para aqueles que vivem em Jesus Cristo, que não andam de acordo com a carne, mas de acordo com o Espírito. Romanos 8:1

Não pode, então, haver nenhuma condenação se estiver cheio com o Espírito de Cristo, pois Cristo não condena. Quando tiver o Seu Espírito, não condenará. Isto foi o que Jesus nos ensinou.

Não julgues, para que não sejas julgado. Mateus 7:31

A maioria das pessoas acredita que não somos condenados quando vivemos em Cristo, pois Jesus protege-nos da condenação de Deus. Isto é um pensamento terrível de Deus e é falso, pois Jesus disse-nos que o Pai não julga nem condena ninguém.

Quando vivemos em Cristo, o espírito de condenação deixa-nos e é substituído pelo Espírito do Pai e do Seu Filho, um Espírito que não condena os outros e, deste modo, deixamos de condenar, a nós próprios, e aos outros.

Consegue ver como foi Adão quem julgou e condenou o Filho de Cristo desde o início, e porque a condenação precede o assassinio, o Cordeiro foi sacrificado desde a fundação do mundo?

Quando imaginamos o Romanos 5:16, dizendo que Deus estava a julgar e a condenar Adão, mostramos que pensamos como Adão; imaginamos Deus como o condenador quando, na realidade, somos nós próprios. Projetamos a nossa forma de pensar em Deus e imaginamo-lo sendo como nós.

Estas coisas que fizeste, e eu mantenho-me em silêncio;
Pensaste que eu era completamente como tu... Salmos 50:21

5. Percepção, Projeção e Realidade

Estava recentemente a ler comentários de outras pessoas depois de ter digitado no meu motor de busca «Não és a pessoa que pensava seres». Li um número de histórias de pessoas que expressavam a sua raiva, desalento e desilusão ao perceber que a pessoa com quem tinham estado numa relação não era realmente o que pensavam. A percepção e a realidade são completamente distintas.

Os eventos que se ligam e que levam duas pessoas a apaixonarem-se são, frequentemente, interpretados de forma completamente diferente pelas duas partes. Os sorrisos, os presentes, o toque que é, habitualmente, entendido pela mulher como significado de que o homem porque quem se interessa quer realmente saber de si. Para o homem, estes eventos são coisas que está disposto a fazer para conseguir o que quer.

Estas coisas acontecem, frequentemente, quando se aproxima de uma pessoa rapidamente, antes de ter tempo para discernir o seu carácter.

Enquanto lia estas histórias, encontrei uma história diferente que fala de alguns dos desafios que o nosso Pai no Céu encontra quando lida com a raça humana:

O agente da polícia que me levou ao hospital

Tinha terror que fosse gritar comigo, diminuir-me, dizer-me quão egoísta e covarde eu era por ter tentado matar-me. Mas deixou-me sentar no lugar da frente enquanto conduzia e perguntou-me se gostava da música que estava a passar no rádio. Fingiu não me ver chorar.

À medida que o agente da polícia se aproximava desta jovem, ela imaginava que ele a julgava e que a penalizaria pelas suas ações. Nesta história, ela abandona a sua percepção original do polícia e começa a interpretar as suas ações como cuidadosas e bondosas.

Esta história poderia ter tido um final diferente. Quando o polícia lhe pediu para entrar no carro, ela poderia ter imaginado que ele desejava puni-la e expô-la pelo que havia feito. Ela poderia ter gritado com o polícia e dito que a deixasse em paz. Todas as suas ações teriam sido

baseadas na forma como via o polícia, e a sua percepção teria tido um impacto maior no que realmente aconteceu.

E se esta jovem tivesse ido para casa e falado à sua filha deste «polícia horrível» Que tinha tentado magoá-la, e passado à sua filha a percepção de como todos os polícias são? Esta percepção seria herdada e passada para a próxima geração e a conceção errada, perpetuada.

Quando Adão comeu da fruta da árvore, fê-lo sob a conceção errada de que Deus iria matar a sua mulher pela transgressão. Ele entendeu as palavras de Deus que se comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, então morreria, como significando que Deus os mataria (Gen 2:17).

O significado real das palavras hebraicas é *morrendo, morrerás*. Quando Eva citou as palavras de Deus à serpente, modificou o significado ligeiramente para dizer que *teremos de morrer* (Gen 3:3). Foi esta percepção que levou Adão à conclusão de que Deus queria matar a sua mulher. Tomou o fruto em rebelião e determinado a enfrentar as consequências.

Eva foi enganada, mas Adão não. As suas ações foram em desafio direto de Deus, baseadas numa conceção errada no caráter de Deus. Adão não esperou falar com Deus para lhe pedir orientação sobre o que deveria fazer. Ele tomou o assunto nas suas próprias mãos e julgou a situação. Julgou que Deus os condenava porque Adão, na realidade, condenava Deus. Adão projetou em Deus aquilo que ele próprio percecionava. No entanto, esta percepção não era a realidade.

Adão imaginou que Deus era um Ser que julgava, condenava e punia. Ele percecionou isto porque era o que tinha na sua mente em relação a Deus.

1. Tinha julgado Deus como injusto.
2. Condenava Deus como merecedor da morte.

Imaginar estas coisas de Deus significava simplesmente que quando via Deus, aquilo que tinha imaginado fazer contra Deus, imaginava que Deus faria contra ele. Isto leva-nos a um princípio importante:

As percepções falsas das pessoas importantes nas nossas vidas funcionam como um espelho quando estamos na sua presença e interagimos com elas.

A concepção errada do caráter de Deus trouxe a rebelião para a mente de Adão, que nutria um desejo impercetível de matar o Filho de Deus. Assim, quando o Filho de Deus chegou a Adão, no jardim, Adão temeu aquilo que imaginava fazer ao Filho de Deus. Adão odiava e condenava o Filho de Deus pela situação em que se encontrava e queria Cristo morto, por isso, Adão tinha medo e pensava que o Filho de Deus o odiava, condenava e o queria morto. É vitalmente importante compreender este pensamento, se queremos perceber a necessidade e o significado do julgamento.

Vemos este princípio em Caim. Depois de Caim matar o irmão, temeu que outros desejassem matá-lo.

Certamente levaste-me a este caminho, para fora da face da terra; Esconder-me-ei do teu rosto; Serei um fugitivo e um vagabundo na terra, e acontecerá que **quem quer que me encontre, matar-me-á**. Genesis 4:14

Na psicologia, este processo é chamado de projeção psicológica:

A projeção psicológica é um mecanismo de defesa no qual o ego humano se defende contra impulsos inconscientes ou qualidades (tanto positivas como negativas) pela negação da existência delas em si próprio enquanto as atribui aos outros.²⁰

Quando o Filho de Deus se dirige a Adão no jardim e o coração do Adão se enche com julgamento, condenação e morte na sua direção, em auto-defesa, Adão projeta esse pensamento no Filho de Deus e, conseqüentemente, no próprio Deus . Adão estava inconsciente dos impulsos que estavam dentro de si.

Negava a existência deles em si próprio e atribuía-os, invés, ao Filho de Deus.

²⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/Psychological_projection

Como poderia Adão ser alcançado? Poderia ele ser levado a entender os seus sentimentos naturais em relação ao filho de Deus e, por extensão, ao Seu Pai?

Adão, o originador humano da condenação dos outros, passou isto para os seus filhos, e estes passaram-no para os seus filhos, e, então, o julgamento condenador é praticado por todos os homens pois todos pecaram neste ponto. Esta condenação leva a todo o tipo de males que existem no mundo.

Que processo seria necessário para revelar a Adão a sua real condição, enquanto, ao mesmo tempo, lhe revelasse a clemência e o perdão de Deus, que estava totalmente pronto a perdoá-lo, sem dinheiro e sem preço? (Isaías 55:1). Como poderia esta concepção errada de Deus ser sanada?

6. Amaldiçoada é a Terra por Tua Causa

Já alguma vez segurou diferentes tipos de sementes na sua mão? Consegue dizer o que cada semente produzirá? É preciso um olho treinado para ser capaz de identificar exatamente o que cada semente particular irá produzir. Se não tivermos conhecimento prévio do que está na semente, precisaremos plantá-la e regá-la e vê-la crescer para perceber o que está na semente. Quando a sua flor ou fruta nascerem, aí poderemos experienciar o seu fruto e provar o seu efeito e saber se é bom ou mau (Mateus 7:16-20).

A semente má que estava em Adão precisava crescer, e ele precisava provar o seu fruto espiritual para discernir a identidade/caráter da semente e saber se era bom ou mau.

Então Ele disse a Adão: «Porque destes ouvidos à voz da tua mulher e comeste da árvore que te ordenei, dizendo, 'Não comerás': **Amaldiçoada é a terra por tua causa**; com trabalho comerás dela todos os dias da tua vida. Tanto te trará espinhos e cardos, e comerás das ervas do campo. No suor da tua face comerás pão até que regreses ao pó, pois dele foste tirado; pois és pó, e ao pó voltarás.» Genesis 3:17-19

A maldição que caiu sobre o chão não veio de Deus; a maldição existia no coração de Adão e entrou no solo através do seu papel como a cabeça tendo o domínio sobre a terra. Mas Adão não sabia que o seu coração estava cheio de palavras de maldição.

Quando Satanás estava em contenda com Deus sobre o caráter de Job, ficou certo que poderia trazer esta maldição da boca do próprio Job. Estas são as palavras de Satanás a Deus:

Não fizeste uma sebe em volta dele [Job], à volta da sua vasa, e à volta de tudo o que o rodeia? Abençoaste o trabalho das suas mãos, e as suas posses aumentaram na terra. Mas estende a tua mão e em tudo o que ele tem, e ele vai certamente blasfemar de ti na tua face!» Job 1:10-11

Deus abençoou Job largamente. Satanás esperava que, ao permitir que a calamidade caísse sobre Job, poderia tirar de Job a maldição que Job

tinha herdado de Adão. Depois de Job ter perdido tudo, incluindo os seus filhos, a maldição chegou-se à frente, através dos lábios da mulher de Job:

Então a sua mulher disse-lhe, «Ainda manténs a tua integridade? Amaldiçoa Deus e morre!» Job 2:9

Falando da condição humana, Paulo explica-o claramente:

Conforme está escrito: «Não há ninguém justo, nem um; não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque Deus. Todos voltaram costas e tornaram-se, em conjunto, inúteis; não há ninguém que pratique o bem, nem um.» As suas gargantas são túmulos abertos; as suas línguas praticam o engano. «O veneno das víboras está nos seus lábios». **«As suas bocas estão cheias de maldição e de amargura.»** Romanos 3:10:14 (NIV)

Deus sabia que a maldição e a amargura no coração de Adão se manifestaria nas sementes que ele plantava; quer fossem as sementes das suas palavras, o seu esperma ou as sementes do mundo botânico. Todas estas manifestariam a maldição no seu coração, em relação a Deus. Deus concedeu bondosamente tempo para que Adão visse os efeitos da semente que estava em si. Para dar a Adão este tempo, o Espírito de Deus teve de viver com Adão e suportar as suas maldições diárias e amargura para mantê-lo vivo tempo suficiente para entender a semente que estava dentro dele.

Adão plantou a semente na sua mulher que era feita de uma costela daquele que foi feito da terra. Dessa «terra mãe» veio Caim, na imagem de seu pai Adão e da sua mãe Eva. Quando Adão se defendeu dizendo que a mulher que Ele tinha criado tinha causado o problema, Adão amaldiçoou o céu e a terra. A terra de que Eva era feita foi amaldiçoada por Adão. A mulher terrena cresceria a semente de Adão e os resultados seriam visíveis.

Enquanto Adão olhava a forma sangrenta do seu filho Abel, testemunhava o horror do fruto da maldição que estava em si. Em Caim cresceu a semente do seu pai, que tinha julgado e condenado Deus, e

manifestou-o julgando, condenando e matando o seu irmão, Abel. Adão podia agora provar o fruto da semente plantada.

Veria Adão nesta ação a fruta magnificada da sua própria semente de mal? Ou continuaria a deixar este mal crescer, julgando e condenando Caim pela sua maldade?

Todas as coisas vivas no jardim viviam sob a maldição de Adão. Não havia lugar onde a sua voz não fosse ouvida no jardim. A sua linhagem espalhava-se por todo o jardim e as suas palavras para os limites do mesmo (cf Salmos 19:3-4). Sob a influência da voz de Adão, as ondas sonoras que eram transportadas por ele esmagavam-se contra a criação delicada que era criada para receber a voz da bênção.

Vejam, recebi a ordem para abençoar: e ele foi abençoado; e eu não posso revertê-lo. Num 23:20

Muito antes de Caim condenar e assassinar Abel, Deus tinha revelado a Adão outro reflexo da maldição que estava em si. Enquanto Jesus acelerava o processo natural de tornar água em vinho, na festa de casamento, também ele acelerava o processo natural da maldição de Adão sobre a criação, de forma a trazê-lo ao arrependimento, para que Deus pudesse salvá-lo do assassinio terrível que teria lugar através de Caim, e de muitos outros males.

Para Adão e para a sua mulher o SENHOR Deus fez casacos de peles, e vestiu-os. Genesis 3:21

Estas peles dadas a Adão e Eva vieram às expensas da vida de um animal inocente. Ficamos a saber pouco depois deste evento que Abel trouxe os cordeiros do rebanho para Deus como sacrifício. Abel ficara a saber do processo de sacrificar o cordeiro através do seu pai. Deus mostrou a Adão o que estava a fazer ao Seu filho, ao ensiná-lo a matar o cordeiro.

Sacrifício e ofertas não desejas; Os meus ouvidos foram abertos. Holocausto e expiação pelo pecado não requisitaste. Salmos 40:6

Deus não requereu esta oferta para o seu agrado pessoal; Deus, em misericórdia para com Adão, mostrou-lhe o que estava no seu coração.²¹ Isto deu a Adão a oportunidade de se arrepender. No cordeiro sacrificado, Adão poderia ver o fruto do seu julgamento condenador – levava à morte e, o que é pior, à morte do Inocente.

Esta semente era o que o coração de Adão manifestava na morte do cordeiro. Na morte do cordeiro estava a revelação do motivo escondido de Adão para julgar, condenar e matar o Filho de Deus.

²¹ Para mais sobre este assunto, ler *Cross Examined and Cross Encountered*, disponível em fatheroflove.info

7. Eis aqui o Homem.

Quando a forma sangrenta do Filho de Deus chegou à vista das pessoas depois de ser chicoteado, zombado, espancado e abusado, Pilatos chamou a atenção não apenas aqueles reunidos naquele dia em Jerusalém, mas toda a humanidade: *Eis aqui o homem.* (João 19:5)

Enquanto vemos o precioso Filho de Deus, erguendo-se nobremente ante os Seus acusadores enquanto estes gritam pela Sua morte, aprendemos acerca da verdadeira natureza da nossa carne. Em Jesus Cristo, o Seu julgamento, a Sua condenação e a Sua morte, vemos a semente da maldade que foi plantada em Adão por Satanás manifestar-se plenamente.

Cristo, como filho de Adão, vindo de uma mulher (Gal 4:4), feito da terra, foi amaldiçoado para o nosso bem, para que possamos discernir a verdadeira natureza do mal dentro de nós. Com este conhecimento, Deus deseja que nos arrependamos dos nossos pecados e da nossa falta de confiança Nele, e, invés, que acreditemos nas Suas boas intenções quanto a nós e que peçamos a sua misericórdia, que será sempre dada àqueles que a requerem Dele.

Deus estava em Cristo a reconciliar o mundo com ele Próprio (2 Cor 5:19). Tal como Deus permitiu que Adão matasse o cordeiro inocente como um aviso do que estava no homem, também Deus entregou o seu Filho a nós, para que conheçamos a nossa verdadeira condição e nos arrependamos dela.

Tal como os homens vêm à Cruz no seu estado caído, eles vêm com satisfação aquilo que percebem através da escuridão como justiça divina e condenação do seu pecado.

O SENHOR reina, deixa a terra ser feliz; deixa as margens distantes alegrarem-se. Nuvens e escuridão densa rodeiam-no: honradez e justiça são a fundação do seu trono. O fogo vai adiante dele e consome todos os inimigos que o rodeiam. Salmos 93:1-3 (NIV)

Cristo redimiu-nos da **maldição da lei, tendo se tornado uma maldição para nós** (pois está escrito, «Amaldiçoado é todo o que se pendura numa árvore») Gálatas 3:13

A lei de Deus é uma fonte de vida para os sábios (Prov. 13:14), mas esta mesma lei traz uma maldição sobre aqueles que estão cheios de blasfêmia e amargura.

Por isso, a lei é santa e o mandamento, santo e justo e bom. Terá então aquilo que é bom se tornado morte para mim? Certamente que não! Mas o pecado, para que possa parecer pecado, estava a produzir morte em mim através de aquilo que é bom, de forma a que o pecado através do mandamento pudesse tornar-se excessivamente pecaminoso. Romanos 7:12-13

Foi Adão que abraçou a lei do pecado e da morte que exigia condenação e morte por transgressão. Adão, no seu engano, projeta esta lei em Deus e acredita ser a lei de Deus.

Terá o trono da iniquidade, que inventa a maldade usando a lei, ter companheirismo Contigo? Salmos 94:20

O homem natural lê todas as coisas através da lente da condenação e da morte de Adão, Portanto, a Cruz de Cristo é vista como condenação e exigência de morte feita por Deus, colocada sobre o Seu Filho, enquanto substituição para a nossa transgressão. Deus estava disposto a encontrar-nos neste altar de bronze, de forma a convencer-nos da Sua eterna clemência e do seu perdão, na esperança de que saíssemos desta escuridão e víssemos que não era Ele que nos condenava, mas que nos condenamos a nós próprios como merecedores de morte pelos nossos pecados. Isto é evidenciado pela realidade da nossa condenação e pelo nosso desejo de punir os outros.

No julgamento, condenação e morte de Jesus, aprendemos a verdadeira natureza na nossa carne e a maldição que naturalmente reside na nossa estrutura terrena. Os homens resolvem os seus problemas por julgamento, condenação e punição.

Se a humanidade tivesse realmente aprendido a lição da cruz, que manifesta a nossa verdadeira depravidade humana, talvez tivéssemos

experienciado uma história completamente diferente nos últimos 2000 anos. No lugar disso, a semente de verdade do que Cristo manifestou há 2000 anos estava destinada outra vez a enfrentar julgamento, condenação e morte, como parte de uma rejeição final do Filho de Deus pelo seu povo, e a Sua mensagem por uma maioria esmagadora da humanidade.

Iremos traçar algumas das dimensões em que este julgamento se processa, como percebemos isto enquanto julgamento que Deus faz de nós, quando, na realidade, é o nosso julgamento dos outros projetado em Deus.

Tal como Deus nos entregou o Seu filho para nos mostrar como nos comportámos na história da Cruz, Deus também está pronto a entregar a Sua reputação e ser falsamente visto como um juiz condenador, na expectativa de que nós nos vejamos neste processo e nos arrependamos dos nossos pensamentos ilusórios relativamente a Ele.

8. Julgando o Pai

Então Ele disse: Um certo homem tem dois filhos. O mais novo deles disse ao seu pai, «Pai, dá-me a porção de bens que me cabe». Então ele dividiu entre eles o seu sustento. E não muitos dias depois, o filho mais novo reuniu todos os bens, e viajou para um país distante, e aí desperdiçou as suas posses com uma vida pródiga. Luke 15:11-13

O que aconteceu ao pai na parábola do Filho Pródigo é a experiência de muitos pais. Através interações com os seus colegas, as crianças começam a ver os seus pais por uma lente diferente. O desejo de salvar as crianças de muitos perigos é interpretado como uma restrição e controlo opressivos. É verdade que muitos pais exercem excessivo controlo dos seus filhos, mas isto não era o caso na história que Jesus contou.

O filho que pede a sua herança antecipadamente e deseja deixar a presença do seu pai revela o julgamento do filho contra o seu pai. O pedido da herança diz, na realidade, «Não consigo aguardar que morras, dá-me o que me compete já».

Nesta história, o pai não retalia nem condena o filho. Diz que dividiu o seu sustento entre os dois filhos. A palavra em grego é *bios*, significando *vida*. O coração do pai estaria quebrado pelo facto triste de que o seu filho mais novo queria deixá-lo. O pai amava os seus filhos imensamente e doeu-lhe terrivelmente saber que o seu filho queria sair de casa, especialmente quando ele sabia que o seu filho ainda era imaturo e iria sofrer muito se estivesse por sua conta. Num grande custo para si próprio, o pai dá ao filho o que este deseja.

O filho não expressa nenhum agradecimento, e, conseqüentemente, não aprecia o que lhe é dado. Por isso, gasta o dinheiro livremente, pois não aprecia o seu valor. Tinha esmagado o coração do pai entregar este presente ao seu filho e, no entanto, o filho não o valorizava de todo.

Após algum tempo, o filho gasta toda a herança que lhe foi dada e começa a sofrer as conseqüências das suas más decisões. Quando as coisas se tornam realmente más, este começa a pensar em regressar a casa.

Mas quando tomou consciência de si, disse, «Quantos dos servos contratados do meu pai têm pão de sobra, e eu pereço com fome! Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei, Pai, pequei contra os céus e perante si, e não sou mais merecedor de ser chamado seu filho. Torne-me num dos seus servos contratados.» Luke 15:17-10

Ganhamos uma compreensão do pensamento do filho. Não acredita poder relacionar-se com o seu pai enquanto filho, mas que deve relacionar-se com ele enquanto servo ou escravo. Quando o filho vivia em casa e trabalhava para o pai, tinha julgado o seu pai como um mestre de escravos. Sentia que o seu pai estava a tentar controlá-lo e restringir a sua liberdade, e, conseqüentemente, quisera sair.

Quando o filho retorna a casa, manifesta este pensamento ao seu pai. Não há nenhuma ideia de perdão na sua mente. Apenas imagina punição pelo seu pecado. É ele que está a fazer o julgamento, e desta vez é contra si próprio. Aceita que não consegue viver sem o seu pai, mas acredita que deve agora ser punido de acordo com os seus maus atos. Nesse processo de pensamento, o pai permanece o mesmo na sua mente. O pai, para ele, é um mestre de escravos.

E ergueu-se e foi até ao seu pai. Mas quando estava ainda a grande distância, o pai viu-o e teve compaixão, e correu e caíu no seu pescoço e beijou-o. Luke 15:20

O julgamento do pai pelo filho era completamente falso. O pai tinha olhado e orado pelo seu filho todos os dias. Desejava o seu retorno. Não condenava o seu filho por ter feito o que fez- Perdoava-o livremente por causa do seu amor profundo pelo filho amado.

Consegue imaginar um homem idoso a correr na direção do seu filho com lágrimas e felicidade a escorrerem pelo rosto? Ele abraça e beija o seu filho amado. Não há raiva, nenhum julgamento ou condenação; apenas amor. Como pode o filho lidar com estas ações do pai?

E o filho disse-lhe, «Pai, pequei contra o céu e perante ti, e não sou mais digno de ser chamado de teu filho.» Luke 15:21

Se ele se permitir a ficar totalmente nos braços do seu pai e aceitar o seu perdão, irá quebrar e chorar como o pai, e começará a reconhecer a

grande dor que lhe causou. O seu orgulho não lhe permite ainda aceitar as ações do pai. Em vez disso, ele dá o discurso que planeou previamente. Deseja entrar numa relação de mestre/servo. Deseja apaziguar o seu pai e pagar a grande dívida que lhe deve e viver como um escravo. Neste ponto, ele não aceita o amor clemente do seu pai.

Mas o pai disse aos seus servos, «Tragam o melhor manto e ponham-no nele, e ponham um anel na sua mão e sandálias nos seus pés. Tragam o bezerro cevado e matem-no, e comamos e alegremo-nos; pois este meu filho estava morto e reviveu; ele estava perdido e foi encontrado.» E eles começaram a alegrar-se. Luke 15:22-24

O pai continuou a derramar sobre ele o seu amor e afeto, enquanto o filho continua a contar ao pai a forma como se trataria a si próprio, se tivesse no lugar do pai. O seu próprio sistema de julgamento cai sobre si próprio e ele ainda não é capaz de abraçar o poder misericordioso do seu pai.

É aqui que termina a história do filho mais novo. Vêmo-lo sentado na mesa com o seu pai vestido num traje belo com uma grande celebração a decorrer. A última decisão sobre o filho é deixada ao leitor. Aceita as ações de amor do pai por si ou permanecerá secretamente um escravo no seu coração? O nosso Pai no céu nunca o julgou. Ele deu-lhe a vida para que faça dela o que quiser. Nunca o condenou por isso. Considera-O um mestre de escravos? Sente o Seu abraço quente enquanto retorna a Ele, reconhecendo que não consegue viver sem Ele? Aceita a sua condição de filho ou filha para com o seu Pai?

Digo agora que o herdeiro, desde que seja uma criança, não difere muito do servo, apesar de ser o dono de tudo, mas está sob guardiães e criados até ao tempo definido pelo pai. Apesar disso, nós, enquanto crianças, estávamos em servidão, debaixo dos rudimentos do mundo. Mas quando a plenitude do tempo chegou, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para redimir aqueles que nasceram debaixo da lei, para que pudessem receber a adoção de filhos. E porque são filhos, Deus enviou o Espírito do Filho para os vossos corações, clamando, «Abba, Pai!»- Por isso,

você não é mais um escravo mas um filho, e se sois um filho, então sois o herdeiro de Deus, através de Cristo. Gálatas 4:1:7

O filho mais velho parece ter os mesmos problemas com o julgamento que o filho mais novo. Repare como o mesmo sistema de justiça está no filho mais velho, mas se manifesta de uma forma diferente, devido à posição diferente que este tem em relação ao pai.

Agora o seu filho mais velho estava no campo. E, à medida que ele vinha e se aproximava da casa, ouviu música e dança. Por isso, chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estas coisas significavam. E este disse-lhe, «O teu irmão veio, e porque foi recebido são e salvo, o teu pai matou o bezerro cevado.» Mas ele estava irado e não queria entrar. Deste modo, o seu pai saiu e falou com ele. Então ele respondeu e disse a seu pai, 'Veja, todos estes anos o tenho servido; nunca transgredi o seu mandamento em nenhum momento; e, no entanto, nunca me deu uma cabra jovem, para que pudesse festejar com os meus amigos. Mas assim que este seu filho veio, que devorou todo o seu sustento com prostitutas, matou o mais gordo dos bezerros em sua honra.» E este disse-lhe, «Filho, estás sempre comigo, e tudo o que tenho é teu. Estar feliz e festejar era a coisa certa a fazer, o teu irmão estava morto e renasceu, estava perdido e encontrou-se.» (Lucas 15:25-32)

O filho mais velho também julgou o pai dura e injustamente. Serviu o seu pai enquanto servo, não como filho. Quando o pai esbanjou amor no seu filho mais novo, o filho mais velho julgou-o como desprezador e imprudente. O filho mais velho representa muito da igreja cristã que serve Deus como um escravo, esperando receber uma recompensa pelos seus esforços. Desprezam aqueles que se dão ao mundo e desprezam as suas vidas em prostitutas e maldade. Encontram conforto no julgamento desses; contrastam as suas boas vidas com aqueles que estão fora e não os abraçam em amor e perdão pelas suas vidas mundanas. Quem estava mais perdido, o irmão mais novo ou o mais velho? O irmão mais novo sabia estar perdido, mas o mais velho, não.

Em ambos os casos, os filhos julgaram o pai como um mestre de escravos. Em ambos os casos, os filhos não viram lugar para clemência. O pai apelou a ambos os filhos que aceitassem o seu amor e fossem felizes nele. Ambos os filhos precisavam da verdadeira revelação do caráter do pai para se sobrepor aos seus julgamentos e atitudes condenatórias, que haviam recebido de Adão.

9. Revelação do Pai

Como afirmámos previamente, a passagem Romanos 5:16 diz-nos que o julgamento que leva à condenação teve origem em Adão. Por isso, vemos que foi por um homem que a morte deu entrada no mundo.

Portanto, assim como através de um homem o pecado entrou no mundo, e a morte através do pecado, assim se espalhou a morte por todos os homens, pois todos pecaram
– Romanos 5:12

O pecado que Adão cometeu foi o de julgar com condenação. Isto está em completa desarmonia com o carácter de Deus. O julgamento por condenação leva os homens a sentenciar os outros à morte. Foi assim que a morte entrou no mundo.

Não falem mal uns dos outros, irmãos. Aquele que fala mal de um irmão e o julga, fala mal da lei e julga a lei. Mas se julgares a lei, não és um praticante da lei, mas um juiz. Tiago 4:11

Neste estado caído mental, os homens projetam estes atributos em Deus e têm uma percepção incorreta dele.

Estas coisas tens feito, e mantive-me em silêncio; **Pensaste que eu era completamente como tu**; Mas vou repreender-te, e colocá-las em ordem perante os teus olhos. Salmos 50:21

De forma a corrigir as falsas percepções sobre Deus, o nosso Pai Celestial enviou o Seu Filho ao mundo para nos mostrar como é verdadeiramente o Pai. Jesus diz-nos o propósito da Sua missão.

Glorifiquei-O na terra. Terminei o trabalho que Me deste a fazer. João 17:4

Jesus glorificou o Pai, significando que Ele revelou o Seu verdadeiro carácter enquanto Ele estava na terra. Quando falava com um dos Seus discípulos, Ele disse:

...Estou contigo à tanto tempo e, no entanto, ainda não Me conheces, Filipe? **Aquele que Me viu, viu o Pai**, por isso como podes dizer, «Mostra-nos o Pai»? João 14:9

Jesus afirmou que o que Filipe tinha visto d'Ele era exatamente o que o Pai era. Para que os homens possam ser reconciliados com Deus, devem saber exatamente como Ele é. Sem a revelação de Jesus ao mundo nunca conheceríamos Deus verdadeiramente e, invés, imaginá-lo-íamos como julgador e condenador como nós.

Pois Deus amou de tal modo o mundo que nos deu o Seu Unigénito Filho, de forma a que quem quer que cresse nele não percesse, mas tivesse vida eterna. **Pois Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condená-lo**, mas para que o mundo através dele pudesse ser salvo. João 3:16-17

Deus não enviou Jesus ao mundo para condená-lo porque Deus não condena ninguém. Enviou o Seu Filho para nos mostrar como Ele é, e, desse modo, salvar-nos da nossas atitudes condenatórias através do conhecimento d'Ele.

Aquele que acredita n'Ele não é condenado; mas aquele que não acredita já está condenado pois não acreditou no nome do Unigénito Filho de Deus. João 3:18

A razão pela qual aqueles que acreditam no nome ou caráter de Jesus não serem condenados é porque quando se conhece Jesus, que nunca julgou ou condenou alguém, nós também conhecemos a Deus que não julga nem condena. Aqueles que não acreditam em Jesus não são capazes de ver a verdade de que Deus não condena ninguém, e, por isso, a herança que todos recebemos de Adão faz com que aqueles que não acreditam condenem outros e acreditem falsamente que Deus condena os pecadores pelos seus pecados.

Deve acreditar no caráter de Jesus como um que não condena, de forma a acreditar que não está condenado por Deus. Apenas esta verdade pode libertar-nos do espírito de condenação que empesta as nossas vidas.

Muitos ensinam que Jesus veio morrer na Cruz e aqueles que não aceitem a Cruz serão condenados por Deus e destruídos no Inferno. Se isto fosse verdade, então teria de ser dito que Deus enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo. Se Deus fosse condenar todas as pessoas por rejeitarem a Cruz, então o efeito da Cruz seria compreender a condenação como vinda de Deus.

Eu glorifiquei-te? **Eu te glorifiquei na terra.** Terminei o trabalho que Me deste a fazer. João 17:4

Como é possível que Jesus pudesse terminar o trabalho que Deus lhe deu na noite antes de ter morrido na cruz?

Quando Jesus disse aos sacerdotes principais, capitães do templo, e aos anciãos que tinham vindo até Ele, «Vieram, como contra um ladrão, com espadas e bastões? Quando estava convosco diariamente no templo, não tentaram prender-me. **Mas esta é a vossa hora e o poder da escuridão.** Lucas 22:52-53

A crucificação de Jesus foi obra da escuridão. Foi o cumprimento do desejo de Satanás desde o início, bem como a manifestação do que Adão sentia pelo Filho de Deus desde a fundação do mundo.

A Cruz de Cristo mostra à raça humana o que está nos seus corações; revela o nosso ódio inconsciente e natural contra Deus (Romanos 8:7). Ao permitir que a raça humana assassine o Filho de Deus, somos levados cara a cara com a maldade que existe dentro de nós, por causa da nossa herança da condenação de Adão.

Quão insondável é o amor de Deus para permitir à nossa raça fazer isto ao Seu Filho. Ainda mais incrível é que após termos agido assim, Ele continua a não nos condenar. Nas palavras de Jesus sobre a cruz estão os verdadeiros desejos de Deus:

E então Jesus disse, Pai, perdoa-os, pois não sabem o que fazem... Lucas 23:24

... **Deus estava em Cristo a reconciliar o mundo Consigo próprio**, não a imputar as suas transgressões... 2 Coríntios 5:19

A Cruz mostra-nos que Deus está disponível a perdoar-nos mesmo após matarmos o Seu Filho. Cristo revelou a todo o universo que Deus ainda recusava condenar-nos e oferecia-nos a misericórdia livremente.

Ouviram o que se diz, ‘amarás o teu vizinho e odiarás o teu inimigo.’ Mas eu digo-vos, amarás os teus inimigos, abençoarás aqueles que vos amaldiçoam, farás o bem àqueles

que vos odeiam, e orarás por aqueles que malvadamente vos perseguem, para que possam ser filhos do Pai do céu; pois Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Mateus 5:43-45

O Nosso pai ama aqueles que O consideram um inimigo; abençoa aqueles que O amaldiçoam, e Jesus demonstrou-o claramente na terra. Jesus não julgou, condenou ou matou aqueles que o rejeitaram –ao invés, foi julgado, condenado e morto pelos filhos de Adão.

Ao permitir-Se ser julgado, condenado e morto, Jesus revelou o que estava nos nossos corações, não para nos condenar, mas para que recebamos misericórdia e graça no momento em que nos apercebermos da nossa condição terrível de maldade.

Além disso, a lei entrou para que a ofensa pudesse abundar. Mas onde o pecado abundou, a graça abundou ainda mais, Romanos 5:20

À medida que lemos a história do julgamento e da condenação de Jesus, sabemos que Ele era inocente. Ele era a fonte de alegria e benção para todos os que o rodeavam. Ele curava os enfermos, erguia os mortos, abençoava as crianças e falava a todos no amor do Seu Pai por eles.

Avisou aqueles que o rodeavam que estavam a andar em pecado e incentivou-os a arrependem-se. Disse as suas repreensões com amor e lamento por aqueles que recusavam ouvir.

Esta vida perfeita providencia-nos a única medida verdadeira de como Deus é. É o Seu caráter que define para nós o verdadeiro do falso. Sem aceitar esta revelação do Pai, ficaremos confusos quando lemos as Escrituras, por causa da tendência herdada de projetar culpa em Deus.

A culpa que Adão colocou em Deus quando foi questionado sobre porque tinha comido a fruta da árvore reaparece para cada leitor da Bíblia. Como lemos as histórias do Antigo Testamento é particularmente influenciado pela nossa inclinação natural para o julgamento e a condenação.

Apenas a vida de Jesus como manifestada na terra pode ajudar-nos a ler as histórias do Antigo Testamento corretamente. Se não o fizermos e

rejeitarmos a glória do caráter de Deus conforme revelado no Seu Filho, estamos a colocar um véu sobre os nossos olhos quando lemos as Escrituras.

Por isso, já que temos tal esperança, usamos uma grande clareza no discurso, ao contrário de Moisés, que colocava um véu sobre a sua face para que os filhos de Israel não pudessem olhar firmemente aquilo que terminava. Mas as suas mentes estavam cegas. **Pois até este dia o mesmo véu permanece por levantar na leitura do Velho Testamento, porque o véu é retirado em Cristo.** Mas até este dia quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. Ainda assim, **quando nos virmos para o Senhor, o véu é retirado.** Agora o Senhor é o Espírito, e onde o Espírito do Senhor está, aí há liberdade. **Mas todos nós, de cara descoberta, contemplando como num espelho a glória do Senhor, estamos a ser transformados na mesma imagem de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor.** 2 Coríntios 3:12-18

Quando quer saber como Deus agiria, leia os primeiros quatro livros do Novo Testamento que falam do evangelho de Jesus Cristo. Estes são o varão de medida para o caráter de Deus.

Jesus mostra-nos como o Pai não julga na história dos dois filhos pródigos. São os filhos que julgam os Pais. Mas então e textos como este?

Ouçamos a conclusão deste assunto: Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos, Pois este é o dever de todo o homem. Pois Deus há-de trazer a juízo toda a obra, Incluindo todas as coisas encobertas, Quer sejam boas, querem sejam más. 12:13-14

Mas eu digo-lhe que por cada palavra ociosa dos homens, **eles darão conta no dia do julgamento.** Pois pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado.» Mateus 12:36-37

Pois todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um de nós receba as coisas feitas por meio do corpo, de acordo com o que foi feito, quer seja bom quer seja mau. 2 Coríntios 5:10

Seria tentador ler estes versos e concluir que Deus julgará tudo o que fizemos, mas como é que harmonizamos essa ideia com o que Jesus demonstrou na Sua vida e nos disse?

Pois o Pai não julga a ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho, João 5:22

Vocês julgam de acordo com a carne; Eu [Jesus] a ninguém julgo. João 8:15

É certo que haverá um julgamento. É verdade que iremos enfrentar tudo o que fizemos. A questão é quem irá fazer esse julgamento? É possível que Deus traga tudo num processo de julgamento sem julgar alguém?

Sim, certamente haverá um julgamento, e Jesus revela exatamente como esse julgamento terá lugar.

10. Nem eu te Condeno

Aqui está o mais simples conselho para o ajudar a ultrapassar o julgamento sem medo.

Não julgues, para que não sejas julgado. Pois com o julgamento com que julgares, serás também julgado; e com a medida que usares, serás também medido. Mateus 7:1-2

Eu tinha lido previamente este verso através do meu entendimento do Pai Natal. É melhor que tenhas cuidado porque Deus está a fazer uma lista dos teus feitos e virá para ajustar contas. Através da lente da condenação que tinha herdado de Adão, vi este verso como dizendo que Deus irá julgar e condenar aqueles que julgam e condenam. Só escrever estas palavras deixa-me assombrado que não conseguisse ver a inconsistência deste tipo de pensamento.

Como é então possível para Deus estar envolvido em julgamento sem que Ele condene alguém? Consideremos a história que se segue:

Mas Jesus foi ao Monte das Oliveiras. Agora, cedo de manhã, ele veio novamente ao templo, e as pessoas vieram até Ele; e Ele sentou-se e ensinava-as. Então, os escribas e os Fariseus trouxeram-Lhe uma mulher apanhada em adultério. E quando a puseram no meio, disseram-Lhe, «Senhor, esta mulher foi apanhada em adultério, em pleno ato. Ora Moisés, na lei, manda que seja apedrejada. Mas tu, o que é que dizes?» João 8:1-5

Alguns dos líderes judeus tinham trazido uma mulher pobre a Jesus para que ele julgasse o seu caso. As suas palavras indicavam que eles já a tinham julgado e condenado pelo adultério. Apanhá-la em pleno ato sugere que estes homens tinham algo a ver com o ato e quando este ocorreria. De qualquer das formas, ela tinha cometido adultério e, de acordo com a lei, isto estava errado, e parecia claro pelos escritos de Moisés que era merecedora da morte.

Isto eles disseram, testando-o, para que talvez tivessem algo com que acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e escreveu na terra com o seu dedo, como se Ele não ouvisse. Por isso, quando

eles continuaram a perguntar-Lhe, ele levantou-se e disse-lhes, «Aquele que está isento de pecado entre vós, que seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra.» João 8:6-7

Estes homens astuciosos tentavam armadilhar Jesus entre as leis de Moisés e as leis de César. Em qualquer caso, Jesus não lhes dirige uma palavra. Ele poderia tê-los exposto na sua conspiração maldosa e revelado todos os seus maus atos e sentenciado-os à morte pelas coisas que haviam feito... mas Jesus nada disse. Ao Invés, Ele escreve no chão. Os homens pressionaram Jesus a responder e, finalmente, Ele diz-lhes que quem quer que esteja sem pecado está em posição para ser o primeiro a atirar a pedra contra a mulher.

Como Filho de Deus, cheio da Divindade do Seu Pai, Ele podia ler os segredos das vidas destes homens. Ele mostrou a sua capacidade de fazê-lo, noutra situação.

Jesus disse-lhe, «Vai, chama o teu marido, e vem até aqui.» A mulher respondeu e disse, «Eu não tenho marido.» Jesus disse-lhe, «Respondeste bem, Eu não tenho marido, mas tiveste já cinco maridos, e aquele que tens agora não é o teu marido; nisso, disseste a verdade.» João 4:16-18

Jesus não a condenou pela sua conduta de ter cinco maridos e, depois, viver fora do matrimónio com um sexto. Ele simplesmente deixou-a saber que conhecia a história da sua vida. Da mesma maneira como Jesus escrevera no chão, Ele revelou que conhecia a história de vida destes homens, mas, novamente, não os julgou ou condenou. Assim como Jesus perguntava à mulher onde o seu marido estava, sabendo que ela não estava numa relação de matrimónio, também ele sabia que estes homens que haviam trazido esta mulher para julgamento não estavam livres de pecado. Ele estava a oferecer-lhes a oportunidade de se arrependem, mas, ainda assim, Ele recusava-se a condená-los.

E, novamente, ele inclinou-se e escreveu no chão. E, aí, aqueles que o ouviam, estando **acusados pela sua própria consciência, saíram um a um, começando com o mais velho, até ao último.** E Jesus foi deixado sozinho, e a mulher em pé, no meio. João 8:8-9

As coisas que Jesus escreveu na areia trouxeram convicção a estes homens. Não eram palavras de acusação ou julgamento, mas chamavam ao pensamento acontecimentos do passado, de forma a curá-los. Jesus revelou que Ele sabia as suas idades pelo facto de que saíram pela ordem de idade. Os homens foram levados a julgamento pelo seu desejo de julgar tanto Jesus como a mulher. É um lembrete do que aconteceu no jardim, no início. Eva tinha dado o seu coração a Lúcifer e abraçado a sua semente, ao aceitar a sua mentira, cometendo, desta forma, adultério espiritual. Adão julgou e condenou o Filho de Deus através da mulher, para justificar os seus próprios erros. É através da condenação que Adão faz a si próprio que traz julgamento sobre si. A história em João, capítulo 9, é uma alegoria na vida real do que aconteceu no início.

Estes homens que trouxeram a mulher determinaram o momento do julgamento, pois vieram até Jesus com a mulher e atiraram-na a Seus pés. Jesus não tinha convocado estes homens para que os condenasse. Eles vieram até Ele para condenar Ele e a mulher.

É assim que o Pai traz tudo a julgamento; Ele permite-nos receber as consequências das nossas próprias escolhas. Se queremos julgar, as circunstâncias da vida ocorrerão de forma que nos julgaremos a nós próprios na exata forma e com a mesma intensidade como julgámos os outros.

Estes homens eram julgados pelas suas próprias consciências e passaram julgamento sobre si próprios enquanto se afastavam de Jesus. Não pediram clemência d'Ele, pois não havia mostrado nenhuma para com Ele ou para com a mulher. Da mesma forma que haviam julgado outros na revelação da sua própria história, também eles se julgavam a si próprios e se afastavam com uma consciência pesada.

Jesus não os julgava nem condenava. Ao irem à presença d'Aquele que tinha estado com eles toda as suas vidas através do Seu Espírito, ficaram cara a cara com o seu registo de vida. Quando viram esse registo à luz da presença de Cristo, condenaram-no e afastaram-se da Sua presença para que pudessem esquecer aquilo de que haviam sido recordados, e afundarem-se novamente na escuridão.

Pois cada um que faz o mal odeia a luz, não vem à luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. João 3:20

Com tudo isto a acontecer, a pobre mulher indefesa ouviu as palavras de que aqueles que estão sem pecado deveriam atirar-lhe uma pedra. Ela estava tentada a pensar que as palavras de Jesus eram uma sentença de morte. Enquanto se recordava da sua vida e das coisas que havia feito, parecia que agora esta chegaria a um fim.

Quando Jesus se levantou e não viu ninguém senão a mulher, Ele disse-lhe, «Mulher, onde estão aqueles que te acusam? Ninguém te condenou?» Ela disse, «Ninguém, senhor.» E Jesus disse-lhe, «Nem eu te condeno; agora vai, e não peques mais.» João 8:10.11

Ao perguntar à melhor onde estavam os seus acusadores, Jesus estava a pedir à mulher que julgasse a situação por si própria. Gritaria ela de raiva pelos homens que a tinham capturado e usado como forma de montar uma armadilha a Jesus? Ao condenar aqueles que a rodeavam, ela ter-se-ia julgado a si própria como condenada e sem esperança.

Enquanto olhava em volta e não via nenhum dos líderes da igreja ali, e depois olhava para a face de Jesus, ganhava coragem. A fé encheu a sua alma enquanto olhava para a bela cara do seu Salvador. Ele perguntou-lhe: Onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?» Esta pergunta foi até ao seu coração; agora ela tem de julgar o seu próprio caso. As cenas do seu passado passam perante si, a escuridão da sua vida procura tomar parte na sua tristeza de novo, mas o amor naquele rosto e a gentileza do seu sorriso trouxe para a frente o seu julgamento em si própria. «Ninguém, Senhor».

Enquanto julgava o seu próprio caso, assim também era o julgamento que lhe dava Jesus. Ele disse «nem eu te condeno». Ele refletia de volta nela o próprio julgamento que ela tinha dado, para o seu caso. É assim que Deus nos traz a julgamento. Assim iremos prestar contas de cada palavra que falámos.

A razão pela qual devemos aparecer perante o trono de julgamento de Cristo é que Adão e os seus filhos determinaram que deve existir tal julgamento, julgando e condenando a Deus, ao contrário do que este é verdadeiramente. Cristo não recusa participar neste julgamento, mas fá-lo de maneira a que cada pessoa decida o seu próprio caso.

Pois quando as nações que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei—para eles próprios são lei; mostram a obra da lei escrita nos seus corações, **a sua consciência também sendo testemunho com eles, e entre um e outro pensamento quer acusando-os, quer defendendo-os, no dia quando Deus julgará os segredos dos homens, de acordo com o meu evangelho, através de Jesus Cristo.**
Romanos 2:14-16 (YLT)

Isto são notícias tremendamente boas em dois pontos.

1. Acredita que Deus o ama e o perdoa.
2. Acredita que Jesus na terra revela a perfeita revelação do caráter do Pai.

Se não olhar os textos da Bíblia sobre julgamento através da vida de Jesus, então o brilho da glória do Pai será um véu de escuridão sobre ele, enquanto lê as Escrituras.

Uma questão que surge desta história é como Deus sabe os pecados dos homens que vieram a julgamento? Não sugere isso que ele mantém um registo? Não fala a Bíblia de livros de julgamento e que devemos dar razão de cada palavra que falamos? Então, não significa isso que Deus manteve um registo de tudo, para que pudesse ser usado em julgamento?

11. A Lei é Espiritual

No segundo capítulo deste livro explorámos as implicações do uso da vigilância e da ameaça de força para manter a lei e a ordem na sociedade. Em tal ambiente, a lei é imposta sobre os cidadãos com a ameaça de força letal contra o transgressor.

Quero retornar a uma passagem da Bíblia que apresentámos e acompanhar o processo de reconciliá-la com as afirmações de Cristo.

Olhei até que tronos foram colocados, E o **Ancião dos Dias se sentou**; A Sua veste era branca como neve, E o cabelo da Sua cabeça era como lã pura. O seu trono era como chamas de fogo, as rodas dele, fogo ardente; Um rio de fogo manava e saía diante d'Ele. Mil milhares serviam-no; Dez mil vezes dez mil estavam perante Ele. **O tribunal estava sentado, E os livros foram abertos.** Daniel 7:9-10

O quadro de uma cena de tribunal com livros de provas providenciada é-nos muito familiar. Se nesta cena de tribunal celeste é, sem dúvida, o Ancião dos Dias, i.e., Deus, o Pai, passando por um processo de julgamento que decide quem vive e quem morre através da incapacidade de obedecer à Sua lei, então as palavras de Cristo devem ser consideradas falsas.

Pois o Pai não julga a ninguém... João 5:22

Aqui devemos apresentar um ingrediente vital que tem estado em falta até ao momento, a respeito da lei sob a perspectiva do céu.

Pois sabemos que **a lei é espiritual**, mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Romanos 7:14

A lei de Deus é algo que se relaciona com o espírito de uma pessoa. A lei de Deus é relacional, na sua natureza. É uma lei que lhe diz o efeito do Espírito de Deus que em si reside, em vez de lhe dizer o que deve fazer para o agradar.

Mas aquele que olha a lei perfeita da liberdade e preservara nela, e não é um ouvinte esquecediço mas praticante da obra, este será abençoado no que fizer. Tiago 1:25

Uma lei que é usada para forçar a obediência não é uma lei de liberdade, mas de restrição. A lei de Deus é uma profecia do que acontece àqueles que amam a Deus e estão repletos da Sua vida.

Este é o pacto que estabelecerei com o povo de Israel após esse tempo, declara o Senhor. Porei as minhas leis nas suas mentes e escreverei nos seus corações. Serei o seu Deus deles, e eles serão o meu povo. Hebreus 8:10 (NIV)

Como se escreve uma lei no coração de uma pessoa? Isto só pode ser feito através de uma relação pessoal. Uma pessoa descobre Deus e começa a amá-Lo e pede a Deus o Seu Espírito, e o Espírito começa a mudar o coração da pessoa e a lei de Deus começa a operar em nós automaticamente. Esta é a única forma de uma lei conferir liberdade.

Porque é que os humanos, então, compreendem a lei como uma imposição, e que seremos punidos por Deus, se a quebrarmos?

Pois o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, enganou-me, e através dele, foi a minha morte. Romanos 7:11

Como é que o pecado nos enganou através da lei? O pecado em si não é uma pessoa que nos engana, invés, o pecado foi originado por Satanás e através do pecado Satanás mudou a forma como a raça humana olha a lei. Como ele terá feito isto?

Então a serpente disse à mulher, «Não morrerás, certamente. Pois Deus sabe que no dia que comeres dele, os teus olhos abrir-se-ão, e serás como Deus, e distinguirás o bem do mal.» Génesis 3:4-5

Satanás convenceu Adão e Eva que as suas vidas não dependiam de Deus. Convenceu-os de que a sua vida era inerente e de que eram imortais. Desde que continuassem a comer desta árvore, nunca morreriam. Se o que Satanás disse era verdade, então quaisquer ordens dadas por Deus seriam arbitrarias e controladoras. Se nós, humanos, pudessemos existir sem a necessidade de d'Ele sermos dependentes,

então qualquer movimento da sua parte para nos guiar ou liderar seria considerado como uso de força.²²

Através desta mentira, Satanás foi capaz de mudar a nossa percepção da lei de Deus, de uma lei de bênção e liberdade, para uma de controlo e tirania. Deste modo, através do pecado começámos, enquanto raça, a ver a lei imposta por Deus como uma lista, e que Este nos compararia em relação a esta lei para determinar se deveria manter-nos ou não vivos.

É esta visão errada da lei que cria imediatamente a necessidade de vigilância, julgamento e punição. Recordamo-nos de que Paulo nos diz que este género de julgamento que leva à condenação veio de Adão, e não de Cristo ou do Pai (Romanos 5:16).

Por isso, o fundamento do reino de Satanás é a mentira de que o homem é imortal, ou, mais diretamente, de que a alma é imortal. Este é o princípio chave de onde vem a vigilância, o julgamento e a punição. Foi através desta mentira que Satanás deu uma interpretação errada sobre a lei de Deus e estabeleceu o trono da iniquidade.

Irá o trono da iniquidade, que forja o mal tendo a lei por pretexto, estar em conluio contigo? Salmos 94:20

Se a lei é espiritual e uma manifestação de como as relações operam, então para que estas relações floresçam terá de haver uma forma de registar as transações destas relações para que estas cresçam e se desenvolvam, pois as relações desenvolvem-se através de uma série de memórias partilhadas.

²² Para mais sobre este assunto consultar o livros *Life Matters*, disponível em fatheroflove.info

12. Escrito nas Tábuas do Coração

No capítulo prévio verificámos que Deus tem a capacidade de escrever a Sua lei nos nossos corações e colocá-la nas nossas mentes porque a lei é de natureza espiritual e fala a assuntos da alma.

Deus desigou o nosso mundo de forma que as memórias de todas as interações seriam registadas. Os nossos olhos, ouvidos e outros sentidos são dispositivos de registo que guardam as memórias dos nossos corações. É através deste registo que podemos discernir se um rosto ou voz nos é familiar. O apóstolo Paulo alude a isto da seguinte forma.

Sois a nossa carta escrita nos nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Claramente sois uma epístola de Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, no coração. 2 Coríntios 3:2-3

Quando Paulo pregou o evangelho aos outros e estes o abraçaram, o Espírito de Deus começou a escrever nos seus corações a alegria deste evangelho. As pessoas começaram a mudar e o registo desta mudança foi escrito nos seus corações pelo Espírito de Deus.

O Espírito de Deus é referido por Jesus como o dedo de Deus. Repare neste paralelo:

Mas, se eu expulso demónios **pelo Espírito de Deus**, certamente o reino de Deus entrou em ti. Mateus 12:28

Mas, se eu expulso demónios **com o dedo de Deus**, certamente o reino de Deus entrou em ti. Lucas 11:20

Jesus regista com o Seu dedo sobre as tábuas dos nossos corações, para gravar as nossas vidas. Através dos sentidos que Deus nos deu, este registo é escrito sobre nós. É infalível na sua exatidão. Os nossos olhos não podem deixar de ver as coisas que vimos e fizemos durante o curso das nossas vidas. Podemos tentar esquecer coisas que fizemos, mas o registo manter-se-á sempre escrito no nosso coração. Este registo é, claro, feito em co-autoria connosco próprios, pois somos quem decide as ações que tomaremos e executaremos.

Quando temos experiências abençoadas, as nossas memórias são doces, mas quando fazemos coisas que violam a relação sagrada que temos com Deus e com os outros, estas coisas são registadas com uma ponta de ferro.

O pecado de Judá está escrito com uma ponta de ferro; com a ponta de diamante está gravado na tábua do seu coração, e nas pontas dos seus altares, Jeremias 17:1

A palavra diamante significa, na verdade, um espinho que pica, como a pontada da consciência. Porque é escrito com uma ponta de ferro? Quando a nossa consciência é picada com o pensamento de que estamos a fazer algo errado, se procedermos, as nossas ações deixarão uma cicatriz nos nossos corações devido aos sentimentos de culpa. Ao mesmo tempo, a cicatriz do pecado endurece os nossos corações e tornamo-nos menos sensíveis ao pecado. Quando mais pecamos, mais duros os nossos corações se tornam, até que os nossos corações se tornam completamente de ferro.

Lembramo-nos de que estas coisas estão escritas nos nossos corações pelo dedo de Deus. Somos nós quem executa as ações, mas o Espírito de Deus desenhou um sistema que regista tudo em nós. Desenhou este sistema para nos abençoar, de forma a que as doces memórias do bem praticado estivessem sempre connosco. Não nos desenhou para que carregássemos memórias de dor e de culpa. Mas, quando pecamos, os pedidos do Espírito de Deus que são rejeitados são escritos nas nossas memórias. Quando mais resistimos o apelo de Deus, mais endurecidos os nossos corações se tornam e podemos tornar-nos como o Faraó, cujo coração tinha endurecido completamente.

É desta forma que podemos compreender que Deus pode quebrar em pedaços o pecador.

Deves quebrá-los com uma vara de ferro; Deves quebrá-los em pedaços, como o vaso de um oleiro. Salmos 2:9

A vara de ferro é o risco do ponteiro de ferro, quando resistimos o apelo do Espírito e fazemos o que desejamos, em rebelião contra Deus. Rebelião e resistência contínuas contra Deus tornam o coração tão impossivelmente duro que a pessoa se preparou para a sua destruição. São quebrados em pedaços por uma vara ou ponteiro de ferro que

registou tanta culpa e maldade na alma, que afasta aflitivamente, e de modo completo, o Espírito de Deus, e sela a consciência com um ferro quente.

Agora o Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns se afastarão da fé, dando atenção a espíritos enganadores e doutrinas de demónios, dizendo mentiras hipócritas, **tendo a sua consciência selada com um ferro quente.** 1 Tim 4:1-2

Consigo relembrar alguns dos eventos na minha vida, quando fui tentado a ir contra a minha consciência e em pecado, como a sensação dentro de mim tornou-se muito quente. É preciso esforço para resistir aos apelos do Espírito. É preciso pontapear os espinhos da consciência para conseguir fazê-lo. Se o fizermos repetidas vezes, eventualmente o coração endurece de tal forma que se torna frágil e se quebra em pedaços.

Por isso, vemos que há um registo do que cada pessoa fez no seu coração. É um registo que ninguém pode disputar porque cada um de nós escreveu-o de livre vontade. Este registo é um registo espiritual. Não é registado com caneta ou tinta ou qualquer coisa criada pelo homem. Ao mesmo tempo, há registo do que fizemos no céu, mas não é registado em nenhum livro físico, está sim gravado nas próprias mãos de Cristo.

Vês, inscrevi-te nas palmas das Minhas mãos; As tuas paredes estão continuamente perante Mim. Isaías 49:16

Isto é porque o nosso Pai no céu e o Seu Espírito testemunharam todos os eventos das nossas vidas. As coisas que fazemos são testemunhadas e sentidas por Ele. São registadas no Seu coração, da mesma forma que são registadas no nosso coração. Pense na forma como um pai carrega a memória sagrada de cada uma das suas crianças no seu coração. O registo que Deus mantém de nós é infinitamente mais precioso para Ele. Até os cabelos das nossas cabeças foram contabilizados por Ele.

Não se vendem cinco pardais por duas moedas de cobre? E nem um é esquecido perante Deus. Mas os próprios cabelos

da tua cabeça foram contabilizados. Por isso, não temas; és mais valioso do que muitos pardais. Lucas 12:6-7

O Nosso Pai e o Nosso Salvador não registam as coisas para nos punir; eles as registam para manter uma ligação íntima conosco. As nossas vidas estão continuamente nas suas mãos e, por isso, mantêm nos seus corações um registo perfeito das nossas vidas, para preservá-la. Esta é também a razão pela qual podemos dizer àqueles que acreditam nisto, que Deus:

...criou-nos juntos, e fez-nos sentar juntos nos lugares celestes de Jesus Cristo, Efésios 2:6

O registo das nossas vidas, mantido no coração de Cristo, também é feito por nós. Permite-nos escrever o registo no Seu coração, e, portanto, estamos inscritos nas palmas das Suas mãos. Portanto, é verdade que Deus tem um registo perfeito das nossas vidas, mas não é registado para os propósitos que pensamos, em termos de vigilância, julgamento e punição. É registado porque quando alguém ama outra pessoa, está constantemente a vigiá-la, a preocupar-se e a pensar nela.

Muitos, Ó SENHOR meu Deus, são os Teus maravilhosos trabalhos que Fizeste; e os Teus pensamentos não se podem recontar diante de Ti; Se eu os declarasse e falasse deles, são mais do que se podem contar. Salmos 40:5

Esta é a razão pela qual Cristo podia ler os pensamentos dos homens que vieram à Sua presença com a mulher apanhada em adultério. Ele podia ler o registo dos seus corações, e quando estes vieram à Sua presença, não podiam esconder ou apagar o registo da sua memória. O que Cristo escreveu no chão foi apenas uma repetição do que tinha escrito nos seus corações com o dedo de Deus, e o que eles próprios tinham já co-assinado com o seu consentimento. É por esta razão que, quando Deus abre os livros no céu, Ele aproxima-se dos corações dos homens. Ele não tem necessidade de livros físicos como os que usamos hoje porque a Sua lei não é física, mas espiritual; lidando com os assuntos do coração e da mente que se manifestam na carne.

Deus não nos monitoriza com o propósito de julgar e condenar, Ele observa-nos com amor e pensa todo o dia no nosso bem e deseja

abençoar-nos. É assim que o registo é guardado no seu coração. Quando pecamos contra Deus, tomamos aquele ponteiro de ferro e furamos o lado de Cristo e crufificamo-lo novamente.

Se caírem, que sejam novamente renovados para o arrependimento, já que **de novo crucificam o Filho de Deus**, e expõe-no ao vitupério. Hebreus 6:6

O coração de Cristo nunca se torna em ferro, por isso, cada vez que escrevemos os nossos atos de pecado sobre nós próprios e Ele é obrigado a testemunhar, é novamente perfurado com agonia intensa. É o mesmo todas as vezes, pois ele nunca endurece com o pecado. Quando finalmente conhecemos Cristo cara a cara, o registo que inscrevemos n'Ele encontrar-nos-á – por completo – e, aí, teremos de decidir por nós próprios se seremos ou não perdoados. Ele perguntar-nos-á «Existe alguém que te condene?» Qual será a sua resposta? Como irá julgar-se a si próprio quando estiver perante ele e todas as palavras que falou e todos os segredos que pensou, se encontrarem escritos perante si, na pessoa de Cristo? Como os julgarás? Todo o mal que reprimimos e escondemos, quando formos confrontados pelos mesmos, nos irão subjugar-nos? Jesus não quer que sejamos apanhados de surpresa e devorados pela vergonha e culpa nesse dia final, Ele quer que larguemos a angústia da nossa alma hoje e deixemos que Ele nos cure.

É nesse contexto que o nosso Criador, que diz ser amor (1 João 4:8), não mantém registo dos nossos atos maus com o propósito de nos punir.

O amor é paciente, o amor é gentil. Não inveja, não se gaba, não é orgulhoso. Não desonra outros, não procura servir-se a si próprio, não se enfurece facilmente, **não mantém registo dos erros.** 1 Coríntios 13:4-5 (NIV)

Qual é a diferença entre as memórias da nossa vida, escritas no coração de Jesus, e um registo dos erros? O registo que Jesus mantém é dentro de Ele mesmo; é parte d'Ele, pois toda a criação está contida n'Ele (Colossenses 1:17). Um registo de erros é algo externo a nós próprios, que não sente dor, mágoa ou perda. Não tem coração e, conseqüentemente, pode formar a base de uma punição sem coração, que envolva a morte. O Nosso Pai e o Seu Filho não mantêm um registo

sem coração dos nosso erros, mas é sim o coração de Cristo que tem o registo escrito no Seu próprio ser.

Este princípio é delineado na visão de Apocalipse, 5, sobre o pergaminho que ninguém conseguia abrir.

E eles cantaram um novo cântico, dizendo: «**Tu és digno de levar o pergaminho**, e de abrir os seus selos; Pois Tu foste chacinado, e com o teu sangue redimiste para Deus todas as tribos e línguas e pessoas e nações, e fizeste-nos reis e sacerdotes do nosso Deus; e reinaremos sobre a terra.»
Revelação 5:9-10

Cristo é digno de abrir os pergaminhos da nossa história humana porque Ele foi morto por nós e caminhou entre a nossa humanidade sofredora.

Aqueles que idolatram um deus que faz listas e os verifica duas vezes, para ver se se portaram mal ou bem, veneram um deus de vigilância, julgamento e morte. Este não é o Deus de Jesus Cristo, que não mantém qualquer tipo de registo contra nós. Quando encontrarmos o nosso Criador e formos à Sua presença, que carrega todas as memórias da nossa vida no Seu coração, seremos questionados «Há alguém que te condene por isto?» Como irá responder e o que irá julgar?

13. Os meus Pensamentos não são os Teus Pensamentos

No capítulo 11, vimos como a mentira de Satanás - de que teríamos a vida separada de Deus – mudou todo o nosso entendimento da lei. No capítulo 2, começamos por explorar a possibilidade de que a justiça de Deus é diferente do nosso entendimento de justiça. Antes de passarmos a considerar um exame mais detalhado do julgamento, conforme ensinado nas Escrituras, consideremos um pouco melhor as implicações da mentira de Satanás, no que diz respeito à imortalidade e o seu impacto nas nossas perceções de julgamento.

1. Satanás declarou que não morreríamos certamente e que ao comer a fruta da árvore proibida tornar-nos-íamos como Deus. Gen 3:5
2. Isto mudou as perceções humanas da lei. Se não somos dependentes de Deus para a vida, então a Sua lei é-nos imposta sem nenhum motivo válido.
3. Por isso, a mente carnal está em guerra com a lei de Deus e recusa sujeitar-se-lhe. Romanos 8:7
4. A separação da humanidade em relação a Deus causaria o seu fim, pois apenas Deus tem vida. Mas Satanás convida a humanidade a projetar a causa da morte em Deus. Se o homem vir a lei de Deus como uma imposição arbitrária, então é lógico que veja violações dessa lei como sendo impostas também. Vemos isto acontecer na vida de Caim. Deus diz a Caim quais serão as consequências naturais das suas ações e Caim projeta em Deus a culpa desta nova realidade. Génesis 4:11-14
5. Satanás ataca então a imposição da morte como punição pela quebra das leis de Deus. Apresenta Deus como o agressor que inflige a punição. Sabemos disto porque a morte é apresentada como o inimigo de Deus e do homem e algo que é do domínio de Satanás. Hebreus 2:14,1 Coríntios 15:26
6. Satanás apresenta a morte ao homem como a justiça de Deus pela transgressão do homem, projetando o domínio de Satanás em Deus e tornando Deus o autor da morte. Salmos 50:21; Salmos 94:20
7. Como indicámos no capítulo 3, a misericórdia é, então, entendida como um preço a pagar, de forma a atrasar ou remover a punição. No sistema de Satanás, a misericórdia nunca perdoa livremente

alguém sem dinheiro ou sem preço (Isa 55:21). Este sistema requer que a «justiça de Deus» seja apaziguada com um sacrifício; exige pagamento de alguma espécie.

8. A introdução da morte na humanidade como punição de Deus, torna o bem do tempo como algo extremamente valioso. Um período probatório é dado para que escolhamos se acreditaremos que Deus é bom, deixemos a nossa alienação dele e permitamos que nos mostre os nossos pecados, para que sejam curados. Mas entedemos este período probatório no nosso sistema de justiça como nos sendo dado para agradar a Deus com boas ações ou provas de contrição, através da aceitação da cruz antes do julgamento final, o que significa que estamos constantemente a fugir do diagnóstico e da cura que nos é oferecida, e, portanto, a vida torna-se numa corrida contra o tempo, na qual não temos paz. Há uma sensação constante de se esgotar o tempo e uma sensação de desgraça iminente à medida que nos aproximamos do julgamento, o que significa agora a punição dos que fazem o mal e vindicação dos que fazem o bem.
9. Todo este processo é estranho aos pensamentos de Deus. Os seus princípios de misericórdia, justiça e punição diferem completamente dos nossos. Esses conceitos nobres foram corrompidos pelas nossas mentes na mentira da vida inerente, a qual causa que sintamos inconscientemente que não precisamos de Deus e que Ele é um controlador obsessivo e autoritário.

O impacto desta mentira de vida inerente está bem explicado na história do que parecem ser dois barcos a navegar em direção um do outro, na noite. Um barco sinaliza o outro dizendo que altere o seu curso de caminho. Uma voz volta pelo rádio indicando que devem alterar o seu curso para evitar a colisão. O capitão do barco ameaça a pessoa do outro lado para que altere o *seu* curso ou enfrente as consequências. A voz responde, «fala do farol, a decisão é vossa.»

Quando a raça humana abraçou a mentira de que poderia possuir imortalidade e ser como Deus, mudámos a nossa relação com Deus e imaginámo-lo como nós. A luz varredora do farol, que era deitada com amor, para nos proteger da ruína, foi interpretada com tendo uma intenção hostil, e a raça humana preparou-se para uma guerra contra o farol. Quando o barco percebeu a verdadeira identidade da outra fonte

de luz, todo o paradigma se alterou e a luz passou a ser entendida no seu contexto real.

É isto que se passa com o julgamento. Imaginamos que Deus é como nós. Imaginamo-Lo como sendo quem julga, condena e pune, como nós. Mas os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos.

No entanto, para que vejamos a nossa verdadeira condição, Deus permitiu-nos encarar o julgamento que pensamos que Deus exerce. Se Deus não tivesse um julgamento tal como o entedemos, então não O considerariíamos um Deus justo.

Devido à mentira de Satanás sobre a vida, herdamos uma maneira de pensar sobre a vida, a morte e a punição, o que faz com que Deus necessite agora de nos mostrar que não é assim que Ele pensa, quando, ao mesmo tempo, nos atrai na sua direção. Tem de se aproximar de nós e permitiu-se a ser visto como nós, para que não nos afastemos dele considerando que Ele não é justo e honrado nos nosso olhos.

Para explicar como Deus se aproxima de nós devemos considerar o assunto do Santuário, pois esta é a lição que nos mostra em detalhe o processo através do qual Deus consegue a nossa salvação.

14. O teu Caminho, Ó Deus, está no Santuário

Os pontos discutidos no capítulo prévio colocaram uma grande divisão entre Deus e o homem. Através da influência de Satanás, a raça humana mergulhou num caminho muito escuro. Como pode Deus reclamar-nos e corrigir o nosso pensamento falso? Como poderão os nossos pensamentos voltar a ser os pensamentos de Deus, para que possamos verdadeiramente entender o Seu caráter?

Jesus disse-lhe, «**Eu sou o caminho, a verdade e a vida.**

Ninguém vem até ao Pai sem ser através de Mim.» João 14:6

Jesus é o caminho para o Pai, a verdade do Pai e a vida do Pai. É através de Cristo que nos é permitido voltar a Deus. A palavra para caminho (*way*, em inglês, no original), em grego, no verso acima, é G3598 *hodos*, significando *caminho* (*path*, em inglês). A mesma palavra é usada no Velho Testamento grego, neste verso:

O teu caminho, Ó Deus, está no santuário; Quem é tão grande Deus quanto o nosso Deus? Salmos 77:13

Para que Deus se aproxime e viva connosco, Ele mandou construir um Santuário.

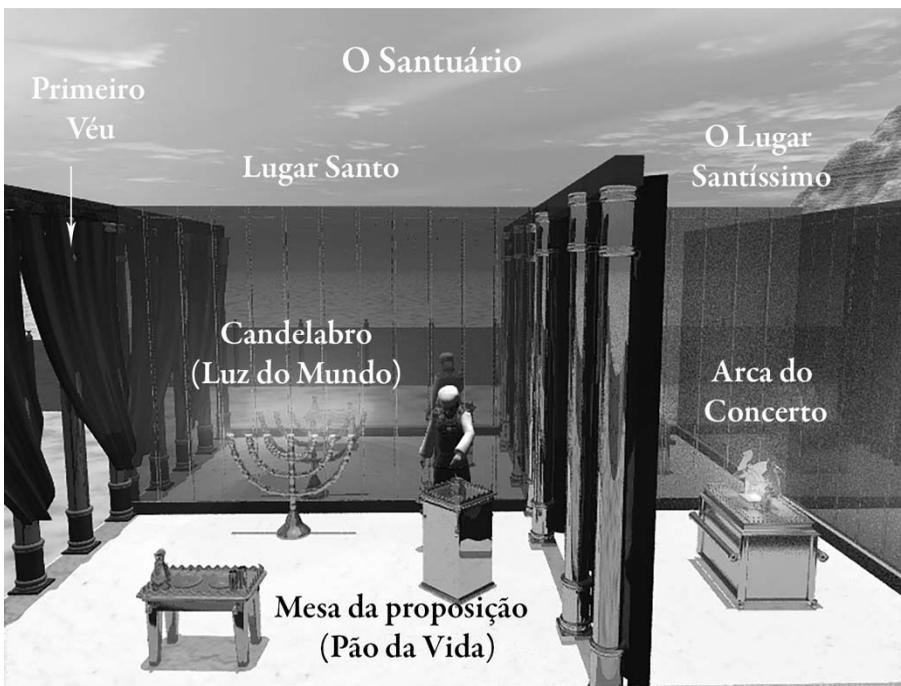
E deixem-os fazer-Me um Santuário, para que possa habitar entre eles. Êxodo, 25:8

O objetivo de andar o caminho deste Santuário é ter os nossos corações de pedra tornados suaves novamente e tornarem-se corações de carne.

Eu dar-te-ei um novo coração e porei um novo espírito dentro de ti; Eu tirarei o coração de pedra da tua carne e far-te-ei um coração de carne. Ezequiel 36:26

O simbolismo do Santuário apresenta-nos os caminhos a seguir para que possamos ser levados nova e totalmente para junto de Deus e reconciliados com Ele.

Consideremos o desenho deste sistema de Santuário.



Os pecadores entram o santuário pela porta do pátio. A sala da o Lugar Santíssimo é o local onde a presença de Deus habita dentro do Sistema do Santuário.

Há muito aspetos do Santuário e dos seus serviços sobre os quais nos poderíamos debruçar²³, mas apenas queremos focar-nos em alguns pontos do progresso do pátio para o Lugar Santíssimo.

Em primeiro lugar, reparamos que toda a mobília do pátio está coberta de Cobre ou Bronze. A mobília do Lugar santo é feita de ouro ou revestida de ouro.²⁴ A mudança nos metais revela uma mudança na qualidade. Representa a mudança de carácter que toma lugar na pessoa enquanto esta progride no conhecimento de Deus. O elemento de Bronze é interessante porque é uma liga de dois metais, o cobre e o estanho. É um metal feito pelo homem. Não foi criado por Deus.

E Zila também teve Tubalcaim, mestre de toda a obra de cobre e de ferro. E a irmã de Tubalcaim era Naama. Génesis 4:22

Deus fala de Latão/Bronze de uma forma negativa, como algo a ser purgado como uma impureza.

Filho do homem, a nação de Istael tornou-se escória para Mim; eles são todos **bronze, estanho, ferro e chumbo**, no meio de uma fornalha; eles tornaram-se escória de prata. Ezequiel 22:18

O altar do sacrifício é o local onde os sacrifícios de animais eram oferecidos. Representa a morte de Cristo na cruz pelos nossos pecados. O facto de que o símbolo do sacrifício de Cristo está sobre um altar de *bronze* indica que Deus está a se acomodar à *forma de pensar do homem*, o que é requerido para que a reconciliação tenha lugar.

Quando o homem projeta a causa da sua própria morte em Deus, como castigo de Deus pelos pecados do homem, Deus tem de providenciar um substituto ao homem; um pagamento é necessário antes que o homem aceite a misericórdia de Deus e acredite que Deus está satisfeito e que a

²³ Por favor, leia o capítulo 15 de Life Matters, para mais sobre este assunto. Disponível em fatheroflove.info

²⁴ Para mais, ler o capítulo 8 do livro Cross Examined and Cross Encountered, disponível em fatheroflove.info

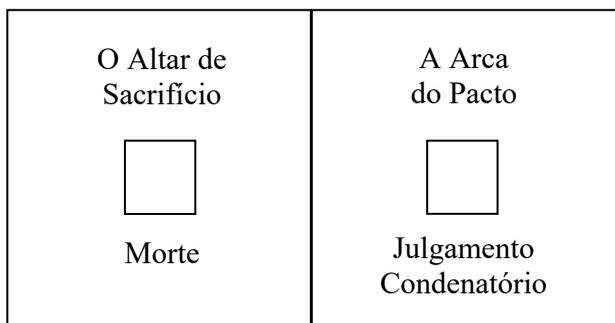
Sua honra foi retida. Ao providenciar este sacrifício, Deus revela o que o homem está a pensar e o que o homem requer para crer que Deus é gracioso para com ele. Cada parte do Santuário pretende alcançar o homem, para se acomodar e falar à sua forma de pensar, e para reconciliá-lo com o Pai.

Os dois princípios-chave para que o homem seja reconciliado eram o julgamento e a morte condenatória.

E não como através daquele que pecou vem a oferta dada, pois **o julgamento é de um para condenação**, mas a oferta é de muitas ofensas para uma declaração de 'Justiça', Romanos 5:16 (YLT)

Pois, se pela transgressão de um, a morte reinou por causa desse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Romanos 5:17

Em cada caso, aquele que condena e através do qual a morte reina é Adão. Adão pensou que Deus tanto condenava como desejava matá-lo. Por isso, existem estas duas áreas do santuário que devem ser reveladas nos homens. O Santuário é um retângulo que cria espacialmente dois quadrados. No centro do primeiro quadrado está o altar do sacrifício. No centro do segundo está a arca do concerto.



Os sacrifícios eram oferecidos no altar do sacrifício todos os dias. O julgamento do dia da expiação apenas ocorria uma vez por ano.

«Também o décimo dia deste sétimo mês será o Dia da Expição. Será uma convocação sagrada para vós; irás afligir as vossas almas e oferecer uma oferenda feita de fogo ao SENHOR. E não trabalharás nesse mesmo dia, pois é o Dia da Expição, para vos expiardes perante o SENHOR vosso Deus. Pois qualquer pessoa que não esteja afligida na alma nesse mesmo dia, será extirpada do seu povo. E qualquer pessoa que faça algum trabalho nesse dia, eu destruirei do meio do seu povo. Levítico 23:27-30

A descrição feita em Levítico é um reflexo de como os homens entendem que Deus deve trabalhar em julgamento. Adão é quem trouxe julgamento, condenação e morte para o mundo. O caminho do Santuário é revelar-nos a nossa verdadeira forma de pensar e depois comparar o que pensamos com a vida de Jesus e percebermos que o nosso pensamento está errado. É assim que a reconciliação tem lugar. É um processo para revelar que o nosso pensamento é errado, depois do qual nos arrependemos e somos perdoados. Isto completa o processo de reconciliação.

A maioria das religiões acredita que porque Deus ordena os sacrifícios e aparece como juiz no Lugar Santíssimo no Dia da Expição, então isto corresponde a como ele é. Mas isto é falso. Deus é como Jesus e estas coisas escritas na lei são reflexos de como nós somos. Deus mostra-nos estas coisas para que possamos arrepender-nos e virar-lhes costas.

Deus encontra-nos no altar de bronze, um altar feito de uma liga desenhada pelo filho de Caim. O Nosso Pai nunca desejou sacrifícios, mas Ele deu-nos para nos mostrar como é a nossa natureza. Ele magnificou o nosso pecado nestes sacrifícios quando, ao mesmo tempo, convenceu-nos, através desta ideia de bronze feita pelo homem, de que poderíamos ser perdoados.

Deus não condena nem julga qualquer pessoa (João 5:22, 8:15), mas permite-nos entendê-Lo desta forma, para nos mostrar o que realmente pensamos que Deus precisa de fazer para terminar esta controvérsia. Pensamos naturalmente que Deus tem de nos dar tempo para nos arrependermos e depois julgar-nos a todos, matar aqueles que não obedecem e recompensar os que o fazem.

Se mantivermos em mente que o santuário é uma forma de levar os homens a Deus, então aceitaremos que o caminho deste processo não representa quem Deus é, mas sim o que Deus está disposto a fazer para chegar até onde nos encontramos.

O Santuário tem um tribunal de bronze e um Lugar Santo e um Lugar Santíssimo. Deus não é representado pelo pátio; isto é uma representação dos homens. Isto é provado pelo facto de que Deus diz ao seu povo, num certo ponto deste processo, para sair do pátio quando medem ou estudam este sistema.

Então foi-me dada uma cana como vara de medição. E o anjo ergueu-se, dizendo, «Levanta-te e mede o templo de Deus, o altar e aqueles que nele adoram. **Mas deixe de fora o pátio que está fora do templo, e não o meças, pois foi dado aos Gentios.** E eles pisarão a cidade Santa durante quarenta e dois meses. Apocalipse 11:1-2

O Lugar Santo não representa quem Deus é porque Deus é sempre Santíssimo. Como pode Deus ser Santo num lugar e Santíssimo noutro? O Lugar Santo revela a progressão das mentes dos homens na direção da verdade. Não é uma representação perfeita do que é. Mesmo o lugar Santíssimo não é uma perfeita representação do caráter de Deus pois Deus nunca desejou sacrifícios e Ele nunca requereu ofertas queimadas. Tudo isto são acomodações para onde o homem está no seu pensamento. É o processo de nos mostrar como somos e então convidar-nos a compararmo-nos com o que Cristo é e arrependermo-nos quando vemos a diferença.

Quando eu era um homem jovem, no final da minha adolescência, fiz coisas que me fizeram sentir extremamente culpado, e reconheci a certo ponto a minha condição de doença pecaminosa e quis ajuda. Foi a morte de Jesus na cruz que me fez acreditar que Deus me perdoava pelos meus pecados. Isto é essencial para a salvação. Uma vez que acreditei que os meus pecados eram perdoados e comecei a conhecer mais Deus, através das leituras sobre Jesus, muitas coisas na minha vida começaram a mudar.

Uns anos depois de começar a aumentar o meu entendimento, comecei a julgar e a condenar os outros por não seguirem o que estava certo.

Fazia-o secretamente mais do que abertamente. Julgava as pessoas porque via Deus como julgador das pessoas, por fazerem a coisa errada. Ele permitia-me vê-Lo desta forma para que o meu espírito de julgamento fosse revelado. Permitia-me vê-Lo, através do Dia da Expição, como um juiz temível e Santo que estaria disposto a destruir pecadores que não se submetessem e obedecessem.

Então, no momento certo, Ele mostrou-me o que o Seu Filho tinha dito sobre Ele em João 5:22, e como o Próprio Jesus agiu em João 8:15. Quando li esses textos e me comparei a eles, chorei durante dias. Arrependi-me e pedi a Deus que me perdoasse. Vi-me subitamente como muito julgador e isso era exatamente o que precisava. *A revelação do julgamento é exatamente o que a humanidade precisa para perceber o quão julgadores e condenadores somos por natureza.*

Isto é como Deus lidou com os discípulos em Mateus 15:22-28. Agiu de um modo que permitiu o preconceito deles contra a mulher cananeia fosse revelado. Quando Jesus finalmente curou a filha da mulher, os discípulos tiveram de fazer uma escolha. Tiveram finalmente de se ver como intolerantes e arreponderem-se ou pararem de acreditar em Jesus.

É por isto que muitas pessoas não aceitam o verdadeiro Deus e o Seu Filho. Não abdicarão do desejo de julgar e condenar e citarão as Escrituras com fartura, para provar que Deus julga e condena. Todos estes textos estão ali para nos testar e revelar o que está dentro de nós. Operam da mesma maneira do que quando aparentou que Jesus chamou cão à mulher cananita. Temos de examinar estas passagens mais cuidadosamente.

Seguidamente, vamos considerar o entendimento corporativo do julgamento e a abertura dos livros no céu como relacionadas com o dia da expiação que discutimos previamente.

15. Os Livros foram Abertos e o Julgamento Estabeleceu-se

A sequência da história exposta em Daniel, 7 e 8, dá-nos um tempo muito específico durante o qual os eventos do julgamento têm lugar. O apóstolo Paulo falou a Félix sobre um tempo vindouro de julgamento no futuro dos seus dias:

Agora, à medida que discutia sobre Justiça, auto-controlo e o **juulgamento vindouro**, Félix teve medo e respondeu, «Vai-te, por agora; quando tiver uma altura conveniente chamarei por ti.» Atos 24:25

Os eventos que nos são dados por Daniel, 7, ajudam-nos a definir onde este julgamento terá lugar. Daniel vê, na visão 4, bestas que saem do mar. A primeira tem a forma de leão, a segunda é um urso, a terceira é um leopardo e a quarta é uma besta sem nome. Depois destas quatro bestas se erguerem há uma cena de julgamento que tem lugar e então o reino de Cristo vem e o povo de Deus irá possuir o reino.

Estas grandes bestas, que são quatro, são quatro reis que se levantam da terra. Daniel 7:17

Estas quatro bestas representam quatro reis ou, como explicado mais à frente, quatro reinos.

Então ele disse: «A quarta besta **será um quarto reino na terra**, que será diferente de todos os outros reinos, e que devorará toda a terra, pisá-la-á e quebrá-la-á em pedaços.» Daniel 7:23

Deste quarto reino erguer-se-ão dez reinos, e depois disto levantar-se-á outro reino diferente em natureza dos outros, e três reinos são subjugados para que este reino se possa elevar.

As dez pontas são dez reis que se erguerão deste reino. Outro pequeno se elevará depois destes; **ele será diferente dos primeiros, e irá subjugar três reis.** Daniel 7:24

Esta pequena ponta diz grandes coisas contra o Altíssimo e muda os tempos especiais de Deus e a Sua Lei e persegue os santos de Deus por um período de três tempos e meio.

Ele proferirá coisas pomposas contra o Altíssimo, Persegurá os santos do Altíssimo, e terá a intenção de alterar os tempos e a lei. Então os santos serão entregues à sua mão por um tempo e tempos e metade de um tempo. Daniel 7:25

Como indicámos previamente, há uma cena de julgamento que tem lugar, e depois vem o reino de Cristo e continua para a eternidade.

Mas o tribunal assentará, e lhe tirarão o seu domínio, para o consumir e destruir para sempre. Então o reino e o domínio, e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo, os santos do Altíssimo. O seu reino é um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão. Daniel 7:26-27

Se olharmos a sequência da história do tempo de Daniel até ao presente vemos que, de facto, houve três impérios mundiais seguidos pela divisão nos dez estados da Europa, seguido pelo Papado, que dominou os assuntos do mundo por mais de 1000 anos.

Os quatro impérios mundiais são representados pela Babilónia, Média-Pérsia, Grécia e Roma.

| | |
|----------------|---------------------|
| 1. Babilónia | 606 a.C. -536 a.C. |
| 2. Medo-Pérsia | 536 a.C. – 331 a.C. |
| 3. Grécia | 331 a.C. – 168 a.C. |
| 4. Roma | 168 a.C. – 476 d.C. |

A sequência dos quatro reinos seguido de uma expansão para dez tem paralelo na visão em Daniel, 2. Daniel disse ao rei da Babilónia que o rei era a cabeça de ouro e que haveria uma sucessão de três impérios depois do seu reino. Podemos sumarizar a informação da pequena ponta em Daniel, 7, da seguinte forma:

| | |
|---|--|
| 1. Proveio da Quarta Besta – Dan 7:7,8 | 1. Papas sucederam os Césares |
| 2. Entre as 10 Pontas | 2. O papado elevou-se até ao poder entre as nações da Europa |
| 3. Diferente das Outras Pontas Dan 7:24 | 3. O papado é tanto um Poder Religioso como Político |
| 4. Pareceu mais forte do que outras Pontas Dan 7:20 | 4. Conteria mais poder do que reis |

| | |
|--|---|
| 5. Desenraizou 3 reinos Dan 7:8,20,24 | 5. Removeu os Hérulos, Vândalos e Ostrogodos |
| 6. Disse grandes palavras contra o Altíssimo. Dan 7:24 | 6. Afirmou ser Deus na Terra e Ter poder para perdoar pecados |
| 7. Matou os santos do Altíssimo. Dan 7:25 | 7. Entre 50 e 150 milhões as pessoas foram mortas pelo Papado |
| 8. Pensou em Mudar os tempos e as Leis Dan 7:25 | 8. Mudou o Sábado para o Domingo, Removeu o segundo mandamento. |
| 9. Reinou por um tempo, tempos e meio tempo Dan 7:25 | 9. A supremacia papal foi de 538 d.C. até 1798 d.C. |

A identificação da ponta pequena como o Papado que emergiu após os quatro impérios mundiais é atestado por muito Estudiosos da Bíblia ao longo dos séculos.

| Nome | Data | Pequeno Ponta | Homem de pecado | Apoc 17 mulher | Anticristo |
|-------------------------|-------------|---------------|-----------------|----------------|------------|
| Waldenses | século XII. | | Papado | Igreja romana | |
| Eberhard II (Salzburgo) | f. 1246 | Papado | | | |
| John Milicz | c. 1367 | | Papado | Papado | Papado |
| John Wycliff | c. 1379 | Papas | Papado | Papado | Papas |
| John Huss | c. 1412 | | Papado | Papado | Papa |
| Girolamo Savonarola | c. 1497 | | Papado | Papado | |
| Martin Luther | 1522 | Papado | Papado | Papado | Papado |
| Philipp Melanchthon | 1543 | Papado | | | Papado |
| John Knox | 1547 | Papado | Papado | Papado | Papado |
| William Tyndale | 1550 | | Papado | Papado | Papado |
| Nicholas Ridley | 1554 | | | Papado | Papado |
| John Hooper | 1550 | | Papado | Papado | Papado |
| Thomas Cranmer | 1582 | Papado | Papado | Papado | Papado |
| James I of England | 1600 | Papado | Papado | Papado | Papado |
| Sir Isaac Newton | 1727 | Papado | Papado | Papado | Papado |
| John Wesley | 1764 | | Papado | Papado | Papado |

O propósito desta identificação não é a de condenar algum grupo ou organização pois a elevação deste poder é um reflexo da natureza humana e revela como todos somos. Condenar os líderes do Papado é provar ser da mesma mente e espírito. O nosso propósito é identificar movimentos proféticos na história da humanidade e aprender com eles.

Daniel 7:25, diz-nos que a pequena ponta governaria por um tempo, tempos e metade de um tempo. Esta mesma referência em Apocalipse, 12, tem paralelo nos 1260 dias.

E à mulher foram dadas duas asas de uma grande águia, para que ela pudesse voar até ao deserto, para o local dela, onde é nutrida por um **tempo, tempos e metade de um tempo**, fora da vista da serpente. Apocalipse 12:14

E a mulher voou até ao deserto, onde tinha um local preparado por Deus, para que a alimentassem por **mil duzentos e sessenta dias dias**. Apocalipse 12:6

O período de 1260 dias só faz sentido quando o princípio Hebreu de aplicar um dia por um ano.

De acordo com o número de dias em que espiaste a terra, **quarenta dias**, para cada dia carregarás a tua culpa um ano, **nomeadamente quarenta anos**, e conhecerás a Minha rejeição. Números 14:34

E quando os tiveres completado, deita-te novamente no teu lado direito; e aí suportarás a iniquidade da casa de Judá por quarenta dias. **Designei um dia para cada ano**. Ezequiel 4:6

O tempo da supremacia Papal foi de 538 d.C. até 1798 d.C., quando finalmente os franceses tomaram o Papa prisioneiro. Foi pouco depois desta altura que o julgamento teve início. Para obter o tempo específico olhamos para Daniel, capítulo 8, e comparamos a sequência da história que aí se apresenta com aquela de Daniel, 2, e Daniel, 7.

A visão de Daniel, 8, providencia-nos um confronto entre um carneiro e um bode, e daí segue uma pequena ponta de entre uma de quatro pontas que emergiram da cabeça do bode depois da primeira ponta original do bode ter sido partido.

Não é deixada dúvida sobre quem é o carneiro e o bode, pois o anjo Gabriel diz a Daniel:

O carneiro que viste, tendo duas pontas – estes são os reis da Média e Pérsia. O bode é o reino da Grécia. A grande ponta que está entre os olhos é o primeiro rei. Daniel 8:20-21

Sabemos que a pequena ponta que saiu de uma das pontas do bode tornou-se maior do que a própria Grécia, que era mais forte do que o da Medo-Pérsia, pois diz:

| | | |
|---------------|-----------------------|----------|
| Carneiro | Grande | Dan. 8:4 |
| Bode | Muito Grande | Dan 8:8 |
| Pequena Ponta | Excessivamente Grande | Dan 8:9 |

A pequena ponta ganhava força contra o Príncipe do exército, que é o Messias, Jesus Cristo. Roma crucificou Cristo e cumpriu esta profecia. A ponta lançou a verdade na terra e fez muitas coisa terríveis. Daniel está assombrado com o que esta pequena ponta diz. Daniel, então, escuta uma conversa entre dois seres sagrados sobre quanto tempo este processo de pisar o povo de Deus e o Santuário sobre os seus pés duraria. A resposta foi dada da seguinte forma:

E ele disse-me, «Durante dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado.» Daniel 8:14

Quando fazemos um paralelo entre Daniel, 7, e Daniel, 8, encontramos uma conexão interessante entre o julgamento que tem lugar em Daniel, 7, e a Purificação do Santuário em Daniel, 8.

| Daniel 7 | | Daniel 8 |
|--------------------|-------------------|---------------------------------|
| Leão | Babilónia | - |
| Urso | Medo-Persia | Carneiro |
| Leopardo | Grécia | Bode |
| Besta | Roma | Pequena Ponta |
| Cena de Julgamento | Julgamento | Purificação do santuário |
| O Reino de Cristo | Segunda Vinda | Quebrado sem Mão Humana |

Qual é o paralelo entre a purificação do Santuário e o Julgamento? A purificação do Santuário Judeu ocorria anualmente durante a festa do Dia da Expição.

Isto deverá ser um estatuto para sempre entre vós: No sétimo mês, no décimo *dia* do mês, irão afligir as vossas almas, e não trabalharão de todo, *quer* um nativo do vosso país quer um estrangeiro que esteja entre vós. Pois nesse dia *o sacerdote* irá fazer a expiação por vocês , purificá-los, *para* que possam ser purificados de todos os vossos pecados perante o SENHOR. Levítico 16:29,30

Também o décimo dia deste sétimo mês será o *dia* de expiação. *Será* uma convocação sagrada para vós; deverão afligir as vossas almas e fazer uma oferenda pelo fogo para o SENHOR. Levítico 23:27

As pessoas eram ordenadas a «afligir as suas almas», (i.e. examinar-se completamente para verificar se teriam algum pecado inconfessado ou algo que as separasse de Deus). O Dia da Expição também era de julgamento para as pessoas. Não era apenas um serviço para o indivíduo (os sacrifícios diários, durante o ano, tratavam disso), mas servia para a remoção final do pecado, no final do ano. Este era o dia para a purificação do santuário. Através do sangue, ele recebia perdão. Pelos sacrifícios executados durante o ano, a sua culpa tinha sido figurativamente transferida de si para o santuário. No Dia da Expição todo o pecado que estava no santuário era resolvido. Qualquer pecado inconfessado no Dia da Expição tornava o pecador culpado, e este suportaria a punição do seu próprio pecado. O pecador tinha sido purificado diariamente durante o ano, mas o santuário carregava figurativamente os pecados das pessoas. Agora, no Dia da Expição, seria o próprio santuário a ser purificado.

Poderíamos providenciar muitos mais detalhes, mas o ponto principal aqui é o de que a purificação do Santuário é um trabalho de julgamento que ocorreu no 10º dia do sétimo mês judeu, chamado o Dia de Expição ou Yom Kippur.

A partir daqui podemos começar a determinar quando este tempo de julgamento iria começar, porque esta conversa entre dois seres sagrados

indicava que iria ter lugar após 2300 dias. Daniel desmaiou após ouvir que a visão seria para daí a vários dias (anos), antes que Gabriel pudesse explicar-lhe quando o fim dos 2300 dias seria. A reação de Daniel a esta afirmação indica que este compreendia que seria mais longo do que literalmente 2300 dias ou apenas 6,3 anos, um tempo relativamente mais curto, o que agradaria a Daniel ouvir. O fim de Daniel, 8, termina com Daniel sem entender a profecia de 2300 anos, um tempo inimaginavelmente longo, que deixou Daniel «doente por vários dias.»

No próximo capítulo, Daniel começou por orar intensamente. Esta oração passa-se alguns anos após a visão em Daniel, 8. Daniel ora uma oração muito bonita e pede ao Senhor que o perdoe e ao seu povo. Então, Gabriel vem a Daniel para lhe dar entendimento da visão que este tinha tido previamente, mas que não entendera.

...sim, enquanto falava em oração, o homem Gabriel, que havia visto na visão inicial, veio, voando rapidamente, e chegou a mim pela hora do sacrifício da tarde. E informou-me, e falou comigo, e disse, «Ó Daniel, **venho até aqui para te dar a capacidade de entender.** No início das tuas súplicas foi dada a ordem, e eu vim até aqui para te dizer que és muito amado; **considera, pois, o assunto, e entende a visão:** Daniel 9:21-23

Gabriel introduz uma nova profecia de 70 semanas partidas em 3 segmentos. 7 semanas para completar o templo. Mais 62 semanas até que o Messias venha e depois 1 semana final. Às 70 semanas aplicam-se novamente o princípio de um dia para um ano. A chave para esta profecia de tempo é que tem uma data de início.

Sabe e entende: **desde a saída da ordem para restaurar e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe,** haverá sete semanas e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, *mas* em tempos angustiosos. Daniel 9:25

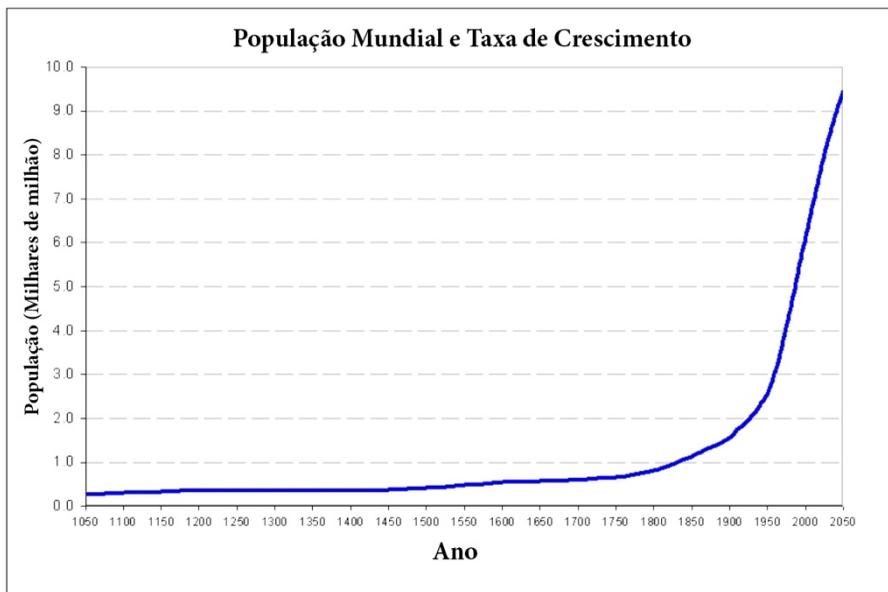
A ordem para restaurar e reconstruir Jerusalém veio em três decretos de três reis persas, e isto está registado no livro de Esdras.

E os anciãos dos judeus iam edificando e prosperando pela profecia do profeta Ageu, e de Zacarias, filho de Ido. E edificaram e terminaram a obra conforme ao mandado do

Deus de , e conforme ao decreto de Ciro e Dario, e de Artaxerxes, rei da Pérsia. Esdras 6:14

Os primeiros dois decretos apenas envolviam a construção do templo, mas o decreto de Artaxerxes envolveu a restauração de toda a Jerusalém e a atribuição de completa autonomia para que se governassem de acordo com a lei de Deus. Este decreto avançou em 457 a. C. Quando reunimos toda esta informação, podemos representá-la como se mostra na última página deste capítulo.

Alguma desta informação é um pouco técnica, mas o objeto deste processo é mostrar, a partir das profecias de Daniel, que existe um tempo definido para o processo do julgamento, antes da vinda de Cristo. A cena de julgamento de Daniel, 7, quando ligada às profecias de Daniel, 8 e 9, começa em 1844. É aí que os livros são abertos e o julgamento é estabelecido. O ano de 1844 inicia-se com o que poderá ser considerado o verdadeiro fim da História, quando não existem mais profecias de tempo – as coisas começam a ser resolvidas. É interessante que se inicie nesta altura a Revolução Industrial, e podemos ver que mais se alterou nos últimos 150 anos do que nos 1800 anos que antecederam o ano de 1844. Nunca o homem havia tido a capacidade de destruir tão completamente o mundo onde vive.



É esta data de 1844 a que Daniel se refere aqui:

E tu, Daniel, encerra estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; **muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará.** Daniel 12:4

Este tempo também é anunciado pela mensagem do Primeiro Anjo de Apocalipse, 14.

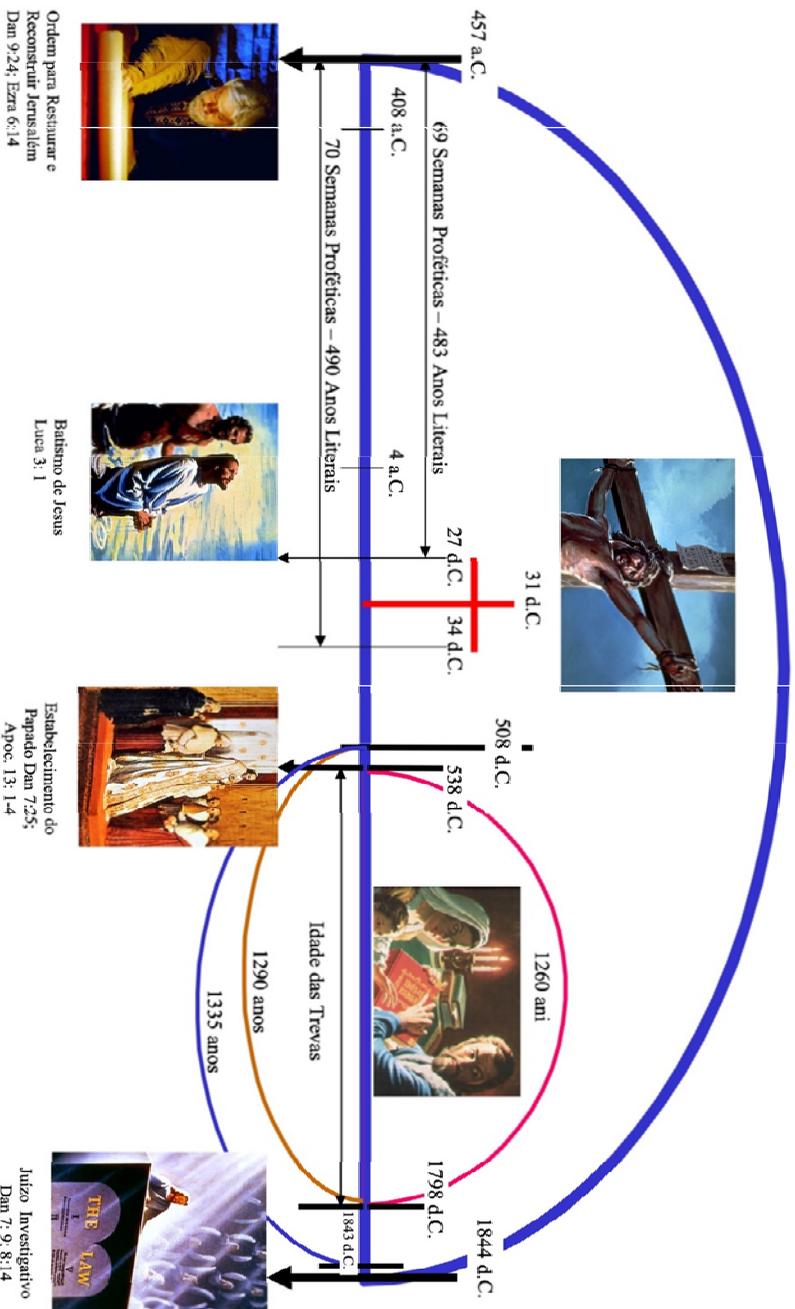
E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o pregar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo – dizendo com grande voz: **«Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo.** E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.» Apocalipse 14:6-7

A grande questão que deve ser levantada em resposta a tudo isto é: porque motivo é Deus retratado a conduzir uma cena de tribunal com livros e a passar julgamento sobre as pessoas, quando Jesus diz que nem o Pai nem o Próprio Cristo julgam quem quer que seja? É Jesus quem nos faz a pergunta?

Mas ele disse-lhe: «Homem, quem Me tornou juiz ou árbitro sobre ti?» Lucas 12:14

A Data do Julgamento

2300 Anos



16. Deixaste o Teu Primeiro Amor

Na noite anterior à morte de Jesus, encontramos uma conversa interessante a ter entre os discípulos.

E houve também entre eles contenda sobre qual deles deveria ser considerado o maior. E Ele disse-lhes: «Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não é assim entre vós; antes, o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve.» Lucas 22:24-26

Imagine a tristeza de Cristo enquanto ouvia os seus discípulos terem uma discussão sobre qual deles deveria ser considerado o maior. Isto indica que todos os discípulos estavam a passar julgamento sobre os outros discípulos quanto a quem deveria servir nas posições mais altas. Estão completamente cegos frente ao sofrimento que Jesus já começa a sentir e deliberadamente ignorantes quanto ao que se estava prestes a passar.

Nessa noite, mais tarde, quando Jesus tenta genuinamente despertar Pedro para este perigo, Pedro compara-se novamente aos outros, passando-lhes, desta forma, julgamento.

Pedro respondeu: « Ainda que todos te abandonem, eu nunca o farei.» Mateus 26:33 (NIV)

Tendo em conta que os seguidores mais próximos de Jesus ainda estavam cheios deste espírito de julgamento aos outros, torna-se evidente que esta questão de julgar o outro está profundamente enraizada no coração humano.

Depois da crucificação e da ressurreição de Cristo, os discípulos foram completamente transformados. Tornaram-se humildes perante Deus e entre eles, e receberam a infusão do Espírito no Pentecostes.

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, **estavam todos concordemente no mesmo lugar**; E de repente veio do céu um som, como de um vento poderoso e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. Atos 2:1-2

Lemos as palavras de Pedro, depois deste momento.

Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. 1 Pedro 5:2-3

A tentação de exercer autoridade sobre os outros é um processo de julgamento que pode facilmente subjugar-nos, especialmente quando a igreja é desafiada por ensinamentos falsos. A igreja de Éfeso enfrentou um grande desafio na questão da doutrina, e observamos as palavras de Jesus sobre esta situação.

Eu conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e como não consegues suportar aqueles que são maldosos; **mas testaste aqueles que se dizem apóstolos e não o são, e desvendaste-os como mentirosos.** Apocalipse 2:2

A palavra *testar* significa *examinar* e *escrutinar*. Os líderes da igreja de Éfeso responderam àqueles que ensinavam o erro com um espírito inquisitivo e de julgamento. Os líderes conseguiam afastar a heresia que procurava entrar na igreja, mas pagaram um preço alto.

Tenho, porém, contra ti que **deixaste o teu primeiro amor.** Lembra-te, pois, donde caíste; arrepende-te e pratica as primeiras obras; e se não, brevemente virei a ti, e removerei do teu lugar o teu candelabro a menos que te arrependas. Apocalipse 2:4-5

Ao procurar purificar do erro a igreja, os líderes perderam o seu primeiro amor. Quão fácil é começar a avisar contra pessoas que têm ideias que sabemos serem falsas. É certo que precisamos de dizer a verdade e contrastá-la com o erro, mas quando começamos a isolar as pessoas, podemos começar a perder o nosso amor pelas mesmas.

A perda de *Ágape* na igreja de Éfeso foi um golpe terrível na igreja. As mensagens das sete igrejas foram não apenas escritas para as igrejas locais durante esse tempo, mas foram também uma profecia da igreja em períodos sucessivos de tempo, desde o tempo dos Apóstolos até ao

dia presente. Sabemos isto porque houve mais de sete igrejas na Ásia. Frígia, Panfília, Galácia, Ponto e Capadócia também foram igrejas na Ásia. Estas sete igrejas foram escolhidas porque representavam a igreja Cristã através de todas as épocas desde o tempo de Cristo.

Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Apocalipse 1:3

João refere-se a todo o livro como profecia e não apenas a partir dos Sete Selos. Em si mesma, a palavra sete é um símbolo, na Bíblia, de completude ou de perfeição. Aqui está um exemplo:

Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado. Génesis 2:2

Deste modo, as sete igrejas representam a história da igreja completa ou finalizada na terra, desde quando Cristo veio pela primeira vez até quando regressa uma segunda vez. Em adição, os sete selos representam o processo completo de selar a Igreja de Deus durante o mesmo período. Considere a seguinte progressão de pensamento nas igrejas.

| Igreja | Significado | Progressão do Juízo |
|----------------------------|---------------------------------|---|
| 1. Éfeso (31-100 d. C.) | Desejável | E puseste à prova os que dizem ser apóstolos , e o não são, e tu os achaste mentirosos. Apo 2:2 |
| 2. Esmirna (100-313) | Doce Odor Quando Esmagada | Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; Apo 2:10 |
| 3. Pérgamo (313-538) | Casamento com o Estado | Conheço as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás ; Apo 2:13 |

| | | |
|--------------------------------|-----------------------|--|
| 4. Tiatira (538-1519) | Gastada Pelo Uso | E ao que vencer, e guardar até ao fim, as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações e com vara de ferro as regerà; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de meu Pai. Apo 2:26-27 |
| 5. Sardes (1519-1798) | Coisas Restantes | O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. Apocalipse 3:5 |
| 6. Filadélfia (1798-1844) | Amor Fraternal | Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo. Apocalipse 3:9 |
| 7. Laodicea (1844- Present) | Julgamento do Povo | Como dizes: «Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu»; Apocalipse 3:17 |

É extremamente interessante que na igreja de Éfeso os líderes estivessem a examinar e a julgar os outros, e que este espírito se tenha depois refletido novamente na era seguinte da igreja, onde a igreja foi condenada e julgada pelo mundo. A mesma palavra grega é usada para ambas estas igrejas. Será que o espírito de julgar outros criou uma separação na igreja que depois lhe permitiu encarar o que tinham começado a fazer a outros?

Devido à perseguição da igreja durante a época de Esmirna, a igreja estava pronta a comprometer-se e a que lhe fosse dado um lugar na mesa de Roma. Pérgamo significa matrimónio consagrado entre a igreja e o estado combinaram-se durante esta época e começaram a sentar-se no trono de julgamento de Satanás. Isto abriu caminho para que Satanás se estabelecesse no seu trono de julgamento dentro da igreja, na terceira época da igreja cristã.

Com o trono de julgamento de Satanás estabelecido, a igreja abraçou, durante a idade das trevas, o espírito de julgamento de que Cristo lhes fala como se tivesse domínio sobre as nações, para as reger com punho de ferro e esmagar aqueles que resistem à sua autoridade. Muitas dos verdadeiros filhos de Deus foram julgados e sentenciados à morte nesta altura. O espírito de julgar, condenar e matar tinha tomado controlo completo da igreja cristã durante esta era.

Este é o contexto de Daniel, 7, e das grandes palavras de que a pequena ponta fala.

Estando eu a considerar as pontas, eis que, entre eles subiu outra ponta pequena, diante do qual três das primeiras pontas foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Daniel 7:8

Eu olhava, e eis que esta ponta fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles. Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino. Daniel 7:21-22

O contexto do julgamento de 1844 é uma resposta às acusações feitas contra o povo de Deus pelo poder da pequena ponta, que comandava desde o trono de Satanás. Reparámos que o julgamento de Deus é, na verdade, uma resposta ao julgamento feito por Satanás através dos líderes da Igreja. De uma forma semelhante a como os líderes judeus haviam condenado a mulher apanhada em adultério e a haviam trazido a Jesus, para que este analisasse o caso, também depois de a igreja ter condenado tantas pessoas à morte respondeu o Ancião dos Dias às acusações colocadas sobre o rebanho de Deus, no julgamento.

Assim, o julgamento de Deus não é sobre Deus a fazer julgamento contra o povo de Deus, mas sim defendendo-as das acusações feitas contra elas por Satanás, por intermédio dos líderes da igreja. Deus permite que este julgamento tome lugar, pois revela o que está nos corações dos homens de Deus quando são julgados, através das diligências de Satanás. Será que o povo de Deus confia nele através do seu processo de julgamento ou desiste da confiança que Deus os guiará através de um julgamento abrasador?

Depois de muitos séculos de perseguição, o povo de Deus exigiu vingança sobre o seu inimigo, devido ao que lhe havia sido feito. Isto é mencionado no 5º selo, que tem paralelo à 5ª igreja das sete igrejas.

vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus [...] E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?
Apocalipse 6:9-10

A igreja sofreu terrivelmente, e milhões morreram. No entanto, o espírito de vingança permaneceu entre o rebanho de Deus, e no desejo que Deus destruísse os seus inimigos. Olhando para a história tornamos-nos muito mais conscientes do caráter do coração humano. Na igreja, os primeiros proponentes de usar a força para controlar o pensamento, como Agostinho, certamente não poderiam imaginar quão escuro e terrível se viria a tornar o processo que iniciaram. Lamentavelmente, precisamos de aprender através desta história, como uma criança que não acredita nos seus pais e precisa de tocar uma coisa ardente antes de acreditar que irá queimá-lo.

É por isto que Deus permitiu que a semente do pecado crescesse: para que o universo inteiro visse o seu progresso e entendesse os seus frutos, e para que soubesse que não há nada positivo no pecado e nenhuma legitimidade nas afirmações de Satanás contra a lei e o governo de Deus. É assim que Deus «vos consumirá de todo; não se levantará por duas vezes a angústia.» (Naum 1:9)

A igreja de Filadélfia era chamada a igreja do amor fraternal. Era uma igreja pequena e fraca que seguiu a verdade, mas nela existia muito amor. As palavras que Jesus lhes dirigiu – «eis que eu farei que venham, e adorem prostrado a teus pés» -, falam do seu desejo de ser reconhecidos e apreciados. Quando nos sentimos pequenos, fracos e espezinhados, a tentação de ser reconhecido aumenta. Jesus encoraja os membros da igreja de Filadélfia numa linguagem que estes entendem. Os seus inimigos acobardar-se-ão perante eles e os males que sofreram serão corrigidos. Esta é a linguagem do julgamento.

As pessoas do tempo da Igreja de Filadélfia, que foi o berço dos eventos de 1844, não entendiam o que estava nos seus corações. Entendiam que

a purificação do santuário, nessa data, significava que Jesus iria regressar e julgar o mundo – Deus iria finalmente vingá-los como estando corretos e os perversos como errados, e que aqueles que os perseguiram e rejeitavam seriam castigados. Quando isto não aconteceu, no Dia da Expição de 1844, este grande grupo de pessoas, chamado de Adventistas, ficou terrivelmente desapontado; este evento tornou-se conhecido como «Dia do Grande Desapontamento». Como consideravam que Deus agiria nessa altura, em 1844, Deus queria que refletissem sobre o seu próprio caráter julgador, mas muitos, infelizmente, abandonaram a fé e ainda mantiveram essa falha de caráter que era profunda no coração do homem. Foi deixado para a igreja final que esta semente se manifestasse totalmente e fosse resolvida na humanidade.

A última igreja é Laodiceia, que significa o juízo do povo – é a igreja do julgamento. A herança humana de julgar e condenar culmina e tem o seu clímax nesta igreja. Deus enviou uma mensagem ao mundo nesta altura, proclamando que o julgamento tinha tido início. Deus é apresentado como ascendendo ao seu trono de julgamento para aceder aos registos da vida de todos os que professaram uma crença em Cristo.

Como é que o povo de Deus encara este julgamento? Dependendo de quanto entende o caráter de Deus. Se vir Deus como um promotor de justiça que revê os registos para eliminar aqueles que não têm uma nota suficiente, então assumirão, naturalmente, um caráter como este quando lida com os seus homens irmãos. A igreja julga-se «rica e aumentada com bens» e considera-se superior a outras.

Devido a este espírito, o Senhor deve revelar-nos o que está nos nossos corações, ao permitir-nos que projetemos nele o caráter de um Juiz que condenará e destruirá aqueles que rejeitam a verdade conforme entendida pelos crentes. Ao mesmo tempo, aqueles que conhecem o verdadeiro caráter de Deus acreditam que Deus é o seu defensor contra as acusações de Satanás. Estas acusações são, ou feitas diretamente contra eles, sendo-lhes dito que são pecadores perdidos e que nunca superarão a sua condição, ou são feitas através daqueles na igreja que percebem a nova luz do caráter de Deus como uma ameaça.

As cenas do julgamento de 1844 são para que os santos de Deus vejam aquilo que está dentro do seu coração. Revela que isto é o que

naturalmente desejamos e que isto é o processo que pensamos ser necessário para acabar com a grande controvérsia.

A verdade é que, desde 1844, é o caráter de Deus que tem sido particularmente julgado. As palavras de Apocalipse 14:7 podem ser lidas de duas maneiras:

Temei a Deus, e dai-lhe glória; **porque é vinda a hora do seu juízo**. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. Apocalipse 14:7

A hora do Seu julgamento chegou! Quem faz o julgamento? Deus ou nós próprios? Jesus diz-nos que Deus não julga ninguém, por isso somos nós quem faz o julgamento, e que julgamos Deus para que percebamos o seu julgamento como se dirigisse a nós próprios.

Pois quê? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, **e venças quando fores julgado**. Romanos 3:3-4

Como julga Deus? Deus julga, condena e executa pessoas? Ou será Ele como Jesus, que é misericordioso, cheio de Graça, ama os Seus inimigos e faz bem àqueles que O odeiam? Assim como julgas...

17. Rio Incandescente ou Chama Ardente?

O sétimo capítulo do Livro de Daniel desempenha um papel fundamental na forma como vemos Deus enquanto juiz que condena e aniquila aqueles que fazem o mal. A visão neste capítulo descreve a sucessão de reinos que dominaram o mundo e conquistaram os seus rivais. Somos, depois, apresentados ao potentado da ponta pequena que emerge de Roma, que descrevemos há dois capítulos atrás.

Estando eu a considerar as pontas, eis que, entre elas subiu outra ponta pequena, diante do qual três das primeiras pontas foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como os de homem, **e uma boca que falava grandes coisas.** Daniel 7:8

Quais foram algumas das grandes coisas de que a Pequena ponta falou?

O Papa é de tamanha dignidade e tão exaltado que não é um mero homem, mas igual a Deus, e o vigário de Deus. ... (traduzido de Lucius Ferraris, "Papa II", *Prompta Bibliotheca*, Vol. VI, pp. 25-29).

Pedro e seus sucessores têm o poder de impor leis tanto prescritivas quanto proibitivas, poder, do mesmo modo, para conceder dispensa dessas mesmas leis e, quando necessário, anulá-las. **É seu o poder de julgar ofensas contra as leis, de impor e retirar penalidades. Esta autoridade judicial abarca, inclusivamente, o poder de perdoar os pecados.** Pois o pecado é uma infração das leis do reino sobrenatural e é tratado sob a avaliação dos seus juizes constituídos. *The Catholic Encyclopedia*, Vol. XII, art, "Papa", página 265.

Os Papas alegam ser Deus na terra e tomam para si o poder de julgar e condenar aqueles que violaram as suas leis. Durante todo o período da idade das trevas, o Papado, através do poder da sua inquisição, levou a cabo vigilância e julgamentos que resultaram na condenação à morte de milhões de pessoas, nos vários países onde dominara.

A visão de Deus da Igreja de Roma era uma de julgamento daqueles que não seguiam o credo como ela o havia definido. No final desta época da

sua supremacia, ao longo da qual perseguiu “os santos do Altíssimo” (Daniel 7:25), a visão altera-se para uma de vislumbre do paraíso.

Continuei a olhar, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram **chamas de fogo**, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e os livros foram abertos. Daniel 7:9-10

Vemos uma cena de tribunal e os livros de registo estão abertos para apreciação e todos os anjos do céu estão reunidos para testemunhar este evento. A visão não menciona uma única palavra do Ancião dos Dias. Simplesmente segue para o próximo evento.

Então, observei, por causa da voz das insolentes palavras que a ponta proferia; observei e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um certo espaço de tempo. Daniel 7:11-12

Soa como se Deus tivesse julgado e condenado os atos da ponta pequena e, então, a tivesse destruído, queimando-a com fogo.

Uma vez que o Pai não profere uma só palavra, somos convidados a discernir o Seu caráter, aqui. É similar à forma como Jesus tratou os Seus discípulos.

E eis que uma mulher cananea, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: “Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada.” **Mas ele não lhe respondeu palavra.** E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: “Despede-a, que vem gritando atrás de nós”. Mateus 15:22-23

Quando Jesus mantém o silêncio em resposta à mulher cananea, os discípulos interpretam esse silêncio como um juízo contra a mulher. Este evento é profetizado na seguinte passagem:

Assentas-te a falar contra teu irmão; falas mal contra o filho de tua mãe. Estas coisas tens feito, e eu me calei; pensavas que era tal como tu, mas eu te arguerei, e as porei por ordem diante dos teus olhos: Ouvi pois isto, vós que vos esqueceis de Deus; para que eu vos não faça em pedaços, sem haver quem vos livre. Salmos 50:20-21

Jesus permanece em silêncio para que o verdadeiro carácter dos discípulos seja revelado. Isto é que sucede no capítulo sétimo de Daniel. O Pai fica em silêncio e, então, uma sucessão de eventos tem lugar. Isto é evidente dadas as palavras da ponta pequena sobre como a besta é finalmente levada e destruída.

Então observei, **por causa do som das grandes palavras que a ponta proferia**; observei até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo; Daniel 7:11

Esta ponta pequena em Daniel, 7 é simbolizado por uma mulher montada numa besta em Apocalipse, 17. A mulher representa uma igreja (Jer 6:2) e a besta em que vai montada representa o poder das nações do mundo. As dez pontas serão dez reis que governarão durante o final da história da terra. Como é a mulher aniquilada e quem a aniquila?

E as dez pontas que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Apocalipse 17:16

Vemos que tanto o ponta pequena quanto a mulher que cavalgam a besta são imolados com fogo. São os reis da terra quem destrói a mulher, representando o mesmo poder que a ponta pequena. Isto significa que não é Deus quem destrói a ponta pequena. Destrói-se a si mesmo, através das suas palavras de soberba.

O Senhor é conhecido pelo juízo que fez; enlaçado foi o ímpio nas obras de suas mãos. (Higaiom; Selá.). Salmos 9:16

Por isso Eu derramei sobre eles a minha indignação; **com o fogo do Meu furor os consumi; fiz que o seu caminho recaísse sobre a sua cabeça**, diz o Senhor DEUS. Ezequiel 22:31

Deus diz-nos como funciona a Sua indignação. As decisões exatas que indivíduos, igrejas e nações tomam podem recair sobre todos aqueles que as fazem, para o bem ou para o mal. Deus não intervém nem exerce poder mas, em vez disso, permite que os eventos sigam o seu curso natural até que aquilo que a pessoa semeie seja colhido na sua própria ceifa.

Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. Gálatas 6:7-8

Tal como quando os Fariseus trazem a mulher à presença de Cristo, para que seja julgada, e Ele nada diz, escrevendo apenas no chão, assim também o Ancião dos Dias, durante o Julgamento, nada diz, escrevendo apenas na poeira do coração dos homens a verdade do que fazem, para que se possam arrepender ou, em último caso, rebelar-se a ponto de se autodestruírem.

Quando olhamos para cena da sala do trono, imaginamos Deus de pé, julgando os que pecadores e, portanto, entendemos o fogo que brota d'Ele como uma chama ardente enviada como um aviso, aos que praticam o mal, de que estão prestes a pagar pelos seus pecados com a força violenta que sai do trono de Deus.

Um rio de fogo manava e saía de diante dele; Daniel 7:10

As palavras «rio de fogo» também poderiam ser traduzidas como rio incandescente. Esta ideia leva-nos a outras cenas de salas do trono.

E havia diante do trono algo como um **mar de vidro, semelhante ao cristal**. Apocalipse 4:6

E mostrou-me o **rio puro da água da vida, claro como cristal**, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. Apocalipse 22:1

O rio que mana do trono de Deus é o rio incandescente da vida. Onde quer que este rio corra existirá vida.

E será que toda a criatura vivente que passar por onde quer que entrarem estes rios viverá. Ezequiel 47:9

Quando olhamos para cena do trono em Daniel, 7, somos convidados, por causa do silêncio do Pai ao julgar, a interpretar como Ele trataria a

situação. Ao olhar para esta cena, «é vinda a hora do seu juízo.» (Apo 14:7). Somos nós quem decide o seu caráter, nesse momento. Vemos o Pai através das palavras do Seu Filho (Jo 5:22), ou vemo-Lo sob o olhar da natureza que nos foi dada através de Adão; uma natureza que julga e condena à morte? (Rom 5:16)

Lembremo-nos, como afirmámos no capítulo anterior, de que o espírito de julgamento surgiu na igreja pouco tempo depois da missão de Cristo na terra. Satanás estabeleceu a sua cátedra de julgamento na igreja e começou a julgar e condenar os fiéis.

As ações do Altíssimo durante o juízo consistem em defender o povo de Deus das acusações feitas contra si pela ponta pequena.

Eu olhava, e eis que esta ponta fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles. **Até que veio o ancião dos dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo;** e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino. Daniel 7:21-22

O julgamento testa os corações do povo de Deus. A ideia de Deus, sentado como um juiz, pode fazer com que o desejo natural dos homens em julgar e condenar se projete em Deus, no juízo. Desejamos condenar e destruir os nossos inimigos, portanto presumimos que Deus quer condenar e destruir os Seus. Mas Deus não é assim. Deus não acusa nenhuma pessoa, simplesmente defende os Seus filhos fiéis contra as investidas acusatórias do Satanás.

Satanás acusa-os dia e noite. Sussurra as suas acusações nas suas mentes. Os santos clamam a Deus para que se vejam livres delas. O povo de Deus, ora implorando a Deus que lhes dê graça e força, ou começando a julgar os outros, como imaginam que Deus faria por eles. Como agiria neste juízo?

Vemos que, porque a ponta pequena julgou e condenou outros, as suas próprias palavras levaram a que ela mesmo fosse julgada, condenada e, eventualmente, destruída. Deus não é escarneado. Se os homens semeiam a discórdia e a condenação, então será isso que colherão. Sigamos as palavras de Jesus e não julgemos o outro. Então, também nós não seremos julgados (Mat 7:1). Cabe-nos a nós a escolha de que papel desempenharemos neste julgamento.

Assim como julgas...

18. A Linguagem da Força do Mal

Imediatamente antes de morrer, Jesus bradou estas palavras lancinantes:

Eli, Eli, lema sabachtani? (que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?). Mat 27:46

Estas palavras foram ditas não em hebraico mas em aramaico. Isto levou a que muitos acreditassem que Ele falava maioritariamente em aramaico. Esta é uma característica bem evidente no filme *A Paixão de Cristo*, realizado por Mel Gibson.

Existem bastantes provas que suportam o facto de o hebraico ser amplamente falado no tempo de Cristo. Confirmamos isto pelo letreiro afixado sobre a cabeça de Jesus aquando da Sua crucificação, bem como pela forma como Paulo se dirigia a alguns dos seus destinatários.

E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. E muitos dos judeus leram este título; porque o lugar onde Jesus estava crucificado era próximo da cidade; **e estava escrito em hebraico, grego e latim.** João 19:19,20

... Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo; e, feito grande silêncio, **falou-lhes em língua hebraica**, dizendo: Atos 21:40

Quando Jesus interpelou Paulo na estrada para Damasco, falou-lhe em hebraico:

E, caindo nós todos por terra, **ouvi uma voz que me falava, e em língua hebraica dizia:** Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os agulhões. Atos 26:14

Descrições de lugares, como Gabatá e Gólgota, também são feitas «em língua hebraica» (João 5:2; 19:13,17; Apocalipse 9:11; 16:16).

A título de curiosidade, note-se que muitas das traduções modernas alteraram a palavra grega para «hebraico» e traduzem-na como «aramaico».

Caímos todos por terra e **eu ouvi uma voz dizer-me em língua aramaica**: “Saulo, Saulo, porque me persegues? É duro para ti recalcitrar contra o aguilhão.” Atos 26:14

Os linguistas bíblicos racionalizam esta mudança de palavra com base na ideia de que se determinou que a língua hebraica já estava a cair em desuso geral, e que o termo “língua hebraica” apenas se refere à língua comum, que era aramaico. Contudo, isto não só altera o significado da palavra em si, como nega as referências óbvias ao hebraico no texto.

Esta situação torna-se ainda mais interessante quando reparamos em como os Judeus pensavam acerca do aramaico.

No seio dos próprios povos Judeus existia uma distinção bastante clara entre hebraico e aramaico. O hebraico não era somente a língua académica e literária, era, de facto, a linguagem normativa usada no quotidiano. “Na terra de Israel”, diz a Mishná, “porquê a língua aramaica? Ou a Língua Santa (hebraico), ou a língua grega.” O aramaico não tinha “prestígio” nem “impunha respeito”, como observam Safrai e Stern, enquanto o hebraico cumpria ambos os requisitos. Mesmo nos tempos do Talmude mais tardios era proibido remover um manuscrito em aramaico de um fogo, embora o mesmo fosse permitido caso se tratasse de um mesmo manuscrito, mas em hebraico. Era expressamente proibido abandonar a celebração na sinagoga enquanto estivesse a ser lida a Bíblia em hebraico, mas tal não acontecia com aramaico. Inclusivamente, memorizar as Escrituras em aramaico era considerado insuficiente, enquanto que ouvi-las em hebraico, mesmo sem entender uma única palavra, era “cumprir o seu dever”!

Para o povo judaico, era o hebraico que se considerava como “a Língua Santa”, enquanto o aramaico era visto como “a linguagem da Força do Mal” [de Zohar]. Não que esta fosse completamente rejeitada, mas era considerada uma língua inferior ao hebraico – a verdadeira “língua dos nossos pais” e

meio de discurso comum. Assim sendo, o Talmude de Jerusalém declara que:

“Quatro línguas são importantes: grego para o canto, latim para a guerra, aramaico para o canto fúnebre e hebraico para falar».

Este era o lugar do aramaico – “cantos fúnebres”. Mas o hebraico pertencia no lugar mais elevado da oralidade quotidiana (“para falar”) e da adoração. Portanto, para um pai Judeu, não conversar com o seu filho “em hebraico” desde tenra idade e ensinar-lhe a Lei, seria “como se o tivesse enterrado”. Relativamente ao aramaico, inversamente, os rabis advertiam:

“A todo o que fizer intercessões pessoais [em oração] em aramaico, os anjos ministradores não prestarão atenção, uma vez que os anjos não entendem aramaico”.

Isto, claro, não é uma posição canónica, mas simplesmente reflete a profundidade do sentimento anti-aramaico entre os académicos Judeus. De facto, o Talmude relata uma ocasião muito anterior, em que Gamaliel – o mesmo Gamaliel sob a tutela de quem Paulo tinha estudado (Atos 22:3), e cujas palavras sábias relativamente aos Cristãos estão inscritas em Atos 5:34,40 – se encontrava sentado na escadaria ainda inacabada do templo. Alguém lhe mostrou uma cópia de uma tradução aramaica do Livro de Job, a primeira e, naquela época, única “Targum”. Tal foi o asco causado, que Gamaliel diz ao construtor que “enterre o livro sob os escombros”. Esta era a forma como era vista uma tentativa pioneira de traduzir para aramaico uma porção das Escrituras, na Judeia do tempo de Yehoshua [Jesus]!²⁵

Se o aramaico era usado pelos Judeus para canto fúnebre, ou para fazer luto pelos mortos, e se era entendido como «a linguagem da força do

²⁵ <http://danielbenyaacovysrael.blogspot.com/2013/06/did-yehoshua-spoke-hebrew-or-aramaic.html>

mal», então vemos como o seu emprego podia significar a influência de uma presença indesejável.

Quando Jesus morreu na cruz, carregou consigo o peso dos pecados do mundo. Estava rodeado de homens perversos que zombavam d'Ele e, enquanto isso, Satanás inculca-lhe o pensamento com a ideia de que o Seu Pai O abandonou.

As palavras exatas de Jesus, em aramaico, indicam que, nas trevas, Ele é oprimido por uma influência estranha, que é a linguagem do luto e da morte.

Neste contexto, a composição de Daniel, 7, em aramaico, contrastando com o hebraico de Daniel, 8, é extremamente significativa.

No sétimo capítulo de Daniel, Deus é vislumbrado através da lente de uma influência estranha. A linguagem da condenação e da morte é utilizada como a lente através da qual se vê o trabalho de Deus no julgamento.

Quando o julgamento é descrito no oitavo capítulo de Daniel, não há cena em tribunal. É-nos dito, simplesmente:

E ele disse-me: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o **santuário será purificado**. Daniel 8:14

Aquele respondeu: «Duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois disso, **o santuário será restaurado**.» Daniel 8:14 (DBFC)

O outro respondeu, «Levará 2300 tardes e manhãs; então será **o santuário novamente restaurado**.» Daniel 8:14 (NLT)

Dentro d'O Lugar Santíssimo do sistema do Santuário não existem livros de registo para além dos Dez Mandamentos e do livro da Lei. Não há símbolos legislativos neste espaço. Daniel 2-7 é escrito em aramaico porque estes capítulos consistem em profecias que lidam maioritariamente com matérias de política e, portanto, são consideradas como sendo de interesse para os gentios (o aramaico era a *lingua franca* da altura). Em Daniel, 7, esta visão de Deus enquanto juiz de um tribunal de acordo com a perspectiva humana d'Ele é-nos apresentada em aramaico para reforçar a ideia de que essa perspectiva é diferente da do

céu, própria daqueles que têm “um véu cobre o coração” (2 Cor 3:15), pois o Pai não julga e condena pessoa alguma.

O aramaico é uma combinação de caldeu e hebraico. Mistura a língua de Jerusalém com a língua da Babilónia, e isto é muito relevante. A cena do julgamento, em Daniel, 7, combina o processo de julgamento tido por Deus com o processo de julgamento de Babilónia.

Na língua hebraica, descreve unicamente um restaurar de coisas que ficaram desordenadas. Quando Adão julga e condena Deus, ao pensar que Deus pretendia matar a sua esposa, desordena a sua própria mente, o seu santuário. Não estava no estado correto.

Da mesma forma que a morte de Jesus trouxe à humanidade a fé em que Deus pode expiar os nossos pecados através de um processo de sacrifício que não representaria o Seu carácter, também, através de um processo subentendido de condenar os julgamentos, a humanidade pode entender que o pecado vai ser corrigido e tratado de forma correta. A partir desta fé, o Homem é, então, convidado a contrastar as suas próprias ideias de julgamento com as palavras de Jesus, que nos diz que Deus não julga ninguém.

O silêncio de Deus no capítulo sétimo de Daniel, em conjunto com o uso da língua aramaica, escondem o Pai nas trevas que Adão julgou que Deus fosse. Conforme olhamos para as cenas do julgamento neste capítulo, vai-nos sendo revelada a forma como lidaríamos com os que praticam o mal. Imaginamos que o Pai é como nós, pois mantém o silêncio perante as nossas ideias erradas. Contudo, à luz da vida na terra levada pelo Seu Filho, Ele repreende-nos diretamente. Cada milagre terno que Jesus realizou é uma admoestação para nós. Cada bofetada no rosto que pacientemente suportou nos afirma que o nosso Pai não pensa como pensamos nem condena como nós condenamos.

Será que a escolha de linguagem que Jesus tomou, quando estava prestes a morrer, é relevante? Será que Ele exprimiu a presença de um elemento estranho?

Assim como julgarmos...

19. Contextualizando o Juízo do Pré-Advento

Como já havíamos analisado anteriormente, há um período de julgamento que terá lugar antes da Segunda Vinda de Cristo. A sequência de eventos em Daniel, 7 revela-o claramente. A questão a ser colocada é: qual a natureza deste julgamento, quando sabemos que Deus não julga nem condena?

O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. 2 Pedro 3:9

O Pai não quer que nenhuma dos seus filhos se perca. Quer que todos sejam salvos. Tal como vemos, no sétimo capítulo de Daniel, é através do processo de julgamento que Cristo consegue tomar posse do Seu reino.

Eu estava a olhar nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu Um como o Filho do Homem; e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e fizeram-no chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído. Daniel 7:13-14

O reino que Cristo recebe é um em que todos os povos, nações e línguas O servirão alegremente. O domínio de Cristo é o amor e afeição profundos do Seu povo para consigo. O seu domínio não é de força, mas de amor gratuito e aberto.

Satanás alega posse de todas as pessoas neste planeta. Cada pessoa que peca, toma-a para si. Antes que Cristo regresse para resgatar os Seus filhos, Satanás, o acusador, estará no meio deles para protestar contra a sua ressurreição e a sua redenção.

E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já **o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava** de dia e de noite. E eles

o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte.
Apocalipse 12:10-11

A Bíblia dá-nos um modelo de como o julgamento dos mortos acontecerá. Este modelo pode ser encontrado na vida de Moisés.

Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; **mas disse: O Senhor te repreenda.** Judas 1:9

Algum tempo após a morte de Moisés, este foi levado para os céus. Foi a primeira ressurreição dos mortos de que se tem conhecimento. A Bíblia ensina-nos que, quando uma pessoa morre, regressa à terra e aguarda, no túmulo, até ao dia da última ressurreição.

Porque os vivos sabem que hão de morrer, **mas os mortos não sabem coisa nenhuma**, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento. Eclesiastes 9:5

Assim o homem se deita, e não se levanta; até que não haja mais céus, não acordará nem despertará de seu sono. Quem dera que me escondesses na sepultura, e me ocultasses até que a tua ira se fosse; e me pusses um limite, e te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias de meu combate esperaria, até que viesse a minha mudança. Chamar-me-ias, e eu te responderia, e terias afeto à obra de tuas mãos. Job 14:12-15

Contrariamente àquilo em que a maioria das pessoas acredita, a alma não é imortal.

Seria porventura o homem, mortal, mais justo do que Deus?
Seria porventura o homem mais puro do que o seu Criador?
Job 4:17

Se um homem fosse, à partida, imortal, porque nos diria a Bíblia que procurasse a imortalidade?

A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, **procuram glória, honra e incorrupção**; Romanos 2:7

Deus é o único que possui imortalidade.

A qual a seu tempo mostrará o bem-aventurado, e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores;

Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver, ao qual seja honra e poder sempiterno. Amén. 1 Timóteo 6:15,16

Haveria muito mais sobre o que nós quereríamos partilhar, dentro deste tópico, mas o ponto a reter, aqui, é que, até aos dias de hoje, apenas um número ínfimo de pessoas foi ressuscitado dos mortos e levado ao céu. O restante dos filhos redimidos de Deus será resgatado no dia da Segunda Vinda.

Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes **acerca dos que já dormem**, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. **Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares**, e assim estaremos sempre com o Senhor. 1 Tessalonicenses 4:13-17

Moisés é um caso excepcional, dos que foram levados ao céu. Enoque e Elias foram também arrebatados, mas estes não morreram primeiro, como aconteceu com Moisés.²⁶ Assim como Cristo desceu dos céus para ressuscitar Moisés de entre os mortos, também Satanás veio argumentar com Cristo sobre se seria correto ressuscitá-lo.

²⁶ Ver Génesis 5:23,24; 2 Rei 2:11.

Tal como vimos, no capítulo 12, o registo da vida Moisés foi inscrito no seu coração, bem como no coração de Cristo. Os anjos que têm o dever de nos guardar também registam os eventos da nossa vida, uma vez que nos seguem durante toda a sua duração e testemunham todas as coisas que fazemos.

O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra. Salmos 34:7

Enquanto Satanás tenta refutar a posse de Cristo sobre a vida de Moisés, é o próprio registo da vida de Moisés que fala por ele naquele momento de julgamento contestado. Cristo conhecia cada detalhe da vida de Moisés porque, através do Espírito de Deus, testemunhou cada evento nela.

SENHOR, tu me sondaste, e me conheces. **Tu sabes** o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. **Cercas** o meu andar, e o meu deitar; e **conheces** todos os meus caminhos. Não havendo ainda palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó Senhor, **tudo conheces**. Salmos 139:1-4

O registo de Moisés revela, nitidamente, a Sua confiança no Seu Salvador. Revela que se confiou inteiramente aos méritos de Cristo. Moisés julgou isto por si mesmo, antes de morrer, e inscreveu-o no seu coração e no coração de Cristo de forma perene.

À universal assembleia e igreja dos primogénitos, **que estão inscritos nos céus**, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; Hebreus 12:23

Cristo silencia as acusações de Satanás contra Moisés e diz: “O Senhor te repreenda.” Tudo o que Cristo teve de fazer foi revelar o registo da vida de Moisés. Moisés julgou o seu próprio caso e colocou-o nas mãos do Seu Salvador, para que, quando Satanás viesse alegar posse sobre ele, Cristo se levantasse em Sua defesa e, portanto, tivesse o poder de o ressuscitar do sono dos mortos.

Este é o padrão para todos os que serão ressuscitados para a vida na primeira ressurreição dos justos. Antes que Cristo venha despertar os Seus filhos adormecidos de entre os mortos, Satanás virá disputar o direito de Cristo os ressuscitar. Os registos dos santos adormecidos

inscritos no coração de Cristo estarão abertos, e cada registo provará se serão considerados merecedores de vida eterna, ou não.

Não julgueis, para que não sejais julgados. **Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados**, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. Mateus 7:1-2

Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e **não vos julgais dignos da vida eterna**, eis que nos voltamos para os gentios; Atos 13:46

Aqueles que souberem que são pecadores e confiarem nos méritos da graça de Deus cessarão de julgar outros e simplesmente descansarão na graça e misericórdia do Senhor. Quando chegarem ao fim das suas vidas na terra, revisarão os seus registos e verão as suas muitas falhas e fraquezas. Abandonarão quaisquer certezas de que eram merecedores de vida eterna por causa dos seus méritos, e confiarão somente na misericórdia e na graça de Deus. Isto será registado no seu livro da vida, e este registo será apresentado quando Satanás confrontar o direito de Cristo em resgatá-los, pois estão marcados nas palmas das mãos de Jesus.

Assim sendo, desde 1884, Cristo tem preparado a lista daqueles que serão ressuscitados aquando da Segunda Vinda. Satanás tem estado a disputar cada uma das reivindicações que Jesus vai fazendo sobre as almas dos homens. Existem algumas que Cristo deseja salvar, mas assim que Satanás contesta o direito, o registo existente revela que não depositaram esperança suficiente na sua fé em Cristo. Para estes, as afirmações de Satanás são provadas, e é-lhe permitido proibir que essas almas sejam salvas no dia da Segunda Vinda. É devastador para o coração de Cristo aceitar a posse de Satanás sobre uma pessoa, porque o registo da sua vida demonstra que desistiram da sua fé.

Como vimos na parábola do filho pródigo, tal como no julgamento em Daniel, 7, Deus não profere uma palavra contra ninguém, no julgamento. Os registos são gravados por cada pessoa, e falam por si mesmos. Cristo lembra cada caso, pois conhece cada pessoa no seu íntimo, sabe tudo sobre a sua história, e, portanto, pode ser advogado de defesa dos filhos de Deus quando Satanás os acusa. Satanás é o

acusador, Cristo é o defensor. Deus e o Seu Filho alteram a decisão de Satanás contra o povo de Deus e o julgamento é feito em favor deste.

Eu olhava, e eis que este [Satanás, por meio da] ponta fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles. Até que veio o ancião de dias, **e fez justiça aos santos do Altíssimo**; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino. Daniel 7:21-22

Apenas aqueles que disseram ser seguidores de Cristo estarão presentes neste julgamento. Os que não professam Cristo ou não mostram provas do efeito do Espírito de Cristo nas suas vidas não são chamados à acusação, levantada por Satanás, contra o desejo de Cristo em resgatar todos aqueles que acreditam n'Ele.

Quem crê nele não é condenado; **mas quem não crê já está condenado**, porquanto não crê no nome do unigénito Filho de Deus. João 3:18

Os que não creem no Filho de Deus não têm maneira de escapar ao seu próprio espírito de condenação. Quando são confrontados com os seus pecados, condenam-se a si mesmos e desejam a morte.

E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; E diziam aos montes e aos rochedos: **Caí sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro**; Porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir? Apocalipse 6:15-17

Quando Cristo regressar e bradar com a voz do Arcanjo: “ressuscitai”, os ouvidos dos santos adormecidos serão perfurados pelo som do triunfo e despertarão dos seus túmulos, caminhando para a vida eterna.

Os perversos que morreram sem crer têm as suas orelhas fechadas, para que não possam ouvir. Durante toda a sua vida pecaram contra o Espírito de Deus e, desta forma, a voz de Cristo não lhes é familiar. Não respondem ao chamamento, mesmo que este fosse para que todos se aproximassem.

... os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, **e os que a ouvirem viverão.** João 5:25

Os pecadores resistem a este chamamento e, assim, permanecerão no pó da terra até ao fim dos mil anos, quando serão finalmente erguidos.

Durante a Segunda Vinda, Cristo não toca na terra na Sua forma divina totalmente glorificada. Se o fizesse, todos se levantariam do chão, como evidenciado pela ressurreição dos pecadores depois que os mil anos terminaram e Cristo *toca* na terra. Cristo chama os seus santos adormecidos do ar, para que apenas aqueles que morreram na fé respondam.

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a **encontrar o Senhor nos ares**, e assim estaremos sempre com o Senhor. 1 Tessalonicenses 4:17

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. Mateus 24:31

No final dos mil anos, quando Cristo regressar à terra juntamente com a cidade celestial, aqueles que haviam rejeitado a sua misericórdia serão ressuscitados.

Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti. **Porque eu juntarei todas as nações para a batalha contra Jerusalém;** e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativoiro, **mas o restante do povo não será extirpado da cidade.** E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou, sim, no dia da batalha. **E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande;** e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul. Zacarias 14:1-4

E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. Apocalipse 21:1-2

Os pecadores demonstram os seus verdadeiros sentimentos em relação a Deus e aos justos, e desejam destruir aqueles que estão na cidade.

E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. **E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada;** e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou. Apocalipse 20:7-9

Para um estudo detalhado sobre como o fogo brota de Deus e destrói os pecadores, consultar o panfleto *Consuming Fire*, disponível em fatheroflove.info.

Em suma, é o peso da culpa que o pecador carrega que o destrói, no final. Na presença de Deus e do Cordeiro, onde são confrontados com todo o seu registo de vida, condenam-se a si mesmos completamente e são esmagados pela sua própria culpa.

Concebestes palha, dareis à luz restolho; **e o vosso espírito vos devorará como o fogo.** E os povos serão como as queimas de cal; como espinhos cortados arderão no fogo. Isaías 33:11-12

Em conclusão, descobrimos o significado do julgamento descrito no capítulo sétimo do Livro de Daniel. A cena do tribunal é criada porque Satanás não quer perder nenhum daqueles que desceram ao túmulo. Tal como a guarda romana que foi enviado para guardar o sepulcro de Jesus para, em vão, prevenir qualquer sombra de ideia de que Cristo pudesse ressuscitar, assim também Satanás rodeia os túmulos dos justos que morreram e tenta proibir a sua fuga da morte.

Cristo repreende Satanás, uma vez que o registo mostra, inequivocamente, a fé do Cristão que Satanás tenta tomar para si.

Para aqueles que olham para o rosto do nosso Pai celestial pela fé, através da lente do caráter de Jesus, vejam que Deus não julga nem condena ninguém. Satanás é o acusador, e aquele que busca a nossa condenação. Satanás procura colocar as suas características na figura de Deus, para nos levar a pensar que Deus nos julga e nos condena. Deus enviou-nos o Seu Filho para nos revelar o Seu caráter, não para condenar o mundo (João 3:17). Durante o juízo, Ele fica em silêncio e permite-nos julgar como calcularíamos que resolveria a situação. Portanto, vemos a verdade absoluta das palavras de Cristo:

Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados.

Mateus 7:2

20. O Tempo da Provação de Jacob

No capítulo anterior descrevemos o processo de julgamento daqueles que morrem antes da vinda de Cristo e que são ressuscitados dos mortos para se encontrarem com Ele nos ares. O que acontece aos fiéis seguidores de Cristo que estão “vivos e permanecem” durante a Sua vinda? Como é que o julgamento lida com eles, dado que todos temos de comparecer perante o trono do tribunal de Cristo?

Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. 1 Coríntios 10:11

As parábolas da Bíblia vão ajudar-nos, aos que vivemos nos dias do fim, a compreender o que sucede ao povo de Deus quando enfrenta o processo de julgamento como descrito em Daniel, 7, antes da vinda de Cristo.

Examinámos a história da mulher que foi apanhada a cometer adultério, no capítulo 10, e o processo de julgamento de que foi alvo enquanto estava ainda viva. Foi levada à presença de Cristo por aqueles que diziam ser seguidores de Deus. Tal como os líderes Judeus, existem imensos Cristãos a dizer às pessoas que Deus os queimará no fogo do inferno por causa dos seus pecados. As suas palavras e ações têm o poder de arremessar aqueles que acusam aos pés de Cristo. Apesar de muitos reagirem com raiva e violência para com os acusadores, outros levam a sério as acusações levantadas contra si e procuram perdão pelos seus pecados.

Assim, nos dias do fim, as igrejas Cristãs cumprem o seu papel de confrontar o mundo com os seus pecados e de informar os homens sobre o julgamento que os aguarda. Ainda que as igrejas tenham uma visão completamente errada de Deus, cumprem a sua parte em fazer chamar a atenção para a condenação do pecado.

Consoante nos aproximamos dos últimos dias, a Bíblia diz-nos que haverá um tempo de grande provação, como nunca existira antes. Os eventos recentes, relacionados com a COVID-19 e os motins motivados por questões raciais, podem até sugerir que já nos encontramos na fronteira dessa era de tribulações.

E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, **e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo**; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. Daniel 12:1

Quando as pessoas começarem a ver o mundo a ruir e a forma como as coisas malévolas realmente afetam a terra e as nações do mundo, muitos começarão a perguntar-se se foram os seus próprios pecados que causaram estes eventos na terra. Existirão duas classes de pessoas religiosas que surgirão quando estas provações tiverem início.

E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. Lucas 23:39-42

Ambos os homens foram crucificados com Jesus. Um deles aceitou que a desgraça se abateu sobre si por culpa do seu próprio pecado. O outro rejeitou Jesus com raiva e exigiu que, se Cristo era quem dizia ser, devia salvá-los a todos. Um arrependeu-se com mágoa e esperança; o outro manteve-se zangado, desafiador e recusou-se ao arrependimento.

Paulo diz que os últimos dias serão similares à experiência de uma mulher que está prestes a dar à luz.

Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, **como as dores de parto àquela que está grávida**, e de modo nenhum escaparão. 1 Tessalonicenses 5:2,3

Recorrendo a esta mesma analogia, Jeremias escreveu estas palavras:

Porque assim diz o Senhor: Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz. Perguntai, pois, e vede, se um homem

pode dar à luz. Por que, pois, vejo a **cada homem com as mãos sobre os lombos como a que está dando à luz?** e por que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante; **e é tempo de angústia para Jacob**; ele, porém, será salvo dela. Jeremias 30:5-7

A frustração acumulada da humanidade irá finalmente rebentar numa terrível onda de raiva e destruição. Muitos perderão as suas vidas durante este período de revolta.

Não terás medo do terror nocturno nem da seta que voa de dia, Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia. **Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita**, mas tu não serás atingido . Salmos 91:5-7

Quando o mundo se começar a destruir, as pessoas irão começar a procurar algo ou alguém a quem culpar por todo o mal que vai estar a acontecer. Os líderes religiosos de todo o mundo farão um decreto relativamente à adoração.

E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada. E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia. E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Apocalipse 13:11-17

Está para além das intenções deste livro entrar em detalhe nesta profecia. Para uma análise mais detalhada, leia o livro *Great Controversy*, disponível em fatheroflove.info.

O ponto principal que queremos considerar, aqui, é a pressão que será aplicada ao mundo para que adira a uma só forma de religião. Aqueles que não se submeterem a este tipo de autoridade serão ameaçados com a morte por se recusarem a obedecer.

Será durante este tempo que o povo de Deus se verá confrontado com um tempo horrível de angústia. Como a mulher apanhada a cometer adultério, muitos serão arrastados perante os tribunais por se recusarem a submeter-se às leis religiosas vigentes.

É este o tempo que a Bíblia refere como sendo a provação de Jacob. A história aqui referida é a de quando Jacob, com as suas mulheres e os seus filhos, abandona a casa do seu sogro, que o tinha defraudado. Jacob regressava à terra dos seus antepassados. O problema é que o seu irmão ia ao seu encontro para ajustar contas antigas de uma altura em que Jacob tinha enganado o seu pai de forma a roubar o direito de primogenitura do irmão. O direito de primogenitura (ou bênção patriarcal) é uma herança espiritual, oferecida para abençoar uma família, tanto em riqueza espiritual, como material. O irmão de Jacob, Esaú, desejava a riqueza material mas não se importava com o plano espiritual. Jacob estava, agora, sob ameaça de morte pelo seu irmão. Conforme se aproxima de casa, após ter abandonado o seu sogro e agora enfrentando o seu irmão furioso, recebe as novidades.

E os mensageiros voltaram a Jacob, dizendo: Fomos a **teu irmão Esaú; e também ele vem para encontrar-te, e quatrocentos homens com ele**. Então Jacob temeu muito e angustiou-se; e repartiu o povo que com ele estava, e as ovelhas, e as vacas, e os camelos, em dois bandos. Génesis 32:6-7

Jacob faz tudo o que é humanamente possível para se preparar para a crise e, então, vai orar a Deus, para que o auxilie nesta situação terrível.

Disse mais Jacob: Deus de meu pai Abraão, e Deus de meu pai Isaac, o Senhor, que me disseste: Torna-te à tua terra, e a tua parentela, e far-te-ei bem; Menor sou eu que todas as

beneficências, e que toda a fidelidade que fizeste ao teu servo; porque com meu cajado passei este Jordão, e agora me tornei em dois bandos. Livra-me, peço-te, da mão de meu irmão, da mão de Esaú; porque eu o temo; porventura não venha, e me fira, e a mãe com os filhos. Génesis 32:9-11

Jacob, em contrição e em lágrimas, pede a Deus que o auxilie. Enquanto ora, é subitamente atacado por alguém que parece ser um assaltante.

Jacob, porém, ficou só; e lutou com ele um homem, até que a alva subiu. Génesis 32:24

Luta a noite inteira com esta pessoa misteriosa. Finalmente, ao romper da aurora, o assaltante tocou na anca de Jacob, que imediatamente se deslocou. Soube naquele preciso momento que tinha estado a lutar, não com um homem, mas com um ser divino.

E vendo este que não prevalecia contra ele, tocou a articulação da sua coxa, e se deslocou a articulação da coxa de Jacob, lutando com ele. E disse: Deixa-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não te deixarei ir, se não me abençoares. E disse-lhe: Qual é o teu nome? E ele disse: Jacob. Então disse: Não te chamarás mais Jacob, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste. E Jacob lhe perguntou, e disse: Dá-me, peço-te, a saber o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali. E chamou Jacob o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva. Génesis 32:25-30

Esta experiência singular é descrita em Jeremias 30:7 como acontecendo de novo ao povo de Deus exatamente antes da vinda de Cristo pela segunda vez.

Enquanto Jacob reflete sobre a sua vida, lembra-se de todas as coisas erradas que fez. Começa a sentir que está nesta posição por causa das suas muitas falhas. Está tentado a acreditar que Deus o abandonará.

O Filho de Deus vem ajudar Jacob mas, na qualidade de filho de Adão, Jacob teme que esta pessoa lhe deseje fazer mal. Luta com o Anjo

especial como se lutasse pela sua vida, sem se aperceber de que este Anjo não veio para lhe causar dano, mas sim para o auxiliar. O Filho de Deus permite que este combate continue para determinar se Jacob se entregaria inteiramente a Deus e teria fé na sua misericórdia, ou se, em desespero, desistiria.

Durante este tempo, Satanás tenta Jacob, fazendo-o sentir que os seus pecados são demasiado grandes para que Deus lhes perdoe. Satanás lança esta acusação contra Jacob, enchendo-o de dúvidas. Jacob começa a sentir que talvez seja demasiado tarde para se redimir. Contudo, combate as suas dúvidas ao mesmo tempo que combate com o assaltante. Uma luta é simbolizada na outra. Esta mesma história é relatada de outra forma na vida de Josué, o Sumo Sacerdote.

E ele mostrou-me o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do **anjo do SENHOR**, e **Satanás** estava à sua mão direita, para se lhe opor. Mas o Senhor disse a Satanás: **O Senhor te repreenda, ó Satanás**, sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda; não é este um tição tirado do fogo? Josué, vestido de vestes sujas, estava diante do anjo. Então respondeu, aos que estavam diante dele, dizendo: Tirai-lhe estas vestes sujas. E a Josué disse: Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestes novas. Zacarias 3:1-4

Reparamos numa série de eventos similares aos descritos aqui quando Satanás disputa com Cristo o corpo de Moisés, só que, desta vez, a pessoa em questão está ainda viva. Este não é o juízo dos mortos, mas dos vivos. O Anjo do Senhor afasta Satanás em defesa de Josué, tal como tinha feito com Moisés.

Mas o **arcanjo Miguel**, quando contendia com o **diabo**, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda. Judas 1:9

O que sucedeu com Moisés, após a sua morte, sucedeu com Jacob, o Sumo Sacerdote Josué e a mulher apanhada a cometer adultério enquanto estavam vivos. Satanás procura levar o pecador ao desespero por conta

dos seus pecados. As acusações penetrantes do diabo fazem parecer que o próprio Deus condena o pecador. A voz suave de Deus, a oferecer auxílio ao que pecou, parece ser abafada pela voz do acusador. Como Jesus, na cruz, a voz de Deus parece silenciosa por um breve momento.

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido? Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego. Salmos 22:1,2

É no momento em que o pecador se sente completamente derrotado que se recorda da verdade que diz:

Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; Romanos 5:20

O povo de Deus triunfa sobre Satanás e as suas acusações. Escolhe acreditar que Deus é inteiramente como Jesus. Acredita que Ele nunca os abandonaria nem os eliminaria à conta dos seus pecados. Agarram a promessa de vida eterna, apesar da verdade que é terem as suas vidas maculadas pelo pecado e pelo *eu*. O seu nome é alterado de Jacob, que significa *o que suplantou*, para Israel, que quer dizer *o que superou*.

Satanás procura convencer-nos de que Deus nos abandonará, no final. A nossa fé continuará firme, apesar de nos sentirmos completamente oprimidos pelas acusações de Satanás contra nós. Ele pinta o nosso passado com as cores mais tenebrosas e somos tentados a desistir. O registo completo das nossas vidas é-nos apresentado e sentimo-nos desesperados. Nesse momento, voltar-nos-emos para Cristo e, crentes n'Ele, diremos “creio que não me abandonarás. Peço a tua bênção e acredito que ma darás.” Esta é a vitória da fé que Cristo teve, no Calvário, e concede-nos essa vitória a nós, a fé de Jesus (Apo 14:12).

Este processo de julgamento é um teste árduo ao povo de Deus. Conforme ponderamos tudo isto, somos tentados a sentir muito medo ou a pensar se tudo isto irá realmente acontecer. A pergunta que deve ser colocada é: “porque é que o povo de Deus tem de passar por este processo de provação tão difícil?” Não existirá uma forma mais fácil?

21. Da Ofensa de um só Homem veio o Julgamento

Discutimos, no capítulo 4, as origens do juízo condenatório na humanidade. A razão pela qual Adão e Eva abandonaram a presença de Deus no jardim foi o juízo condenatório de Adão em relação a Deus.

E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; **e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus**, entre as árvores do jardim. Génesis 3:8

E livrasse todos os que, com **medo da morte**, estavam por toda a vida sujeitos à servidão. Hebreus 2:15

O medo da morte tem origem em Adão, pois este pensou que Deus queria punir a sua mulher, Eva, com a morte. Em revolta e ira, toma do fruto, determinado a sofrer, com Eva, o seu castigo. No coração de Adão só existiam julgamento e condenação para com Deus e o Seu Filho. A mentira de que Deus os queria matar traduziu-se em terror quando Aquele que Adão temia e odiava estava agora a aproximar-se (Mal 3:5).

O Filho de Deus vinha ao encontro de Adão com amor, preocupação e misericórdia. Adão calculou que Ele vinha com julgamento e condenação, para o matar. Para que o Filho de Deus se pudesse aproximar de Adão, teve de esconder a Sua divindade completa. Quando a presença de amor total de Deus encontra o pecador curvado pela culpa, a odiar Deus, o terror é dominante e o pecador morre.

O versículo seguinte mostra-nos como um pecador vivencia estar na presença de Deus com o medo e a condenação de Deus no seu coração.

Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; **Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder**, 2 Tessalonicenses 1:8-9

É assim que isto é observado, da perspetiva de Deus:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus

filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! **Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;**
Mateus 23:37,38

É um pensamento perturbador, saber que a nossa natureza humana, que recebemos de Adão, tem uma predisposição para odiar Deus e teme que Deus nos queira matar pelos nossos pecados.

Porquanto a inclinação da carne **é inimizade contra Deus**, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.
Romanos 8:7

Pois assim como pela ofensa de um só [Adão] veio o juízo sobre todos os homens para condenação,... Romanos 5:18

A ofensa de Adão consistiu em acreditar numa coisa acerca do carácter de Deus que era falsa. Acreditou, erroneamente, que Deus desejava matar a sua mulher. Imaginou, falsamente, que Deus exigia a morte por causa de uma transgressão. Pela sua ofensa foi acometido de um espírito de julgamento e condenação para com Deus e o Seu Filho. Herdámos esta inimizade em relação a Deus, que é manifestada contra Cristo, Seu Filho. Deus mostrou-nos este ódio profundamente enraizado em nós quando nos deu o Filho de Deus, para que vivesse como um homem no nosso meio e fosse rejeitado e morto por nós.

Como já discutimos, no capítulo 5, Adão, em auto-defesa, projeta o seu próprio julgamento de Deus como alguém que a exige morte do próprio Deus. É este o procedimento:

1. Adão acredita que a pena capital (punição através de execução) é a consequência para transgredir a lei.
2. Adão transgride a lei.
3. Adão sente culpa.
4. Adão sente que, agora, deve morrer.
5. Adão tenta desviar a culpa e, deste modo, transfere a pena capital para o Filho de Deus.

De todas as vezes em que o Filho do Homem está na nossa presença esta sequência é ativada. É deste modo que a condenação de um homem se espalha a todos os homens. Cada pessoa tem em si uma natureza que grita “morte” ao Filho de Deus. O que aconteceu há 2000 anos atrás

mostra-nos aquilo que somos capazes de fazer quando nos é dada a liberdade de fazermos o que quisermos com o Filho de Deus.

Para remover este decreto de morte que habita em nós por natureza, Cristo precisou de tomar para Si esta mesma natureza e, depois, removê-lo, pela Sua morte e ressurreição.

Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, **Na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças**, [decretos G1378] **para criar em si mesmo dos dois um novo homem**, fazendo a paz, E pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades. E, vindo, ele evangelizou a paz, a vós que estáveis longe, e aos que estavam perto. Efésios 2:13-17

Adão erigiu uma muralha de separação entre ele e Cristo através do julgamento que fez sobre o Filho de Deus. Cristo tomou para si a natureza de Adão e derrubou essa parede de separação, para que pudesse vir à nossa presença sem que nos auto-destruíssemos com medo da punição que imaginámos que iria abater-se sobre nós.

A maioria dos comentadores afirma que este versículo se refere ao derrubar da barreira entre os Judeus e os Gentios, e esta interpretação tem uma aplicação secundária válida no versículo. Contudo, toda a hostilidade entre os homens é somente uma manifestação da hostilidade que os homens sentem contra Deus.

Quando pegamos na palavra “ordenanças” em Grego e consultamos o Antigo Testamento Grego para ver onde é utilizada, descobrimos que não tem nada a ver com a lei de Moisés, mas com os decretos dos homens, mais especificamente decretos relativos a morte feitos pelos homens. Abaixo encontram-se os únicos versículos no Antigo Testamento Grego onde esta palavra [G 1378] é usada para ordenanças.

- Esdras 6:8 – decreto Persa para que se construa o templo
- Ezequiel 20:26 (desde v 25) – Deus dá-lhes estatutos que não eram bons. Contamina-os com os seus próprios decretos

- Daniel 2:13 – decreto de morte para aniquilar sábios da Babilónia
- Daniel 3:10,29 – decreto de morte na planície de Dura, pelo Rei da Babilónia
- Daniel 4:6 – decreto para congregar todos os sábios
- Daniel 6:8,10,12,13,15,26 – é assinado o decreto de morte para que se adore não a Deus mas ao Rei

Se adicionarmos a esta lista o mesmo uso da palavra no Novo Testamento

- Lucas 2:1 – um decreto de César
- Atos 16:4 – um decreto dos Apóstolos para limitar o que é ensinado, da Lei de Moisés, dado o posicionamento extremista de alguns dos Judeus em relação a este assunto
- Atos 17:7 – um decreto de César
- Efésios 2:15 – Cristo abole os mandamentos contidos nos decretos (dos homens)
- Colossenses 2:14 – eliminar os decretos humanos que tinham sido feitos a nosso desfavor

A utilização desta palavra para ordenanças revela que ela não se refere às leis que Moisés escreveu no Antigo Testamento. Em vez disso, fala de sanções e exigências humanas.

O primeiro decreto humano foi o de que o Filho de Deus devia morrer por causa dos eventos que se desenrolaram no jardim do Éden. Adão passou este julgamento a todos os seus filhos e, portanto, esta condenação existe, no seu estado natural, em todos os homens. A natureza humana tenta ocultar este ódio e professa amar Deus, tal como os súbditos de uma nação totalitária, que temem ser executados se não honrarem o chefe de estado (ex.: Coreia do Norte).

Aqueles que percorrem o caminho da salvação e aceitam que a vida de Jesus, manifestada nesta terra há 2000 anos atrás, é a completa revelação do carácter de Deus, e que Deus perdoa espontaneamente os nossos pecados, começam a sofrer uma transformação de um espírito de condenação num espírito de amor e perdão.

E lhes darei um só coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei

um coração de carne; Para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os cumpram; e eles me serão por povo, e eu lhes serei por Deus. Ezequiel 11:19,20

Para que sejamos totalmente libertados do nosso espírito de condenação e do decreto de morte que herdámos do nosso primeiro pai, não podemos evitar o sentido profundo de condenação que vem das nossas próprias naturezas, quando entramos em contacto com o Filho de Deus.

Aqueles de nós que conseguimos manter-nos fiéis às promessas de Deus, ajudados pelo Seu Espírito, e suportamos a nossa própria condenação que despejámos em Cristo refletida de volta para nós, seremos ungidos no nome do Pai.

E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome de seu Pai. Apocalipse 14:1

Em breve, os poderes das trevas serão libertados por completo neste mundo mas, por agora, os anjos proíbem os ventos da calamidade de destruir a terra, para que o povo de Deus possa ser ungido com o carácter (nome) do seu Pai.

E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma. E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, Dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus. Apocalipse 7:1-3

A unção do povo de Deus é o remover da natureza condenatória dos decretos de morte que herdámos de Adão. O povo de Deus será ungido num carácter que cessará de julgar e condenar o outro, mas confiará plenamente na bondade e misericórdia de Deus.

É esta a razão pela qual o povo de Deus deve passar por um período de provação de Jacob. A mentalidade de decretos de morte, própria da

nossa carne, é a razão fundamental pela qual fazer Cristo nascer em nós (ou tornarmo-nos semelhantes a Cristo em Carácter) se assemelha a agudas dores de parto.

Porquanto ouço uma voz, como a de uma mulher que está de parto, uma angústia como a de que está com dores de parto do primeiro filho; a voz da filha de Sião, ofegante, que estende as suas mãos, dizendo: Oh! ai de mim agora, porque já a minha alma desmaia por causa dos assassinos. Jeremias 4:31

O contexto em que colocámos muitos destes versículos será novidade para aqueles que estão familiarizados com os ensinamentos da Bíblia sobre os selos e os dias do fim da história da terra. O novo contexto é ordenado pelas palavras de Cristo sobre como nem Ele nem o Seu Pai condenam pessoa alguma.

Como julgaremos?

22. O Trono do Julgamento de Cristo

No final do terceiro capítulo colocámos a questão sobre se realmente entendemos o que é a justiça de Deus. Abordámos bastantes pontos que mostram que Deus não julga nem condena pessoa alguma. Recordemos uma afirmação que fizemos no capítulo 3:

É quase universalmente aceite que a soberania de Deus e, consequentemente, de todos os líderes da comunidade que governam entre as pessoas, baseia a justiça no poder para empunhar a espada (i.e., o uso da força para compelir). A justiça serve para julgar as ações como boas ou más e, consequentemente, recompensar o bem e punir o mal.

Esta visão de Deus observa a misericórdia a funcionar como um princípio oposto à justiça. As nossas perceções humanas destes dois princípios são as de que não podem operar em simultâneo. Se é usada a misericórdia, então a justiça tem de cessar as suas exigências. Se a justiça é posta em prática, então a misericórdia foi esgotada.

Se o princípio da força (seja física ou mental) e a ameaça da morte forem removidos das nossas perceções humanas sobre a justiça de Deus, a relação entre misericórdia e justiça muda radicalmente.

Justiça e júzo são a base do teu trono; misericórdia e verdade irão adiante do teu rosto. Salmos 89:14 (Versão Bíblia de Almeida Fiel e Corrigida)

A rectidão e a justiça são a base do teu trono, o amor e a fidelidade caminham à tua frente. Salmos 89:15 (DBFC)

Este versículo dos Salmos é de extrema importância, uma vez que fala da relação entre justiça e misericórdia. Citei duas versões pois uma usa ponto e vírgula para juntar as duas orações, enquanto a outra recorre somente a vírgula. Qual é, então, a diferença?

O ponto e vírgula deve introduzir evidências ou uma razão para a afirmação precedente; por exemplo, esta frase utiliza ponto e vírgula de forma correta. Uma vírgula, por outro lado,

deve ser usada no caso de uma relação mais forte, mais direta. Deve dar ênfase, um exemplo, ou fornecer uma explicação.²⁷

A Bíblia de Almeida (King James' Version) oferece uma conexão mais forte entre justiça e misericórdia. Em suma, diz que a justiça e o julgamento de Deus são demonstrados sob a forma de misericórdia e verdade. O recurso ao ponto e vírgula na tradução de Almeida sugere que a justiça e a misericórdia estão relacionadas. Suporta a mesma ideia que uma vírgula, mas a conexão é um pouco mais suave. Independentemente disto, o princípio subjacente do paralelismo hebraico indica que a mesma ideia está a ser repetida, apenas de uma forma diferente.

A belíssima realidade expressa neste versículo é a de que a justiça de Deus é manifestada como misericórdia. A justiça consiste em fazer o que é correto. De acordo com o carácter de Deus, o correto a fazer é usar de misericórdia.

Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus, no seu lugar santo. Salmos 68:5

Senhor, tu ouviste os desejos dos mansos; confortarás os seus corações; os teus ouvidos estarão abertos para eles; **Para fazer justiça ao órfão e ao oprimido**, a fim de que o homem da terra não prossiga mais em usar da violência. Salmos 10:17-18

Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para todos os que te invocam. Salmos 86:5

A coisa correta a fazer é cuidar dos órfãos e dos pobres. O correto é usar misericórdia e perdão. Esta é a justiça no reino de Deus.

A questão que imediatamente nos surge é: e a punição para aqueles que praticam o mal? Deus não tem freio sobre aqueles que desejam fazer o mal? É assim que a Bíblia nos descreve a justiça da retribuição:

O Senhor é conhecido pelo juízo que fez; enlaçado foi o ímpio nas obras de suas mãos. (Higaiom; Selá.). Salmos 9:16

²⁷ <http://crosstalk.cell.com/blog/colons-vs-semicolons>

Como é que Deus lida com os revoltosos que praticam o mal? Deixa que sejam presos pelas e nas obras das suas próprias mãos. Este princípio está descrito nos próprios Dez Mandamentos:

Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que **visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam**. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos. Êxodo 20:5-6

A justiça de Deus consiste em mostrar misericórdia, mas se a Sua misericórdia for rejeitada, então, com o maior e mais apaixonado respeito pela liberdade individual, permite aos homens receberem as consequências naturais das suas próprias escolhas. Este sistema de justiça é completamente diferente do de César, que inflige dor, prisão e morte aos transgressores. Esta é uma das formas através das quais Deus usa a justiça dos homens contra eles; Ele permite que a justiça de César exista e permite que a iniquidade deste sistema de justiça puna aqueles que fazem o mal. A Bíblia chama a isto a vingança de Deus.

Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. **Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal**. Romanos 13:3-4

Os princípios de Romanos 13:3-4 são uma expressão do princípio de usar as más ações dos homens contra eles mesmos, presente nos Dez Mandamentos. Desta forma, César torna-se ministro de Deus para vingar o mal. Isto não quer dizer que César viva de acordo com o carácter de Deus ou que represente Deus, de alguma forma; simplesmente significa que Deus permite que as consequências do falso sistema de justiça de morte do homem recaiam sobre este.

Tanto César como Cristo têm um trono de julgamento.

Mas Paulo disse: **Estou perante o tribunal de César**, onde convém que seja julgado; não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes. Atos 25:10

Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal. 2 Coríntios 5:10

Estes dois tronos de julgamento não são o mesmo. O tribunal de Cristo opera segundo um princípio completamente diferente do de César. O sistema de justiça do céu não usa da força nem recorre a ameaças de morte para suportar os seus princípios. O uso da força é contrário ao reino de Cristo.

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui. João 18:36

O princípio do combate é o princípio da força, neste contexto. O reino de Cristo não usa força. O que significa sentar-se no tribunal de Cristo para receber as consequências das coisas feitas pelo corpo? Isto podia soar como uma ameaça, certo?

Mas tu, por que julgas o teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas o teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Romanos 14:10

Paulo faz a pergunta; «porque julgas o teu irmão?» E, então, alerta para o facto de que vamos comparecer perante o trono de Cristo. Será esta afirmação uma ameaça com vista a induzir bom comportamento? Isso é impossível. Será que Paulo nos diz que não nos julgemos uns aos outros, mas depois também diz que Cristo nos julgará? Se é para não julgarmos o outro, então precisamos de um exemplo perfeito, em Cristo, de não julgar. É exatamente isto que Cristo nos diz (João 8:15).

Qual é, então, significado de estarmos perante o trono do tribunal de Cristo?

Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto,

amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Romanos
12:19-20

Estar na presença de Jesus, a essência do amor, perdão e misericórdia, é tortura para a alma egoísta. Como com os líderes dos Judeus, que ficaram frente a Ele enquanto escrevia na areia: tanto a Sua presença, como aquilo que escreveu no chão os levou a que se condenassem a si mesmos e saíssem daquele lugar.

O amor e a misericórdia de Deus têm o seu poder intrínseco de julgar. A misericórdia infinita de Deus tem o poder infinito de fazer saber às almas o quão puro Deus é e o quão ímpios somos. Todos os dias o nosso Salvador suporta o horror de inúmeros suicídios, assassinatos, overdoses de droga e abortos. A sua capacidade de suportar estas atrocidades revela um amor tão vasto, que nunca o conseguiremos entender totalmente.

Este amor é tão forte que, quando o pecador está perante o trono do tribunal de Cristo sem ter tido os seus pecados absolvidos, a culpa do seu egoísmo destruí-lo-á imediatamente. Não é Deus quem condena o pecador, pois a condenação não vem de Deus; vem de Satanás e de Adão.

Abracemos a misericórdia de Deus já hoje; esta é a justiça de Deus, perdoar-nos espontaneamente e livrar-nos da nossa culpa.

23. A Purificação do Santuário e o Dia da Expição

O calendário judaico tem início com a festa da Páscoa judaica e dos Pães Ázimos. Este é o início do processo de reconciliação. Foca-se no sacrifício e no perdão do pecado. Tem o seu centro no pátio e no altar do sacrifício.

O dia mais sagrado do ano para os Judeus é o Yom Kippur ou, em português, o Dia da Expição. Os eventos deste dia facilitam a completude do processo de reconciliação. O Yom Kippur ocorre no sétimo mês e o seu trabalho principal tem lugar no Lugar Santíssimo. As pessoas são convidadas a jejuar e a tornar as suas almas humildes perante Deus, orando para que todas as coisas sejam corrigidas em Deus, pois é o dia do Juízo.

O ritual principal associado com este dia envolve dois bodes:

Vestirá ele a túnica santa de linho, e terá ceroulas de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com uma mitra de linho; estas são vestes santas; por isso banhará a sua carne na água, e as vestirá. **E da congregação dos filhos de Israel tomará dois bodes para expiação do pecado** e um carneiro para holocausto. Depois Arão oferecerá o novilho da expiação, que será para ele; e fará expiação por si e pela sua casa. **Também tomará ambos os bodes, e os porá perante o Senhor, à porta da tenda da congregação. E Arão lançará sortes sobre os dois bodes; uma pelo Senhor, e a outra pelo bode expiatório.** Então Arão fará chegar o bode, sobre o qual cair a sorte pelo Senhor, e o oferecerá para expiação do pecado. Mas o bode, sobre que cair a sorte para ser bode emissário, apresentar-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário. Levítico 16:4-10

Indicámos, no capítulo 14, que o Santuário não representa o carácter de Deus mas sim o processo através do qual o homem se reconcilia com Deus. Sacrifício e ofertas não desejas (Salmos 40:6). Isso significa que este evento reflete a nossa perceção humana do julgamento.

Um bode é tratado como “o do senhor”, enquanto o outro é o expiatório. Porque são usados bodes em vez de cordeiros?

O que é fascinante é que a palavra para *bode*, aqui, pode ser usada de três formas diferentes:

- 1) hirsuto (adjetivo)
- 2) cabra-macho, cabrito, bode (substantivo masculino)
 - 2a) animal sacrificial
 - 2b) sátiro; pode referir-se a um bode possuído por um demónio, como o suíno de Gadara (Mateus 8:30-32)

O processo pelo qual os bodes são seleccionados é lotaria. Qualquer bode pode ser o bode do Senhor ou o bode expiatório. Esta é a primeira menção, na Bíblia, onde um sorteio é referido. Adam Clarke explica o processo de como este sorteio era feito.

Os Judeus informam-nos de que havia dois lotes feitos de madeira, pedra ou qualquer tipo de metal. Num estava escrito **לשם**, Lashem, para “o Nome”, ou seja, **יהוה**, Yaweh/Jeová, que os Judeus não escrevem nem pronunciam: no outro escreviam **לעזאזל**, Laazazel, para bode expiatório. Então punham os dois lotes dentro de um recipiente que era chamado de **קלפי** (kalpey), e os bodes eram colocados com os focinhos voltados para ocidente. Neste momento, o sacerdote aproximava-se e os bodes eram levados para a sua frente, um à sua direita, o outro à sua esquerda. O kalpey era, então, sacudido e o sacerdote colocava nele ambas as mãos, trazendo para fora um lote em cada uma: o que estivesse na sua mão direita era colocado no bode que estava à sua direita e o que estivesse na sua mão esquerda seria colocado no bode que estava à sua esquerda. Dependendo do que tivesse sido inscrito em cada lote, o bode expiatório e o bode do sacrifício eram assim definidos. “See the Mishna”, in Tract; *Yoma*, comentário de Levítico 16:8

O modo que Deus utiliza comumente para fazer saber a Sua vontade é através do uso do Urim e do Thummim. Estes tratam-se de duas pedras que eram colocadas no peitoral do Sumo Sacerdote. Deus comunicaria a

Sua vontade fazendo com que uma das pedras se iluminasse ou a outra se escurecesse. Contudo, no Dia da Expição, são usados lotes em vez do Urim e do Thummim; um método bastante mais humilde e aparentemente aleatório. Pode ser dito que Deus escolhe qual bode cumprirá que papel sob a aparência de que o processo é completamente aleatório.

Este princípio de depositar a culpa de um povo sobre um homem ou animal era comum nas culturas pagãs. Insere-se perfeitamente na forma como o homem terreno lida com a culpa. Adam Clarke oferece esta perspectiva interessante quando comenta sobre Levítico 16:10:

A maior parte das nações da antiguidade tinha sacrifícios vicários, nos quais transferiam, por meio de certos ritos e cerimónias, a culpa da comunidade em geral, da mesma forma que o bode expiatório era usado pelos Judeus. O touro branco que era sacrificado pelos egípcios ao seu deus Apis era deste género; decapitavam a vítima que tinham sacrificado, depois de a terem enchido de maldições, “para que, se existir algum mal sobre eles ou as terras do Egito, essas possam ser derramadas sobre aquela cabeça”, que então vendiam aos gregos ou atiravam ao Nilo. Ver Herod. Euterp., p. 104, ed. Gale

O juiz Petronius diz-nos que era um costume, entre os antigos habitantes de Marselha, sempre que eram afligidos por qualquer tipo de pestilência, tomar um dos cidadãos mais pobres que se oferecia a si mesmo com esse propósito e alimentá-lo durante um ano inteiro com a mais pura e melhor comida, adorná-lo com verbena e vesti-lo com vestes sagradas: então, guiavam-no através da cidade, carregando-o com maldições, e, tendo pedido que todos os males a que a cidade estava exposta se abatessem antes sobre ele, atiravam-no do alto de uma rocha – Satiricon, em suma. Suidas, através da palavra περιψημα, nota que era costume destinar um homem à morte, anualmente, para que a comunidade se mantivesse em segurança, com esta expressão: Περιψημα

ημων γενου, “sede vós o nosso purificador” e, dito isto, atiravam-lo ao mar como sacrifício a Neptuno.

Provavelmente o mesmo princípio teria sido aplicado a Jonas, quando disse aos homens que estavam com ele que o atirassem do barco como sacrifício, deste modo carregando toda a culpa consigo e fazendo cessar a tempestade.

Os israelitas tinham fugido do Egito e estavam familiarizados com os seus costumes de expiação. Estes princípios são importados para o sistema de adoração israelita para ensinar aos homens que Deus lidará com o problema do pecado e removerá a culpa da nação. É o mesmo princípio a que Caifás apela, no tempo de Cristo, sobre como a nação resolveria a crise de então.

Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação. João 11:50

Pilatos, ao procurar salvar a vida de Jesus, oferece à multidão a escolha entre sacrificar Jesus ou Barrabás.

Mas vós tendes por costume que eu vos solte alguém pela páscoa. Quereis, pois, que vos solte o Rei dos Judeus? Então todos tornaram a clamar, dizendo: Este não, mas Barrabás. E Barrabás era um salteador. João 18:39-40

É pertinente como a aleatoriedade de quem vive e de quem morre, em respeito aos dois bodes, ocorre na crucificação de Cristo. A turba, movida por caprichos de emoção, decide que Barrabás deve viver, enquanto Cristo deve morrer.

A história do Yom Kippur é Deus a tentar dizer à humanidade que nos reconciliou consigo, mas a forma como no-lo comunica é recorrendo aos nossos modos de pensar. O raciocínio de Deus não é o nosso raciocínio, portanto, de forma a ser entendido, tem de falar connosco de um modo que entendamos.²⁸

A história do Yom Kippur traz-nos de volta ao início, pois as coisas só podem terminar onde começaram; querendo isto dizer que apenas

²⁸ Ver capítulo 16 do livro *Agape* disponível em fatheroflove.info

quando os problemas que despoletaram a controvérsia são resolvidos podem as coisas ser reconciliadas.

No jardim, Adão passou a sua culpa a dois outros:

Então disse Adão: **A mulher** que [Tu] **me deste[-s]** por companheira, ela me deu da árvore, e comi. Génesis 3:12

Cristo foi o cordeiro imolado desde a fundação do mundo e, assim sendo, é representado pelo bode do Senhor. Eva teve de carregar a responsabilidade de levar o seu marido a pecar. Tornou-se o bode expiatório de Adão. Foi uma experiência selvagem para ela, experiência por que haveria de morrer quase 1000 anos depois.

Conforme nos aproximamos do final da história desta terra, os líderes religiosos das diversas igrejas irão pressionar o mundo a adorar de acordo com os seus decretos. Todos terão de receber a marca da besta, de forma a poderem comprar e vender. Como vimos no capítulo 20, um decreto de morte será estabelecido para aqueles que se recusarem a adotar o programa imposto de adoração ao Domingo. O mundo vai começar a experienciar calamidades severas como resultado de leis contra a lei de Deus, que nos ordena que mantenhamos o dia de Sábado como Sagrado.

O povo de Deus será responsabilizado pelas calamidades que se abaterão sobre a terra. Alguns deles serão mortos como sacrifício, na vã esperança de que as convulsões da natureza e da humanidade terminem. Quando Cristo surgir para resgatar os Seus Filhos, os ímpios perceberão que foram enganados. Irão, então, direcionar a sua raiva para os líderes religiosos que os enganaram. Procurarão então a expiação através da morte destes homens religiosos.

Em última análise, Satanás é o responsável por conduzir o mundo ao engano e, depois dos santos serem elevados ao céu e dos ímpios serem aniquilados pelas consequências das suas próprias ações, Satanás será deixado na terra por um período de mil anos.

E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e **amarrou-o por mil anos**.
Apocalipse 20:1-2

As cadeias com que Satanás e os seus anjos são amarrados são as cadeias da sua própria natureza.

Porque, se Deus **não perdoou aos anjos que pecaram**, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às **cadeias da escuridão**, ficando reservados para o juízo; 2 Pedro 2:4

Satanás não poupa ninguém, durante a história da humanidade. Julga, condena e acusa a humanidade inteira. Por esta altura, enquanto ele é julgado, deve sentar-se no silêncio do seu coração quebrado e enfrentar a sua própria condenação. A Bíblia chama a isto um poço sem fundo ou um abismo. A profundidade do desespero que Satanás experiencia é infinita. Vai estar numa prisão da sua própria falta de perdão. Jesus alude a isto numa parábola.

Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete. Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então o Senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me debes. Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não

devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? **E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que lhe devia.** Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas. Mateus 18:21-35

O homem que devia gratidão ao seu senhor por cancelar a sua dívida não faz o mesmo e condena alguém que lhe devia uma quantidade pequena. A moral da história é a de que aqueles que não perdoam enfrentarão a prisão torturante da autocondenação e da amargura. Deus não os tortura, mas deixa que sofram as consequências das suas próprias decisões. É esta tortura que os anjos caídos têm temor de enfrentar.

E, quando viu Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes. Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso, com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demónio para os desertos. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demónios. **E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.** E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho. E, tendo saído os demónios do homem, entraram nos porcos, **e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se.** Lucas 8:28-33

Nesta parábola vemos os conceitos de tortura e de abismo ligados. Os anjos caídos procuram culpar o Filho de Deus pela tormenta que hão-de sofrer, mas estão a projetar os seus medos de serem condenados em Cristo, pois condenaram todos à sua volta. Os porcos que se afogam são como um símbolo dos próprios anjos, que rejeitam a pérola de enorme valor. Estes anjos pisam o Filho de Deus com os seus pés e desprezam a Sua bondade na Sua cara.

Não deis aos cães as coisas santas, **nem deiteis aos porcos as vossas pérolas**, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem. Mateus 7:6

A destruição da vara de porcos no mar reflete o sentimento dos anjos maus, que serão destruídos pelas suas próprias correntes de falta de perdão. Estes anjos têm um lema:

Nunca esquecemos e nunca perdoamos.

Estas palavras voltam para atormentar os anjos caídos. Tudo o que alguma vez fizeram é-lhes impossível de esquecer e, como não perdoam, não têm a capacidade de acreditar que possam ser perdoados. Portanto, ficam aprisionados durante mil anos e são então esmagados pela sua própria condenação dos pecados e afogam-se como porcos no mar.

Eles te farão descer à cova e morrerás da morte dos trespassados no meio dos mares. Ezequiel 28:8

Quando este mundo acabar vai estar completamente desolado. A Bíblia descreve uma época em que não existirão homens sobre a terra e tudo estará destruído.

Observei, e eis que não havia homem algum; e todas as aves do céu tinham fugido. Vi também que a terra fértil era um deserto; e todas as suas cidades estavam derrubadas diante do Senhor, diante do furor da sua ira. Porque assim diz o Senhor: Toda esta terra será assolada; de todo, porém, não a consumirei. Jeremias 4:25-27

Satanás é deixado na terra deserta de pessoas a quem tentar e os anjos caídos ficarão sem o que fazer. São conduzidos ao mar do desespero e afogam-se com amargura, condenação e angústia. Com a humanidade inteira ora morta, ora no céu, eles serão os únicos restantes que poderão continuar a levar a cabo os efeitos do pecado na terra. A atmosfera da história violenta, debochada e sórdida da humanidade fica, agora, sobre os ombros de Satanás e dos seus anjos.

E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Génesis 4:11

Satanás está agora inteiramente amaldiçoado pela terra que escancarou a sua boca para receber o sangue que Satanás e os seus anjos levaram os seres humanos a derramar.

Na cerimónia do Dia da Expição, o Sumo Sacerdote coloca ambas as mãos sobre o bode vivo e confessa-se ou, como o hebraico indica, coloca os pecados no bode.

E Aarão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Levítico 16:21

Qual o significado disto? Estará Cristo a fazer o que Adão fez com Ele, no princípio? Estará Ele a culpar Satanás por tudo?

Jesus disse-nos que não julga nem condena. Contudo, lembramo-nos do que acontece no trono do tribunal de Cristo.

O Senhor é conhecido pelo juízo que fez; enlaçado foi o ímpio nas obras de suas mãos. Salmos 9:16

Porque o dia do Senhor está perto, sobre todos os gentios; como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua recompensa voltará sobre a tua cabeça. Obadias 1:15

Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Gálatas 6:7

Satanás será confrontado com a punição que Ele projetou. Como Hamã, que fez uma forca para enforcar Mardoqueu (Ester 7:10), também Satanás enfrenta a punição que ele próprio construiu.

Tal como com os homens que trouxeram à presença de Jesus a mulher apanhada a cometer adultério para que fosse condenada, que são recordados de todos os seus atos quando Jesus começa a escrever na areia, também toda a vida de Satanás foi vista por Cristo. Cada pecado que os homens cometeram está gravado no coração de Jesus. «Aarão deve confessar sobre ele [o bode] todas as iniquidades dos filhos de Israel...» A palavra utilizada aqui é *confessar*, não *declarar infortúnio*. Parte do significado da palavra confessar é

(com as mãos abertas); lamentar intensivamente (torcendo as mãos):

Como na história de Caim, Cristo não declara infortúnio a Caim quando relata ou confessa os atos que Caim praticou e quais seriam os resultados desses atos. Di-lo chorando e cheio de angústia por causa do que se iria abater sobre Caim.

E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão. Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra. Génesis 4:11-12

Assim como Caim, Satanás será um fugitivo e um vagabundo na terra durante mil anos, só que terá vivido no ambiente de pecado por 6000 anos. Cristo confessa isto a Satanás, do mesmo modo que confessara a Caim o que lhe iria acontecer por causa da sua malvadez.

De uma perspetiva humana, lemos isto como um atribuir da culpa para a fonte original do problema, removendo, assim, a culpa do resto da nação. A justiça de Deus não exige este tipo de transferência de dívida; é a justiça de Satanás, na qual o pecado não pode ser removido/curado/perdoado, que exige este procedimento. Para Deus, o que acontece é um processo de despedida. É o momento da realidade em que Satanás deve enfrentar as ações que praticou. Cristo não faz isto num espírito de condenação e atribuição de culpa. A sua razão não é a nossa razão. Cristo e o Pai têm, livremente perdoado os que são salvos de todos os seus pecados. Não requerem um sacrifício para que o pecado seja absolvido.

Através do simbolismo de como os homens entendem a expiação e a absolvição da culpa, ficamos satisfeitos com que Deus nos diga que o problema do pecado será resolvido.

Há muitos que acreditam que este bode expiatório seja Cristo, porque todos os pecados da humanidade são confessados sobre ele. Lembremos de que os bodes são selecionados através de um processo de sorteio, qualquer um dos bodes poderia ter assumido essa posição. A palavra, em hebraico, para *bode* inclui, em si mesma, o significado de demónio.

Toda esta cerimónia é feita com base no sistema de justiça de Satanás, e confirma-nos que o pecado será, finalmente, removido do universo.

Deus não exige que todos os nossos pecados sejam postos em Cristo para erradicar o problema do pecado. Nós, enquanto humanidade, temos necessidade disto porque Adão o exigiu, no começo. É a única forma como entendemos ser possível remover a culpa.

E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou. Apocalipse 20:7-9

No final dos mil anos, quando os ímpios caminharem sobre a terra de novo, Satanás continuará de imediato o seu ofício de engano na humanidade perversa, logo, é libertado das suas correntes de escuridão, uma vez que tem algo que o distraia. Satanás não terá mudado. Ele não pode perdoar, logo, não consegue acreditar que possa ser perdoado. Satanás convence os ímpios a tentarem conquistar a cidade. Estão determinados a assassinar os habitantes da cidade celestial que desceu dos céus até à terra.

Os pecadores tentam tomar a cidade de Deus, mas a glória do carácter de Deus, revelada no Seu Filho, esmaga-os com o peso da culpa. O terror de estar na presença do Filho de Deus na Sua divindade plena faz com o que o seu juízo assassino caia sobre eles mesmos. Quanto mais ódio tinham por Cristo e pelos fiéis, mais culpa sentirão ao contemplar as glórias de Deus e do Seu Filho. Num ato de desespero final, voltar-se-ão uns contra os outros e destruir-se-ão entre si, da mesma forma que são consumidos pela sentença de morte que passaram contra os justos. Assim, morrem afogados, como porcos no mar.

Porque chamarei contra ele a espada sobre todos os meus montes, diz o Senhor DEUS; a espada de cada um se voltará contra seu irmão. Ezequiel 38:21

Naquele dia também acontecerá que haverá da parte do Senhor uma grande perturbação entre eles; porque cada um

pegará na mão do seu próximo, e cada um levantará a mão contra o seu próximo. Zacarias 14:13

Porque todo calçado que levava o guerreiro no tumulto da batalha, e todo o manto revolvido em sangue, serão queimados, servindo de combustível ao fogo. Isaías 9:5

Por isso eis que eu trarei sobre ti estrangeiros, os mais terríveis dentre as nações, os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu resplendor. Eles te farão descer à cova e morrerás da morte dos trespassados no meio dos mares. Ezequiel 28:7-8

Como o Faraó e os seus exércitos, que morreram submergidos no mar enquanto tentavam matar o povo de Deus, e os porcos, que se afogaram no mar, Satanás e os ímpios terão o seu fim.

Ao olharmos para os dois bodes, vejamos como funciona, nisto, o nosso próprio sistema humano de culpar o outro pelos nossos pecados. Arrependamo-nos e sejamos humildes perante Deus, e aprendamos o ponto crucial da questão dos dois bodes – a humanidade precisa de acusar alguém e colocar a culpa noutra. Através deste simbolismo dos dois bodes, Deus reflete-Se na nossa direção, um espelho dentro do coração da nossa maldade, levando-nos de volta a Adão no jardim e ao pecado de atribuir culpa e procurar um bode expiatório que pague pelos nossos pecados.

Tornemos as nossas almas humildes diante de Deus e paremos de culpar o outro pelos nossos problemas. Quantos esposos e esposas transferem todos os dias a culpa para o seu cônjuge, para expiarem o seu pecado. Quantos jogam os dados para determinar quem será acusado pelo seu sentimento de culpa? O dia da expiação urge-nos a que paremos de colocar nos outros a responsabilidade do nosso sofrimento. Deveríamos parar de julgar os outros e só confiar-nos aos braços carinhosos do nosso Pai, que fará com que tudo funcione em prol do nosso bem.

24. Sem um Intercessor

Como temos discutido em vários lugares, a nossa percepção humana de justiça envolve um período de vigilância durante o qual aqueles que estiverem sob suspeita têm tempo de mudar o seu comportamento. É-lhes dado um prazo de misericórdia, durante o qual devem passar a comportar-se. No nosso sistema judicial temos advogados que intercedem pela pessoa sob acusação com vista a adiar a sentença quando não pode ser absolvida.

Se a pessoa é declarada culpada depois do período de graça, então a justiça executiva segue o seu curso e o processo de intercessão termina. O cumprimento da justiça requer que toda a intercessão cesse e a parte culpada seja punida de acordo com a lei. Quando todas as hipóteses de recurso forem gastas, o intercessor ou advogado não pode mais interceder pela pessoa.

Em relação à pessoa de Cristo, Ele vive sempre para interceder por nós.

Mas este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, **vivendo sempre para interceder por eles.** Hebreus 7:24-25

Quando uma alma se apercebe de que está em estado de culpa por ter infringido a lei de Deus, volta-se para Cristo como seu intercessor e confia que Cristo interceda por si perante Deus, para que Este lhe ofereça misericórdia.

Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. 1 João 2:1

Dada a nossa percepção humana da justiça, Cristo é entendido como intercedendo por nós de forma a que Deus use de misericórdia para conosco. Mas Deus será sempre misericordioso para com aqueles que Lho pedirem, pois Deus é amor.

A realidade é que Cristo intercede por nós de acordo com a nossa percepção de justiça. Ele vem ao nosso encontro onde estivermos e de bom grado nos toma pela mão para nos levar à presença do Pai.

Uma vez que Cristo viveu conforme um humano e esteve disposto a morrer por nós, podemos ter a confiança de que Deus ouvirá o Seu Filho em nosso nome.

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno. Hebreus 4:15-16

No início da nossa caminhada Cristã temos a ideia de que Cristo convence o Pai a terminar o Seu processo de justiça contra nós para nos matar pelos nossos pecados. A verdade é que Cristo caminha ao nosso lado enquanto percebemos erradamente o Seu Pai, sempre a puxar-nos para mais perto de Si para que possamos começar a ver que a condenação vem de nós mesmos e não de Deus.

Aqueles que se recusarem a aceitar a verdade do carácter de Deus (que Ele não condena), terão de suportar o julgamento que julgam ser o que Deus poria em prática. Na tomada de consciência da sua natureza pecadora sentem que devem ser lançados fora, sem um intercessor, por causa dos seus pecados.

Deus permite a todos os que acreditam em Si passar por este processo. É este o tempo da provação de Jacob, que discutimos anteriormente. Tal como todos fomos marcados com os princípios de justiça de Adão, também todos nós passaremos por um processo, no fim dos tempos, em que vamos sentir que seremos separados de Deus por conta dos nossos pecados.

E vendo que ninguém havia, maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; por isso o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. Isaías 59:16

Este versículo aplica-se sobretudo à vinda de Cristo pela primeira vez. Deus olhou para as pessoas, antes da vinda de Cristo, procurando quem refletisse a luz da verdade e que revelasse o Seu carácter, mas não encontrou ninguém. Portanto, Deus enviou o Seu Filho ao mundo para

mostrar a Sua retidão. As Escrituras afirmam que todas estas coisas estão escritas para nossa advertência, quando o fim dos tempos vier sobre nós (1 Cor 10:11). As Escrituras falam de um tempo em que Cristo parará o Seu ofício de intercessão no céu.

E o templo encheu-se com o fumo da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos. Apocalipse 15:8

E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. Daniel 12:1

Assim que o mundo se mergulhar no caos, nos dias do fim, e os justos de Deus enfrentarem a morte, todos os seus pecados serão postos à sua frente e vão ser tentados a sentir-se assoberbados.

Aqueles que tiverem aprendido que Deus nunca elimina ninguém e que é sempre misericordioso verão que “o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve.” Isto quer dizer que, como se mantiveram fieis às promessas de Deus e acreditaram que Jesus é a revelação máxima do Pai, e que Deus nunca os abandonará, serão sustentados nesta fé. Este é o significado da glória de Deus enchendo o templo. O povo de Deus vê o carácter de Deus como misericordioso e cheio de graça apesar das suas vidas de pecado. Cristo já não ocupa mais o Lugar Santíssimo como intercessor pelo pecado. Os santos superam os seus sentimentos de auto-condenação e param de pensar que Deus os condena. Como Jesus disse à mulher, “Eu também não te condeno.”

É sempre um facto que a continuidade da fé dos santos é a própria fé de Jesus, que Cristo lhes dá. Estes santos não se fiam nos seus méritos próprios mas aprenderam a confiar-se todos só a Cristo. Chegam-se à frente depois do tempo da provação de Jacob, marcados com a verdade de que Deus nunca os há-de condenar, e escolhem aceitar o Seu julgamento de amor em vez do seu próprio julgamento de auto-condenação prévio.

Isto significa que os justos fieis podem viver sem um intercessor do pecado. O pecado é a transgressão da lei, e a lei é a transcrição do carácter de Deus. Aqueles que pararem de acreditar que Deus condena e mata são selados e marcados nesta fé através do teste da provação de Jacob. O pecado humano de acreditar que Deus elimina pessoas é ampliado nos eventos finais da história da humanidade, para marcar o povo de Deus com a verdade. Enquanto o povo de Deus é testado com o pensamento de que serão separados de Deus por causa dos seus pecados, a fé de Cristo neles atua de modo firmá-los no amor de Deus e eles recusam-se a ceder à dúvida; eles são superadores; eles são o Israel de Deus.

Portanto, deste modo, podem viver sem um mediador, que era necessário para cobrir as suas cabeças quando temiam que Deus os puniria e magoaria. Cristo já não precisa de assistir o povo de Deus desta forma. O povo de Deus vem para a luz completa da verdade do evangelho, e Cristo vive sempre para interceder por eles, pedindo retidão e que lhes seja dado tudo o que pedirem d'Ele. Mas eles nunca sentem medo de serem condenados, ou a necessidade de derramar sangue para que possam ser salvos. Libertam-se do sistema de justiça do sacrifício e das ofertas.

Os que não veem a luz da verdade a respeito do carácter de Deus enfrentam o julgamento que pensam que Deus iria usar. Sentem-se separados de Deus por causa dos seus pecados e sentem que Cristo os abandonou à ira de Deus. Sentem-se separados.

Porque toda a alma, que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo. Levítico 23:29

Aqueles que se tornarem humildes durante o período final da história da terra e confessarem os seus pecados de acreditar que Deus era um destruidor furioso dos ímpios não serão separados nesse período, porque conhecem o seu Deus e têm esperado por Ele.

E aos que violarem a aliança ele com lisonjas perverterá, **mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte** e fará proezas.
Daniel 11:32

Os que não estudarem e pesquisarem as Escrituras para poder ver o verdadeiro Carácter de Deus serão consumidos pelos seus pecados e,

como se agarram ao sistema de justiça de Adão, serão extirpados de entre o povo de Deus.

O único motivo por que o povo de Deus precisa de passar por um teste de não ter um intercessor é porque é só assim que a raça humana entende o que é a justiça. Cristo vive eternamente para dar bênçãos, graças e amor a todos os que creem nisso. Nunca parará de providenciar estas coisas a todos os que creem. Só será possível acreditar nisto, durante o tempo da provação de Jacob, se desistirmos da nossa visão errada do carácter de Deus e aceitarmos o Seu sistema de justiça verdadeira. A Sua justiça é usar de misericórdia e abençoar, de graça, a todos os que pedirem.

Não temos nada a recear durante este período de viver sem um intercessor. Os justos perdem, por completo, o medo do que imaginavam ser a condenação de Deus, e permanecem firmes no facto de que não precisam de intercessão contra um Deus furioso que os aniquilaria a todos pelos seus pecados. Já os ímpios serão dominados pelas suas falsas ideias e terminarão de pedir graças a Cristo, uma vez que já não acreditam que Ele as oferece. Neste caso haverá gemidos e ranger de dentes. Venhamos para a luz da verdade, neste assunto, e rejubilemos com as boas novas de que não existirá um intercessor pelo pecado no final da provação.

25. Cronos e o Fim da Provação

Há outro elemento vital nos princípios do julgamento que a raça humana adotou e que está relacionado com a psicologia do tempo.

Na mitologia do Pai Natal há um elemento de tempo envolvido. É bom que estejamos atentos, porque o Pai Natal está a chegar, a 25 de Dezembro, no final do ano.

Somos educados desde crianças a ter de fazer testes com um tempo limite, um prazo (*deadline*, no original inglês). Porque é que a palavra “morte” (*dead*), como em «*deadline*», está ligada ao conceito de um limite de tempo?

Qual é a diferença psicológica entre oferecer a uma pessoa as ferramentas e os recursos de que precisa para criar algo ou obrigá-la a fazer a mesma atividade dentro de uma «*deadline*»? Os limites de tempo são um exercício de força com o propósito de obter um resultado, por parte de quem controla o tempo.

Quando combinamos um prazo de tempo com a ameaça de punição de morte, a pressão aplicada é, na verdade, abuso psicológico.

Num estudo que investigou a relação entre pressão de tempo e criatividade, concluiu-se que:

... a pressão de limite de tempo, em níveis moderados a altos, geralmente experimentada nas organizações contemporâneas, tem um efeito negativo direto no processo cognitivo de criatividade.²⁹

Não aparenta ser óbvio, para muitas pessoas, que ameaçar outros com um castigo, caso não se comportem dentro de um tempo limite específico, tem na verdade a possibilidade elevada de produzir o efeito contrário ao que se pretendia.

Quantos pais já proferiram a frase “vou contar até três e, se não fizeres o que te estou a pedir, vais levar um estalo/vais para o teu quarto!”

²⁹ https://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/02-073_03f1ecea-789d-4ce1-b594-c74aa4057e22.pdf

Decretar limites de tempo significa vigilância, julgamento e punição pela falha em obedecer. O uso do tempo enquanto motivador de comportamento opera a partir de uma mentalidade negativa, que assume que o recetor não faria uma determinada tarefa a menos que houvesse um prazo e, assim sendo, a pressão de tempo convida o recetor a revoltar-se, na verdade.

Porque é que o tempo pode ser usado como um executor, desta forma? A resposta mais simples é a de que todos vamos morrer e, portanto, todos temos tempo limitado. O tempo é um recurso escasso para a raça humana e pode ser, pois, usado como uma motivação para alterar o comportamento humano.

Isto, para Deus, é completamente diferente.

Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito; como também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos. Isaías 57:15

O nosso Pai, que está no céu, habita num estado de eternidade. Por causa da Sua existência eterna, o tempo não é uma raridade que seja estimada da forma como nós a estimamos. Peguemos na estrutura de oferta e procura. Deus tem uma oferta ilimitada de tempo; portanto, não tem o mesmo efeito, n'Ele, que tem em nós. A sua referência de tempo é completamente diferente.

Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. 2 Pedro 3:8

Cada dia, para Ele, é ocupado com cuidar da Sua criação. Num só dia o nosso Pai faz o trabalho de mil anos na nossa percepção, e mais. Inversamente, o Seu foco nos Seus filhos e o Seu carinho infinito por nós fazem com que o tempo passe como se mil anos durassem um dia. Conhecemos este sentimento porque, quando estamos com aqueles que amamos e temos diálogos intensos perdemos a noção do tempo. Depois de várias horas olhamos para o relógio e ficamos chocados porque o tempo voou. Portanto, é-nos possível ter uma amostra do sentimento de eternidade nesses momentos, mas, ainda assim, as nossas noções acerca

do tempo são diferentes. Isto deve-se a um facto muito simples: todos morremos.

A morte altera o valor do tempo. Para a maioria das pessoas, o tempo é incrivelmente precioso e, portanto, é um dos maiores bens com que negociamos.

Reconhecendo estas coisas, os gregos tinham mesmo um deus, chamado Chronos, que personificava o tempo. A mitologia grega é complicada e mutável, mas o deus Chronos foi, a dadas alturas, confundido com o titã Cronos, que era a expressão dos efeitos destruidores do tempo nas pessoas. Neste sentido, o tempo destrói os seus filhos. Cronos é representado como um deus que come os próprios filhos. A lenda destas duas personagens misturou-se e tornou-se o Pai Tempo.³⁰



Também é interessante notar que ele era descrito como tendo a forma de uma serpente tricéfala. As cabeças eram as de um homem, de um touro e de um leão.³¹

Cronos, também conhecido como Éon/Eão, gerou-se a si mesmo e não recebeu herança de ninguém. É descrito como um velho com uma barba. Carrega uma foice que significa o seu ceifar da humanidade e a destruição trazida pelo tempo.

Anaque era o nome de outra divindade primordial da mitologia grega, a personificação da necessidade e do destino. Era representada segurando um fuso e estava presente aquando da criação do universo,

³⁰ <https://en.wikipedia.org/wiki/Chronos>

³¹ https://www.greekmythology.com/Other_Gods/Primordial/Chronos/chronos.html

juntamente com o seu cônjuge, Chronus (tempo). Ananke e Chronus tinham ambos a forma de uma serpente, e estavam entreteçados, girando à volta do ovo da matéria primordial.³²

O conceito de uma entidade que se mostra como uma figura paternal, de longas barbas, que vive para sempre e se gera a si mesmo é fácil de confundir com o Deus da Bíblia.

Para todos os que vivem sob o jugo e o medo da morte não é difícil ver como se confunde o Deus verdadeiro com muitos aspetos de Chronus. Para os que têm a certeza da vida eterna, o tempo perde o seu poder e o medo da morte é vencido, expondo, assim, as verdadeiras origens do deus Chronus enquanto serpente.

A eternidade é uma existência absolutamente diferente do tempo. O tempo, ligado ao medo da morte, faz com que nos sintamos irritados com aqueles que nos fazem “desperdiçar” tempo, ou que não agem de forma eficiente usando o tempo de que dispõem. A eternidade é uma experiência de completo repouso e de paz. É este o conceito ligado ao Shabat. No livro do Génesis, notamos com curiosidade que se trata do sétimo dia da primeira semana, sem mencionar que veio após uma tarde e uma manhã e foi o sétimo dia. Isto só acontece com os seis primeiros dias. Há uma atemporalidade ligada ao Shabat. É o dia em que estamos mais fortemente ligados ao nosso Pai do céu e saboreamos de modo mais profundo a paz de Deus, durante esse tempo.

O apóstolo Paulo, um homem de grande saber, fez um sem-número de afirmações que teriam desafiado bastante os seus leitores gregos.

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus, Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos; [G5550] G166] [antes de Chronus, eonico] 2 Timóteo 1:8,9

³² https://www.greekmythology.com/Other_Gods/Primordial/Ananke/ananke.html

Paulo fala de Cristo como existindo antes de Chronus Éon. Esta é uma visão do mundo completamente diferente da que os gregos entendiam. A palavra central, em hebraico, para eternidade, é Olam; *tempo fora da mente* ou *fora da visão; acima do horizonte*. Esta palavra, Olam, é utilizada quando se fala de Cristo da seguinte forma:

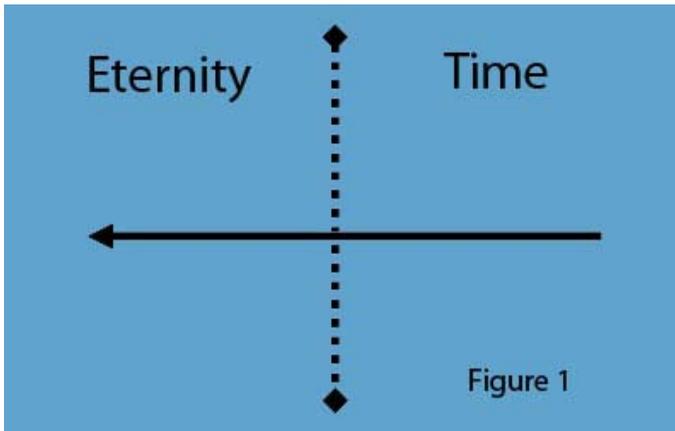
E tu, Belém Efratá, pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade. [Olam] Miqueias 5:2

Para a mentalidade grega é impossível que alguém eterno tenha uma origem. Isto não é nenhuma dificuldade para a mentalidade hebraica. Cristo tem a Sua origem num lugar antes do tempo. É um local que está além do entendimento da mente humana. Isto permite facilmente compreender que a origem de Cristo e a conceito hebraico de eternidade existem em simultâneo n'Ele.

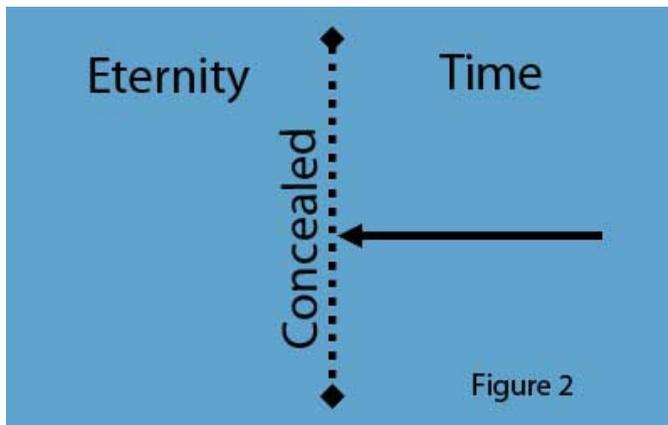
Na mentalidade grega, o tempo é o grande deus auto-gerado. É impossível conceber uma estrutura fora do tempo. Os Cristãos, ao procurar mostrar Cristo como Deus verdadeiro, prestam homenagem, inconscientemente, a Chronus, ao exigir que Cristo tenha vivido no tempo eterno. Isto é fazer com que o tempo e a eternidade sejam um só conceito.

Procurar fundir o conceito hebraico de eternidade com o conceito grego de Chronus destrói a possibilidade de Cristo ser o verdadeiro Filho de Deus, nascido na eternidade. Basicamente, Chronus salta do reino finito do tempo, dos gregos, para a sala do trono da eternidade e assassina o Filho de Yahweh/Jeová.

Muitos Cristãos não conseguem aceitar que Cristo tem uma origem algures na eternidade porque isto, na forma de pensar dos gregos, torna-O menos como Chronus/Éon. Portanto, de forma a ser semelhante ao Deus supremo, Cristo não pode ter uma origem de forma nenhuma, destruindo, assim, a realidade da herança que recebe de Seu Pai. Como já dissemos, a mentalidade grega vê o tempo e a Eternidade como a mesma coisa, apenas uma quantidade infinita de ambas.



O conceito hebraico é diferente.



Cristo existe antes de tempo ou Chronus, como Paulo nos explicou. Vem do reino da eternidade para dentro do tempo. Contudo, Ele vive sempre na experiência da eternidade, pois não tem medo da morte nem dispõe de uma oferta limitada de tempo. De novo, Paulo fala-nos deste princípio, quando diz:

Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes [G4253] dos tempos dos séculos; [prometida antes de Éon(io), Chronus] Tito 1:2

A razão pela qual a nossa experiência de vida é, essencialmente, focada no tempo é por causa do medo da morte. Podemos experienciar a eternidade agora, se tivermos a certeza da vida eterna; não só desejá-la ou esperar por ela, mas saber, com certeza, que já a temos, em Cristo, Jesus.

A diferença entre o tempo e a eternidade pode ser comparada a uma belíssima música sendo cantada sobre uma guitarra que toca. A música tem ritmo mas o ritmo não é o ênfase, o ênfase está nas palavras e o tempo da música simplesmente mantém os seus elementos juntos; a voz e a música, juntas. Se uma grande bateria for adicionada à música doce da guitarra para enfatizar o ritmo da música, fazendo com que a bateria domine a música, altera a experiência por completo. A mensagem da música fica submersa no tempo da música, a que se deu ênfase a mais. A introdução da morte no mundo foi como adicionar uma batida condutora à nossa experiência de vida. O tempo vai martelando nas nossas vidas porque a sua oferta limitada nos conduz a que tentemos conquistar tudo o que pudermos antes da morte. Quando estamos seguros de que temos vida eterna, o ritmo volta ao seu papel gentil e pacífico de manter as coisas juntas de modo ordeiro; a serenidade regressa e a contemplação expande-se.

Este elemento do tempo representa um papel vital na compreensão do processo de julgamento nas Escrituras. No capítulo 15, olhámos para a estrutura profética que nos diz quando é que o julgamento terá início. É dito a Daniel que vão ser precisos 2300 anos até que o Santuário seja purificado, e os princípios que são vividos durante o Yom Kippur encontrarão uma realização final de 1844 em diante.

A partir deste tempo, Deus examina os livros de registo, no julgamento, para ver quem vive e quem morre. Contudo, como descobrimos no capítulo 19, o contexto de julgamento é que Deus está a defender o Seu povo das acusações de Satanás contra eles. Este evento é visto através de um prisma muito diferente pela maioria das pessoas. O julgamento é visto como uma experiência de “vê lá se tens cuidado”.

Isto torna o julgamento numa experiência de “tens uma certa quantidade de tempo para começares a portar-te bem e, se não o fizeres, então serás morto”. Esta perspetiva do julgamento tem o efeito oposto do pretendido, nos pecadores. O medo que isto cria faz com que superar o

pecado seja impossível, uma vez que no amor não existe medo (1 João 4:18).

Todo o ensinamento de um julgamento a ter lugar num certo tempo antes da segunda vinda realmente aumenta a nossa motivação baseada no tempo e revela a nossa idolatria de Chronus. A maior parte dos Cristãos rejeita a ideia de um julgamento antes da segunda vinda, mas depois evitam o processo da lei entrando no seu percurso Cristão , fazendo o seu pecado abundar (Rom 5:20). Através de, erradamente, pregarem a lei na cruz, removem os meios que Deus usa para nos mostrar o nosso pecado, de forma a que o possamos trazer a Cristo.

O julgamento do pré-advento é vital para expor a nossa adoração caprichosa ao tempo. Este julgamento é um espelho das nossas almas perversas. Mas onde este pecado abunda, a graça maravilhosa de Deus abunda ainda mais!

A Bíblia diz-nos realmente que o efeito do julgamento causará o fim de Chronus.

E jurou por aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que **não haveria mais demora** [Chronus, tempo];
Apocalipse 10:6

O juízo investigativo é uma vacina espiritual que reflete o vírus do julgamento baseado no tempo e a condenação em nós. À luz da verdade de Cristo, que não julga, esta vacina funciona de forma perfeita para nos livrar do julgamento baseado no tempo. É por isto que, durante o processo de julgamento, o povo de Deus deixa de estar preocupado com Chronus. Começam a viver na experiência da eternidade, pois já não temem a morte.

Quando era criança tinha medo desta passagem da Bíblia.

E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo. Quem é injusto, seja injusto ainda; e quem é sujo, seja sujo ainda; e quem é justo, seja justificado ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.
Apocalipse 22:10,11

Falava-me de um tempo em que Deus desenharia uma linha na areia; um tempo em que Deus diria ‘basta’ e que quem não estivesse preparado seria condenado. É verdade que vai chegar uma época em que Deus dirá “deixem que aqueles que são ímpios permaneçam ímpios”, mas isto não é porque Deus ficou sem tempo e, então, decidiu condenar todos aqueles que não O escutaram.

Deus exemplificou, através de Seu Filho, como a provação pode terminar numa nação, como amostra do fim dos tempos. Quando os líderes dos Judeus rejeitaram Cristo e recusaram terminantemente abrir os seus corações a Ele, soluçou lágrimas sobre Jerusalém. Finalmente, Jesus bradou e disse “Eis que a vossa casa vos ficará deserta” (Mat 23:38). A provação não é encerrada por Deus; é encerrada pelo homem e Deus é forçado a aceitá-la.

A Bíblia diz-nos que a misericórdia de Deus é eterna (Salmos 100:5; 107:1; Esdras 3:11; Jeremias 33:11). Ele está sempre pronto a oferecê-la. Mas o homem pode cancelar a misericórdia de Deus, ao recusar aceitá-la. Nos eventos finais da história desta terra, o mundo receberá uma mensagem de não violência do caráter de amor infinito de Deus, no contexto da Bíblia. O mundo inteiro verá este caráter demonstrado no povo de Deus e será iluminado pela sua glória.

E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória.
Apocalipse 18:1

Ou se juntarão ao povo de Deus ou o rejeitarão e procurarão destruí-lo. Assim, todo o mundo fará a sua decisão e a provação será encerrada para toda a raça humana.

Existem muitos, hoje, que procuram prever o futuro usando tabelas de tempo e profecias com períodos de tempo de quando Deus terminará a provação humana. Todas estas coisas são homenagem a Chronus e refletem o mito do Pai Natal de que “devemos prestar atenção!”

A pressão do tempo aplicada às pessoas, com uma ameaça de morte, não irá criar pessoas que sejam seladas com o caráter de Deus. As pessoas precisam de vir para a experiência da eternidade e permitir que Chronus pare de controlar as suas vidas.

Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo. No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor. 1 João 4:17,18

Deixemo-nos de idolatrar Chronus; destronemos os deuses que exigem que a divindade só possa ser atribuída a entidades que passem o teste de Chronus-Éon. Yahweh/Jeová e o Seu Filho não estão em dívida para com Chronus , para terem de nos provar a sua divindade. Repetimos:

Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos; Tito 1:2

Se realmente precisamos de provar a divindade do Filho de Deus, façamo-lo através do perfeito caráter de amor que manifestou, enquanto homem. Foi isso que Deus nos entregou, para que estudemos, não o que é *olam – tempo fora da mente ou fora da visão; acima do horizonte.*

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade. João 1:14

Era a natureza eterna de Cristo que Ele queria que os Seus discípulos estudassem, quando esteve com eles por três anos e meio? Não, antes era o Seu caráter de amor agape, revelando que Deus é amor e vida; não Chronus e morte. Ele não é mensurável pelo tempo; algo que criou. Debrucemo-nos no caráter de Deus e na relação que Ele mantém com o Seu Filho e deixemos de parte este aspetos desconhecidos da eternidade, até que o nosso Pai no-los revele.

26. Purificação e Aperfeiçoamento do Templo Espiritual

A pedra angular que construímos neste livro tem alguns ingredientes.

1. Deus não julga/condena ninguém. João 5:22
2. Cristo não julga ninguém. João 8:15
3. A lei de Deus é espiritual e lida com assuntos do coração. Dentro do Seu reino, a Sua lei não é um código legal a ser imposto, mas um reflexo do Seu caráter que é vivido alegremente nos Seus filhos, por meio do Seu Espírito.
4. Cristo na terra é a revelação plena do caráter de Deus. Esta revelação ilumina o resto das Escrituras com a luz do caráter de Deus.
5. A condenação origina-se na família humana por meio de Adão, que foi inspirado por Satanás, quando Adão condenou o Filho de Deus e Eva pelo seu pecado de comer o fruto da árvore do conhecimento.
6. A justiça de Deus significa fazer o que é correto, e o correto a fazer, para Deus, é ser gentil, gracioso, misericordioso e deixar que as consequências das nossas ações nos recompensem ou punam.
7. A forma de Deus nos salvar é revelada pelo sistema do Santuário. Cada passo desse caminho mostra ao homem os erros da sua forma de pensar. Deus revela à humanidade o seu desejo de sacrifícios (que não era do seu desejo) ordenando o sistema sacrificial; mostra à humanidade o seu juízo e a sua natureza condenatória pelo processo de julgamento.
8. A mensagem do Primeiro Anjo, que afirma que “é chegada a hora do Seu julgamento”, significa que agora teremos de julgar o caráter de Deus; assim como imaginamos e julgamos o Seu caráter, julgamo-nos a nós mesmos por esse entendimento.
9. Deus não guarda nenhum registo nem inventário com o propósito de condenar pecadores.
10. Desde a história da mulher apanhada a cometer adultério que são os líderes da igreja quem exige o processo de julgamento. Este processo resulta no primeiro a ser o último e no último a ser o primeiro, com cada um julgando o seu próprio caso.

11. Satanás é o promotor/acusador, no julgamento. Deus examina as nossas histórias de vida, durante o julgamento, para nos defender contra as acusações de Satanás.
12. A abordagem de Deus relativamente ao tempo é completamente diferente da nossa. Deus não usa o tempo como uma ferramenta de manipulação para forçar a Sua criação a comportar-se corretamente. O juízo baseado no tempo é apontado nas Escrituras como mostrando ao homem a sua própria pecaminosidade, e encorajando-nos ao arrependimento .

Partindo desta pedra angular que lida com o juízo podemos aproximar-nos de Deus. Como nos dizem as Escrituras:

E chegar-me-ei a vós para juízo; Malaquias 3:5

Assim que Cristo se acerca de nós com amor ao longo do processo de julgamento, Ele é a testemunha fiel. Cristo mostra-nos qual é, exatamente, o nosso problema, não para nos condenar mas para nos curar.

Nos meus primeiros anos como Cristão, tremia de medo só de pensar no juízo. Apesar de encontrar conforto em Jesus, perguntava-me como poderia passar pelo julgamento. A pressão do tempo que me era aplicada e a minha ideia de que Deus ia, a dada altura, manifestar um espírito de condenação causavam-me grande apreensão.

Tentei aquietar os meus medos e, como tantas pessoas da igreja, pensei em todas as pessoas ímpias no mundo que eram “piores” do que eu. As pessoas da igreja têm a necessidade de que as pessoas do mundo sejam perversas, para que se possam sentir melhor consigo mesmas à luz de um Deus que condena e destrói os pecadores que não fazem o que é certo dentro de um certo prazo de tempo. Dentro desta estrutura de pensamento dá-se o raciocínio de que Deus não irá matar todas as pessoas, seguramente, portanto, se me julgasse como sendo melhor do que todas as pessoas que conheço, deveria sobreviver e ser enviado para o Céu. Uma pessoa com esta mentalidade nunca consegue ter descanso e vai ver, continuamente, todas as pessoas como competidores.

Rogo para que, neste livro, tenham obtido algumas ferramentas-chave que vos permitam ver que Deus nunca vos condenou, nem uma única vez, e que nunca o fará. Isto tem sido um pensamento extremamente

libertador para mim, pessoalmente. Foi uma das maiores peças do quebra-cabeças, para mim, remover o medo e permitir que toda a verdade inteira do amor do Pai entrasse no meu coração.

À luz desta pedra angular que montámos, podemos continuar e completar o templo espiritual a que fomos convidados a fazer parte.

Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra angular; No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. Efésios 2:19-21

Podemos dizer, verdadeiramente, que o Santuário pode ser purificado. Todo o sangue pode agora ser limpo do Lugar Santíssimo, pois Deus não requer estas coisas para o arrependimento. Mas é verdade que Ele teve de nos mostrar estas coisas para nos revelar os nossos corações pecadores, para que nos possamos arrepender de culpar os outros e procurar bodes expiatórios que levem para longe a nossa culpa.

A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome. Apocalipse 3:12

Este novo nome que Deus nos dará será um nome liberto de juízo e de condenação; um nome de bondade carinhosa e de misericórdia terna. Conforme adoramos o nosso Pai maravilhoso por meio do Seu Filho sem condenação em nenhum deles, que sejamos transformados à mesma imagem, “ através do Espírito do Senhor”. Amen.

O dia do Juízo Final! A maior parte das culturas por todo o mundo seguem o princípio de que todos terão de ser levados a julgamento pelas coisas que fizeram nesta vida. Jesus Cristo apresenta um princípio simples para superar os este processo de juízo.

“Não julgueis, para que não sejais julgados” — Mateus 7:1

Como é viver num reino onde param os de julgar o outro? Como é isto possível? Estam os constantemente a julgar as pessoas pela sua aparência, altura, peso, capacidade. Julgam as pessoas pela cor da sua pele, pela sua religião, o seu estatuto social, o seu salário e o seu intelecto.

Para onde nos podem os voltar para encontrar o exemplo perfeito de alguém que não julga, para que possam os seguir o seu exemplo?

***“Vós julgais segundo a carne ;
Eu a ninguém julgo !” — João 8:15***

Como será possível que Jesus não julgue ninguém? Como pode ser obtida justiça se Ele não julga ninguém? Considerem o que que Jesus diz também sobre o Seu Pai.

***“E também o Pai a ninguém julga,
mas deu ao Filho todo o juízo.” João 5:22***

Não nos fala a Bíblia do juízo de Deus em que cada um colhe as consequências dos seus atos? Como é que isto se coaduna com as palavras de Jesus? Aprenda os segredos para superar a condenação que sentin os quando falham os e o desdém que sentin os pelos outros quando nos desapontam .

Venha para a luz da verdade onde não existe nunca condenação .